

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

LEILA MARIA VENCESLAU RODRIGUES DA CUNHA

**O DUPLO MAL-ESTAR DO JOVEM
CONTEMPORÂNEO**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2008**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

LEILA MARIA VENCESLAU RODRIGUES DA CUNHA

**O DUPLO MAL-ESTAR DO JOVEM
CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Psicologia Clínica** sob a orientação do **Prof. Dr. Renato Mezan**.

**SÃO PAULO
2008**

LEILA MARIA VENCESLAU RODRIGUES DA CUNHA

**O DUPLO MAL-ESTAR DO JOVEM
CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Psicologia Clínica**.

Aprovada em: ____/____/2008

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Renato Mezan
Orientador

Prof. Dr. David Leo Levisky

Profª Drª Rosimar Alves Querino

Às gerações que semearam afetos e saberes em mim – avós, pais, mestres...

Às gerações que germinaram de meu amor – filhos, alunos, pacientes...

AGRADECIMENTOS

Sou grata a você, minha mãe. Foi minha financiadora nesse projeto, meu incentivo, minha interlocutora de todas as horas, minha sempre professora, minha incondicional tiete...

Sou grata a você, meu pai. Pelo patrimônio que desejo partilhar sem repartir: entusiasmo; coragem; curiosidade e a diversidade de interesses.

Sou grata a vocês, meus pais. Pelo amor, pelo cuidado, pela cumplicidade.

Sou grata a vocês, meus filhos. Pela oportunidade de exercer o meu papel de mãe com tanta liberdade e plenitude. Por serem companheiros, amorosos e presentes.

Sou grata a você, Rosimar. Por tudo que tenho aprendido em nossa convivência. Por seu respeito às diferenças e por sua generosidade em compartilhar idéias, projetos e obras.

Sou grata a você, professor Mezan. Pelo acolhimento desde a primeira entrevista, pela confiança, por ser pródigo em seus saberes.

Sou grata a vocês, Sigmund Freud; Donald Winnicott; Maurício Knobel; Arminda Aberastury; David Levisky (duplamente); Luis Claudio Figueiredo; Joel Birman; Cecília Meirelles; Adélia Prado e tantos outros por proporcionarem um contato mais próximo para a compreensão do adolescente.

Sou grata a vocês, adolescentes. Por serem partida, por oferecerem trajetos e por serem fins a alcançar.

Aninha e suas pedras

Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras

e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e
faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha
um poema.

E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão
de vir.

Esta fonte é para uso de todos os
sedentos.

Toma a tua parte.

Vem a estas páginas

e não entres seu uso

aos que têm sede.

Cora Coralina

RESUMO

Cunha, Leila Maria Venceslau Rodrigues. *O Duplo Mal-estar do Jovem Contemporâneo*. São Paulo, 2008, 158 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de pós-graduação em Psicologia Clínica.

Esse trabalho problematiza o contexto da adolescência contemporânea. Discute dois vértices que fazem parte da vida do adolescente nos dias de hoje: o fato inerente de seu desenvolvimento que implica em mudanças bio-psicossociais; e o fato de conviver com uma sociedade que também está passando por alterações que a conduzem a um desequilíbrio. Ambos interagem provocando novos sofrimentos e desajustes que precisam ser identificados e analisados para ações de cuidado que diminuam o desamparo sentido pelo adolescente. O diálogo entre teóricos e a poesia – Auto-retrato conduz à conceituação. São discutidos cinco casos clínicos e duas oficinas de educação em saúde para trabalhar as questões propostas no estudo. Os mitos são trazidos para referendar o caráter de universalidade para algumas experiências dos adolescentes, suas famílias e seus grupos. Identificam-se novas configurações familiares que implicam em mudanças significativas em sua estrutura, funcionalidade e dinâmica oferecem um diferente contexto de formação para as crianças e adolescentes. As famílias e a sociedade querem um jovem amadurecido e pronto para fazer suas escolhas e responsabilizarem-se por elas, mas não aceitam perder as crianças que tinham sobre seu domínio. O duplo mal-estar se configura quando o adolescente não consegue lidar com as perdas, frustrações e a dor porque não aprendeu durante sua vida; e não recebe de seu ambiente a continência necessária para garantir sua saúde psíquica, porque também seus cuidadores não sabem lidar com o sofrimento. Para atender essa demanda, faz-se necessário o fortalecimento das relações, com papéis e funções claros e objetivamente compartilhados.

Palavras chave: adolescência; mal-estar; figuras parentais.

ABSTRACT

Cunha, Leila Maria Venceslau Rodrigues. *O Duplo Mal-estar do Jovem Contemporâneo*. São Paulo, 2008, 158 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de pós-graduação em Psicologia Clínica.

This study investigates the context of the contemporary adolescence discussing two vertices that are part of the current adolescent's life: the inherent fact of their development, which implies biopsychosocial changes, as well as the fact of living in a society which is also going through transformations that lead it to instability.. Both interact causing new distress and disadjustment that need to be identified and analysed, and actions taken to diminish the forsaking felt by the adolescent. The dialogue between theorist and poetry – self-portrait leads to conceptualization. We discussed five **case studies** and two workshops on health education to examine the issues proposed in the study. The myths point at the universal character of some adolescents' experiences, their families and their groups. New types of families which imply significant changes in structure, function and dynamics are identified, offering children and adolescents a different developing context. Families and society expect a mature youngster, ready to make and take responsibility over his/her choices, although not willing to lose the children they used to have under their control. Double uneasiness arises when the adolescent is not able to manage his /her losses, frustrations and pains because he/she has not learnt it through life. Moreover, he/she does not receive from their familiar environment the necessary self-discipline that will guarantee his/her psychological health and also because his /her parental figures do not know how to deal with distress. To reach this goal, relationships must be strengthened, with clear and objective roles and functions equally shared

Key words: adolescence; uneasiness, parental figures.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: ADOLESCÊNCIA E MODERNIDADE	17
1 ADOLESCÊNCIA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	18
2 CARACTERIZAÇÃO METAPSICOLÓGICA DA ADOLESCÊNCIA	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.3
3 ADOLESCÊNCIA EM VERSO E PROSA	27
CAPÍTULO II: TRAMAS DA SUBJETIVIDADE	35
1 MODERNIDADE E ADOLESCÊNCIA	36
2 ASPECTOS TRAUMÁTICOS E DISRUPTIVOS DA MODERNIDADE E DA ADOLESCÊNCIA	44
3 TRAMAS DE PASSAGEM DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.2	
A- A TRAMA DE JOSÉ E SUA FAMÍLIA	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.3
B- A TRAMA DO ADOLESCER EM UMA OFICINA DE TEATRO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.1
CAPÍTULO III: SABERES MÍTICOS E TAREFAS DO ADOLESCER.....	72
1 NARCISO E MIRO: PERSONAGENS EM BUSCA DE SI MESMO	75
2 ÉDIPO E SILA: A DIFÍCIL SEPARAÇÃO DAS FIGURAS PARENTAIS.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.4
3 JARDIM DO ÉDEN E HORDA PRIMITIVA: PEDRO E SEU GRUPO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.3

CAPÍTULO IV:

**MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO E MAL-ESTAR DA ADOLESCÊNCIAERRO!
INDICADOR NÃO DEFINIDO.0**

**1 O DUPLO MAL-ESTAR DO JOVEM CONTEMPORÂNEO..... ERRO! INDICADOR
NÃO DEFINIDO.1**

2 O DUPLO MAL-ESTAR DE MARIANA.....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.18

**3 O DUPLO MAL-ESTAR DE RICK E SEU GRUPOERRO! INDICADOR NÃO
DEFINIDO.28**

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.0

REFERÊNCIASERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

ANEXO A.....155

ANEXO B 156

ANEXO C.....157

ANEXO D.....158

INTRODUÇÃO

O tema da adolescência provoca-me desejo de estudo, aprofundamento e tentativas de desvelar idéias. Meu envolvimento com o tema deriva de três diferentes motivações. As duas primeiras motivações são de ordem profissional. Como docente em Psicologia do Desenvolvimento do Adolescente e supervisora de estágio em saúde coletiva, desenvolvo atividades interdisciplinares no Programa de Atenção ao Adolescente vinculado a uma Unidade Básica de Saúde (UBS) da periferia de Uberaba. Como psicoterapeuta, os adolescentes representam parte significativa de minha clientela. A outra motivação é de ordem particular, pois vivi a experiência da maternidade e casamento aos 16 anos e, por isso, tive uma adolescência, no mínimo, diferente da de minhas amigas. Além disso, meu casal de filhos acaba de passar por esse processo.

No contexto das atividades acadêmicas das quais participo, o estudo da adolescência se caracteriza pelo constante enriquecimento de fontes de informações e debates. No contato com os alunos de cada período, percebo o modo como cada um experimenta o final da adolescência. Vale destacar dois instrumentos de construção de aprendizagem que revelam esse processo: o portfólio e nos grupos. Na construção do portfólio, reúnem artigos científicos, reportagens em jornais e revistas de circulação nacional, poesias, desenhos, músicas relacionadas à adolescência e, também, inserem páginas de suas agendas ou diários. Desta forma, a cada semestre, reúno temas que se destacam para eles. Os grupos semanais, atividade acadêmica desenvolvida por alunos de diversos cursos da área da saúde, culminam em fóruns com os adolescentes de uma escola pública da periferia. Noto que alguns temas são freqüentes nas oficinas: sexualidade, especialmente gravidez precoce e a escolha do parceiro; família, quase sempre afetada pela bebida e violência; e as drogas que, geralmente, revelam aspectos mais contraditórios das experiências. Por exemplo, simultaneamente, expressam-se através de desenhos ou textos sobre as dores que acompanham o consumo de drogas e, contraditoriamente, elegem como ídolo e líder o colega mais envolvido com estas. Ele

representa a vitória, o que não “*vacila*”, o que não tem medo.

No consultório, recebo jovens que reconhecem a dificuldade de lidar com as novas experiências. Percebo a baixa auto-estima diante do forte grau de exigências que se impõem: “*eu não poderia ter me calado diante do professor*”, “*eu deveria ter chegado na ‘fulana’*”, “*por que fiz aquilo, o que vão pensar de mim?*”. Ao tomarem uma atitude diante de uma circunstância, logo se condenam. Mesmo quando não reagem, o julgamento não é mais ameno. O medo e a insegurança ao enfrentarem as escolhas, e os lutos pelas opções não escolhidas, acompanham os adolescentes a cada decisão a ser tomada. Queixas dirigidas aos pais sinalizam, às vezes, o desejo de crescer, porém acompanhado de um pensamento rigoroso de não conseguirem assumir a responsabilidade sobre as conseqüências de seus atos: “*minha mãe não me deixa viajar para aquela festa! Escuta só, uma hora eu vou escondido, ela vai se arrepender*”.

Diante destas situações, questiono: quais as novas formas de subjetivação na adolescência? Como estão as funções materna e paterna na constituição do sujeito maduro? Quais efeitos a experiência do mal-estar contemporâneo pode estar provocando na forma do adolescente vivenciar sua passagem para o mundo adulto?

As observações realizadas nas atividades didáticas (consultas a livros, revistas científicas, jornais e internet, leitura dos portfólios, dinâmicas e dúvidas dos alunos), nas oficinas do Grupo e nos atendimentos do consultório, me levaram a delinear idéias que, ao longo dos capítulos, foram confrontadas com os teóricos, visando colaborar com a leitura da realidade de nossa cultura.

Os autores destacam no jovem da sociedade atual a predominância do ‘vivido’ ao ‘pensado’; o questionamento da função paterna e de seus representantes, as solicitações consumistas e dificuldades de adquirir os objetos desejados, a crescente liberdade de costumes, simultânea às grandes exigências de competências, enfim, a oscilação do sistema ‘*laisser-faire*’ e da palmatória. Isto ocorreria, também, com os jovens com os quais trabalho?

O fato de lecionar Psicologia do Desenvolvimento do Adolescente me indicou mais um caminho: o estudo do adolescente fica prejudicado quando limitado às teorias e aos seus pressupostos. O contato com o jovem e a orientação para sua compreensão, assim como ele a experimenta, é essencial, por isso, este trabalho pretende seguir um movimento de idas e vindas, entre experiência e reflexão.

Na experiência com dois grupos - consultório e oficinas - devo considerar algumas diferenças. A primeira relaciona-se com a forma do encontro. No consultório encontramos-nos protegidos pelo contrato terapêutico em múltiplas sessões individuais; já nas oficinas, os encontros com os adolescentes são pontuais e coletivos. Outra diferença está no fato de os jovens do consultório serem agentes diretos da possibilidade do encontro: eles optam pela psicoterapia. Já os adolescentes das oficinas tornam-se sujeitos participativos do encontro, quando aderem ao convite, a motivação é externa.

O que desperta a curiosidade de compreender o adolescente que permeia grupos diferenciados com os quais trabalho? O quê da minha experiência pessoal de um amadurecimento precoce em contraposição ao prolongamento do adolescer vivido pelos meus filhos, pode interferir na condução da questão? Como lidar com a tensão entre o universal e o singular, entre o profissional e o pessoal, entre a leitura dos teóricos e a escuta direta de como o adolescente vivencia este fenômeno?

As experiências com adolescentes despertaram-me para a velocidade das mudanças culturais, a interferência da mídia e dos apelos do consumo, a precocidade da puberdade e do despertar da sexualidade parecem causar sérios transtornos à construção da identidade na adolescência.

O referencial teórico deste estudo é a Psicanálise. Tal referencial resgata características da essência humana que ultrapassam realidades ligadas a uma geração ou sociedade; oferece uma boa compreensão das relações afetivas que, durante o desenvolvimento da infância para a adolescência, traçaram a trajetória da formação da identidade de cada um; propicia um cuidado mais eficaz do adolescente em termos de acolhimento e orientação, além das possibilidades terapêuticas. Seja na escola, na clínica ou na família, urge a necessidade de, tanto os adultos quanto os jovens, encontrarem formas de amenizar as dores do crescimento e das perdas necessárias para a aventura da subjetividade e, conseqüentemente, a conquista da identidade.

Quanto à metodologia, optei por uma pesquisa qualitativa com dados de casos clínicos atendidos em consultório particular e da experiência com grupos de adolescentes atendidos interdisciplinarmente em atenção básica à saúde. Aqui, a pergunta de investigação dirige-se a uma questão fundamental: a experiência vivida pelos adolescentes com os quais atuei. Este posicionamento facilitou a investigação, permitiu a emergência de questionamentos e a análise das experiências à luz das teorias.

A abordagem qualitativa, por ser *descritiva* ao detalhar uma determinada situação e *analítica* ao procurar o levantamento de problemas e estabelecer relações causais entre estes, evita os riscos de perder detalhes e aspectos peculiares de fenômenos sociais. Para a análise de dados desta pesquisa utilizei a metodologia proposta por Minayo¹ para a qual a “fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida”. Assim, justifica-se o olhar da psicologia sobre o ser humano e, particularmente, sobre o adolescente. Contextualizar, neste estudo, significa lançar o olhar para a família; procurar entender o adolescente e seu comportamento em grupo, suas relações amorosas e entre seus pares buscando dados que revelem particularidades e generalidades na subjetividade e representações de adolescentes envolvidos no meu trabalho.

Figueiredo faz um paralelo entre a pesquisa e a clínica e afirma que:

A mobilização dos conceitos psicanalíticos para a análise de fenômenos e processos sociais e históricos concretos deve caminhar com cautela. Tal como ocorre na clínica, nada mais empobrecedor e inútil do que a aplicação desses conceitos à realidade de forma a transformá-la em mera ilustração do que a teoria, supostamente, já sabe. Por outro lado, o rigor conceitual torna-se tão mais importante quanto mais complexa e sugestiva é a realidade em exame. Essa complexidade e essa riqueza podem nos encantar e conduzir a apreciações meramente impressionistas. Sabemos, porém, o quanto estas “impressões” estarão inevitavelmente saturadas pelos nossos preconceitos e viéses, por nossas antipatias e simpatias. O trabalho analítico, teoricamente calçado, deverá, entre outras coisas, nos levar para além dos discursos ideológicos.²

Cada indivíduo torna-se portador de uma consciência coletiva, devendo ser considerado como amostra de continuidade de um grupo. “Essa compreensão do indivíduo representativo tem, portanto, que ser completada com as variáveis próprias tanto da especificidade histórica como dos determinantes das relações sociais”.³ Deste modo, os sete casos selecionados para análise são representativos por permitir a

¹ MINAYO. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 2000, p. 109.

² FIGUEIREDO. Psicologia – Uma Nova Introdução. 2000, p. 145

³ MINAYO. Ibid., p. 113

compreensão dos modelos culturais e da particularidade das determinações. Os casos foram assim obtidos: cinco atendidos em minha clínica e dois no projeto de atenção aos adolescentes, desenvolvido na UBS. Nestes últimos destacamos uma oficina de teatro com cerca de vinte adolescentes e o caso de um adolescente no contexto grupal.

Em um artigo em que avalia a Psicanálise e a Pós-graduação, Mezan discrimina alguns temas, dentre eles, aponta a possibilidade de trabalhos com interface psique/sociedade, em esferas como a educação geral ou específica, a prática política ou a ideologia da juventude. Evidencia que:

A função do psicanalista numa equipe multidisciplinar que opera em âmbito institucional pode não ser idêntica à sua atividade no consultório, mas guarda com esta, relações bastante estreitas: é no fundo a mesma escuta, o mesmo contato direto com o sofrimento psíquico, materializado em pessoas de carne e osso com seus sintomas, defesas, fantasias e transferências⁴

Os resultados obtidos foram divididos em quatro capítulos. No primeiro, *Adolescência e Modernidade*, exponho as bases teóricas do presente estudo. As especificidades sócio-culturais são analisadas e desenvolvidas, objetivando a contextualização e a articulação da pesquisa empírica com o referencial. Deparei-me com uma belíssima poesia de Cecília Meireles e, desde então, penso o quanto retrata a adolescência em sua complexidade. Empenho-me, neste capítulo, em trabalhar as leituras científicas com a poesia *Auto-retrato* e passagens significativas de falas de adolescentes nas sessões clínicas. A abordagem da metapsicologia se fez presente por permitir reflexões sobre os movimentos intra-psíquicos, as inter-relações e o jogo tranferencial.

No segundo capítulo – *Tramas da Subjetividade* - referencio o significado de modernidade como contexto espaço-temporal, apresento os aspectos traumáticos e disruptivos da subjetividade e abordo duas situações - uma de consultório e outra das oficinas com adolescentes – que retratam a experiência do ingresso na adolescência no mundo de hoje.

⁴ MEZAN. Psicanálise e Pós-Graduação: Notas, Exemplos, Reflexões 1999

Os conceitos psicanalíticos de Narciso e Édipo permitiram a avaliação da questão da universalidade de determinadas situações experimentadas pelo adolescente e nortearam o capítulo três - *Saberes Míticos e Tarefas do Adolescer*. Também serão usadas as referências mitológicas do Jardim do Éden e Horda-Primeva para o diálogo com a instauração super-egóica na adolescência. A prática clínica será constantemente apresentada como interlocutora na discussão.

No capítulo quatro - *Mal-estar contemporâneo & Mal-estar da adolescência* - apresento a crise do mal-estar em dose dupla: de um lado, como processo inerente do desenvolvimento do adolescente na sociedade ocidental; de outro, o caminhar para um 'mal-estar na atualidade' da civilização moderna. Neste momento, a inadequação provocada pelo autocentramento do eu, iniciado no século XVII, choca-se com a tentativa de atender ao olhar do outro no campo social. Ou seja, dirigir-se ao outro toma uma função de necessidade externa de convívio e não uma experiência de solidariedade. A experiência da individuação passa para a da individualidade. Para enfrentar esse duplo mal-estar o adolescente requer um respaldo do ambiente externo, família e sociedade, com valores fortes e continentais que, muitas vezes, estão ausentes.

Nas *Considerações Finais*, retomo o percurso realizado e consolidado as descobertas. A tentativa de aprofundar questões da estrutura psíquica e da interferência das questões sócio-culturais atuais no entendimento do adolescente e sobre sua complexidade pretende orientar quanto aos cuidados profiláticos e psicoterapêuticos.

CAPÍTULO I

ADOLESCÊNCIA E MODERNIDADE

Essa proeza espaço-temporal é nosso desafio, considerando que algo daquele passado não nos é de todo desconhecido. Algo dele está presente em nosso imaginário consciente e inconscientemente, na forma de perceber, de ser e de sentir, tanto que identificamos em nossa vida cotidiana traços daquela época.¹

¹ LEVISKY. Adolescência: Psicanálise e História. 2004, p. 20.

1. ADOLESCÊNCIA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Começarei por apresentar as contribuições dos autores pioneiros e contemporâneos para o entendimento da adolescência como a percebo em meu trabalho.

Em seu livro *A causa dos adolescentes*, Dolto² (1990) refere-se à adolescência, como a uma fase de mutação comparável à passagem do feto à criança de peito. O bebê deve aparelhar-se para a adaptação ao ar e à digestão. O adolescente está no início da conquista de um novo espaço que agora vai ser delineado com a sua própria performance. A base biológica e cultural foi dada, agora é o indivíduo.

Sílvia Tubert na obra *A morte e o imaginário na adolescência* alertou para o mito da idade adulta. Nunca se alcança um estado adulto ideal e perfeito, o adulto conserva em si vivência da infância e da adolescência. A superação das estruturas da infância, diante da transformação em algo novo, conserva em si o antigo, não havendo substituição da velha estrutura por uma nova. “Há uma relação dialética entre a história, que é a reconstrução (e não uma evolução) das relações intersubjetivas que constituíram o sujeito e a situação presente, que atualiza e revela o histórico, ao mesmo tempo em que lhe confere nova significação”.³ Os conceitos de caos e organização trabalhados durante a formação no mestrado me levam a perceber o processo da adolescência neste movimento, no sentido de dar novos sentidos ao que existe.

Levisky⁴ afirma que o processo de identificação se inicia antes do nascimento, a partir de anseios, projeções conscientes e inconscientes dos pais e prossegue por toda a vida através de sucessivos períodos críticos de reorganização e adaptação. A identidade, sendo um

² DOLTO. *A Causa dos Adolescentes*. 1990

³ TUBERT. *A morte e o imaginário na adolescência*. 1999, p. 16.

⁴ LEVISKY. *Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira*. 2000, p. 25

aspecto da personalidade, é composta por identidades parciais que se combinam para formar novas configurações afetivo-cognitivo-sociais. A adolescência adquire singularidade atípica de síntese das experiências vividas na infância e da preparação do devir da maturidade e velhice.

Esses versos de Rilke expressam como cada experiência tem uma relação dinâmica entre o que foi vivido em cada momento e o que foi vislumbrado para chegar às realizações que ganham significados a cada nova experiência.

[...] tivesse havido em teu olhar repleto
espaço suficiente para entrar a imagem
de um besouro que forceja,
então terias, num vislumbre luminoso, lido
prontamente aquela escrita cujos signos
desde a infância em ti gravaste aos poucos,
de quando em quando buscando ver se alguma frase
se formava, mas ai! Te parecia sem sentido.⁵

A adolescência é um dos momentos em que as mudanças graduais e imperceptíveis tomam visibilidade. Uma boa analogia para as fases de mutação seria a das lagostas em processo de crescimento: estas se desenvolvem de dentro para fora, e quando não cabem mais em suas cascas estas são abandonadas: o animal fica exposto, em carne viva, até que se forme uma nova casca. Por isso, necessitam se esconder em rochedos. Se os jovens não encontram rochedos para protegê-los durante o tempo necessário para a formação de outra casca, poderão adquirir feridas que deixarão cicatrizes internas recobertas pelas novas carapaças.

A dicotomia universal vs singular se apresenta com particular intensidade no momento de definições. Diferenças de época, cultura, posição sócio-econômica e relações familiares não deverão ser negligenciadas durante este estudo. A adolescência tem sido tema de interesse para vários segmentos nas culturas e épocas, no entanto, permanecem inesgotáveis os questionamentos sobre a diversidade de acontecimentos nos aspectos biopsicossociais desta fase. Em outras culturas, a sociedade oferece rituais de iniciação que auxiliam neste processo de separação e individuação, possibilitando simbolizar através da

⁵ RILKE. Poemas. 1993, p. 105.

experiência do grupo. Silva⁶ citou estudos do etnólogo Bronislaw Malinowski (1970) com nativos trobriandeses que revelam esta realidade. Nestes grupos, a criança inicia atividades econômicas e sexuais em um processo social e gradualmente construído desde os primeiros anos de vida. No final da puberdade, o nativo estará pronto para casar-se e ser um membro ativo da tribo, não existindo ritos de passagem para o mundo adulto.

Em nossa sociedade, a desigualdade sócio-econômica provoca diferenças entre um adolescente que, precocemente, tem que contribuir para o orçamento familiar, trabalhando em serviços menos especializados, e outro que estende sua dependência econômica por um longo percurso acadêmico. Diferenças que se apresentam nas oportunidades, nas obrigações e no tempo/espço para si vivenciados por jovens de situações econômicas díspares.

Existem famílias caracterizadas por relações de extrema simbiose psíquica, nas quais os pais tendem a impedir o processo de separação emocional do adolescente, enquanto outras, por necessidades próprias, procuram atirar o filho para novas experiências, sem considerar a sua realidade psíquica naquele momento.

Portanto, para definir o período da adolescência, temos que considerar as variantes de: cultura, independência econômica, interdependência emocional, maturidade sexual, identidade, maioridade legal, idade cronológica e desenvolvimento cognitivo. A complexidade do adolescente só poderá ser apreendida se o virmos em seu mundo e em sua existência, como ator e como autor de sua própria vida e, mais ainda, com todas as suas crenças, experiências, intrinsecamente ligadas à sua identidade e ao meio.

Levisky⁷ lembra que existem elementos constantes e mutáveis na passagem da infância para o mundo adulto; estes dão o colorido especial a este processo em diferentes épocas e culturas. “A diversidade expressiva da adolescência nos processos históricos mobilizou questionamentos sobre a relação entre as motivações psíquicas profundas, que a psicanálise nos permite alcançar, e sua interface com a cultura dentro do processo histórico”. A dicotomia persiste além das já citadas – normalidade *vs* adoecimento; universalidade *vs* singularidade; excesso de liberdade *vs* excesso de privação – por meio da representação da figura do adolescente na nossa cultura. A citação a seguir mostra como o mundo adulto recebe o candidato ao reconhecimento de um espaço próprio:

Contudo, o adolescente é também a esperança de levar adiante o ideal não realizado do adulto. Sua imagem é sedutora: encanta pelo que ainda não é,

⁶ SILVA. A formação do eu: a busca da autonomia e o desenvolvimento da maturidade. 2003.

⁷ LEVISKY. 2004, p. 17.

mas pode vir a ser. Sua indeterminação é terreno fértil para as múltiplas projeções do adulto, que aí se sobrepõem, constituindo a idealização que faz do mais jovem. No entanto, e por isso mesmo, a imagem se torna, ao mesmo tempo, ideal cultuado e sinal de perigo, uma vez que adquire, no olhar do outro, a potência ameaçadora da realização do impossível.⁸

O adolescente é visto como esperança no sentido de dar nova oportunidade de realização a desejos e projetos ainda não atingidos pelo adulto, e visto como ameaça, quando esse adulto percebe que o mesmo não irá corresponder plenamente às suas expectativas e controle.

Ranña escreveu um artigo dedicado à adolescência no qual relaciona a existência da adolescência com a história das sociedades e realça que, como tem sido experimentada, é um fenômeno da contemporaneidade.

Nas sociedades que não passaram pelas transformações que delineiam hoje o mundo ocidental, e mesmo nas sociedades atuais tradicionais, a passagem da infância para a vida adulta acontece de forma tranqüila, amparada por rituais socialmente estabelecidos, fazendo com que esta mudança seja vivida de forma coletiva, ritualizada, tradicional. Além disso, é transmitida de uma geração a outra por séculos.⁹

Os conflitos da adolescência já foram discutidos por vários estudiosos. A mitologia contém vários personagens, cujas aventuras e comportamentos retratam como a juventude era vivida e percebida na época, algumas serão estudadas adiante. Desde a filosofia grega esses conflitos foram citados como em Sócrates: "Os jovens rebelam-se contra a autoridade e não respeitam os mais velhos. Contradizem seus pais, cruzam as pernas e tiranizam seus mestres"; e Aristóteles "São cheios de esperança, por não haverem sofrido muitos desenganos e se comprazem na convivência valorizando, mais que as pessoas de outras idades, a amizade e o companheirismo, já que buscam mais o amigo do que o interesse. Tudo fazem com excesso: amam-se, odeiam-se, enfim, agem, o fazem com veemência".

Levisky¹⁰ menciona alguns escritos sobre o tema na Idade Média, especialmente em *Confissões* de Santo Agostinho. Entre descrições biográficas Agostinho reconhece a presença

⁸ MATHEUS. Ideais na Adolescência. 2000, p. 151.

⁹ RANÑA. Os desafios da adolescência. 2005, p. 42.

¹⁰ LEVISKY. 2004, p. 20.

deste processo no amadurecimento do indivíduo. Em seus sermões, Julién Verzelay caracteriza a instabilidade emocional e o comportamento distante da razão e escuta do outro e submetido ao sopro das tentações variadas.

Lesourd¹¹ relaciona o adolescente com a política e a evolução das estruturas sociais e das mentalidades. A preocupação com os adolescentes e sua educação torna-se eminente, principalmente em épocas que representaram períodos de transição entre um poder antigo e um poder novo. Ao olhar para a história, Lesourd destaca que, entre 470 e 350 a.C., a Grécia Antiga se dedica à ética da educação na passagem da democracia voltada para a comunidade. Por sua vez, o império valorizava o individualismo e a crítica filosófica voltada para a razão. No século XV a hegemonia cristã, buscada durante toda a Idade Média, prega um poder único, ultrapassando a multiplicidade de referências da Antigüidade. Os séculos XVIII e XIX são marcados pelo fim do absolutismo e início da república com a educação voltada à aprendizagem instrumentalizada e dirigida ao mundo do trabalho.

O final do século XVIII e o início do XIX marcaram o nascimento de diversos campos do saber que, no processo de revolução industrial, elegeram os mais variados temas para estudo. Neste contexto, é importante destacar o fato de a psicologia possuir correntes de pensamento que reservam espaços de discussão ao tema da adolescência. O primeiro psicólogo a estudar e publicar sobre a adolescência foi Stanley Hall no final do século XIX. Hall enfatizou os fatores fisiológicos, geneticamente determinados e minimizou a ação do ambiente sócio-cultural. Para ele, o que ocorre na adolescência estaria determinado desde o nascimento e seria superado em um processo considerado universal.¹²

Já no fim dos anos vinte do século passado, vários estudos de campo em sociedades primitivas constituem o relativismo cultural. Nesta linha de pensamento, há um processo inevitável de passagem da dependência infantil à independência adulta, mas este assume características particulares em culturas diferentes. Nas sociedades primitivas este processo é gradual e contínuo, as crianças recebem responsabilidades na medida em que se tornam capazes de realizá-las. Enquanto nas sociedades ocidentais, o processo é marcado por rupturas como, por exemplo, o ingresso à escolaridade ou a maioridade civil e criminal.

A psicanálise traz a perspectiva psicodinâmica, considera os pontos de vista anteriores como colaboradores na compreensão do desenvolvimento humano e reconhece a existência de componentes naturais na constituição do psiquismo, os fatores de adaptação e

¹¹ LESOURD. A construção adolescente no laço social. 2004, p. 17

¹² CAMPOS. Psicologia da Adolescência: normalidade e psicopatologia. 1996.

integração intrapsíquica e das relações interpessoais que possuem como protótipo a vida familiar. Adoto a perspectiva de que cabe ao estudioso traçar seu percurso analítico por meio da recriação dos conceitos diante da própria experiência clínica, seguindo uma historicização da compreensão da dinâmica psíquica durante a adolescência. Assim, o próximo passo é a abordagem de autores que buscaram uma compreensão metapsicológica da adolescência.

2. CARACTERIZAÇÃO METAPSICOLÓGICA DA ADOLESCÊNCIA

[...] é a metapsicologia que instaura o hiato de compreensão, o desencontro, o equívoco de pessoa (transferência) sem os quais não pode haver escuta psicanalítica; [...]¹³

A metapsicologia serve como sinalizador para o direcionamento das condutas com os sujeitos estudados. Essas não devem encaminhar às explicações e soluções imediatas, e sim criar espaços que permitam encontros de escuta e elaboração psíquica.

Anna Freud foi uma pioneira da psicanálise a pensar sobre desenvolvimento do adolescente. Anna fez parte de um grupo de psicanalistas que enfatizam certa autonomia do ego, ou seja, este não está totalmente subordinado às exigências do id, possui uma energia neutra e dessexualizada possibilitando uma ação educativa diante da crise adolescente através do contato com as partes saudáveis do ego. Frota¹⁴ chamou atenção para algumas considerações de Anna Freud: a adolescência é uma recapitulação das vivências sexuais da infância; surge como a quebra de um sossego e o emergir de convulsão emocional. Embora sua contribuição para o estudo da adolescência seja definitivamente reconhecida, algumas críticas devem ser pontuadas. A própria concepção sobre ‘crise’, sugere uma patologia e não uma fase de transição para um amadurecimento. Vejamos suas palavras:

Os adolescentes são excessivamente egoístas, considerando-se o centro do universo e o único objeto de interesse e, entretanto, em tempo algum de sua vida ulterior são capazes de tanta abnegação e dedicação. Formam as mais apaixonadas relações de amor, para rompê-las tão abruptamente quanto as

¹³ FIGUEIREDO. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. 2003, p. 43.

¹⁴ FROTA. *O desalojamento e a reinstalação do si-mesmo*. 2001

iniciaram. Por um lado, atiram-se entusiasticamente à fruição da vida da comunidade e, por outro lado, possuem uma irresistível ânsia de solidão. Oscilam entre a cega submissão a um líder auto-eleito e a rebelião insolente contra toda e qualquer autoridade. São egoístas e materialistas, mas, ao mesmo tempo, cheios de idealismo grandioso [...].¹⁵

A teoria psicossocial de Erikson (1976) compartilhou o modelo freudiano de uma energia psicosexual fornecida pelo organismo e expande esta idéia traçando o desenvolvimento da personalidade após a adolescência e realçando fatores sociais como interatuantes para o estabelecimento de problemáticas a serem resolvidas durante o ciclo de vida. Concorda com Anna Freud, sua professora, sobre a importância do ego e sua capacidade sintetizadora, mas dá outro sentido ao termo crise, como exposto no trecho abaixo:

Apresentarei o crescimento humano do ponto de vista dos conflitos, internos e externos, que a personalidade vital suporta, ressurgindo de cada crise com um sentimento maior de unidade interior, um aumento de bom juízo e um incremento na capacidade de ‘agir bem’, de acordo com os seus próprios padrões e aqueles padrões adotados pelas pessoas que são significativas para ela.¹⁶

O conceito de crise apresentado aproxima-se da perspectiva adotada nesse estudo: como elemento de composição – “ação ou faculdade de distinguir, ação de escolher, decidir, julgar”; ou como termo médico – “o momento que define a evolução de uma doença para a cura ou para a morte”.¹⁷ Sugere-se um processo dinâmico e contínuo, do nascimento até a morte, onde o mundo externo possui um papel forte e, freqüentemente, positivo sobre o desenvolvimento humano. Para o adolescente, a sociedade concede uma moratória social permitindo que transite entre a infância e a vida adulta como, por exemplo, assume novas responsabilidades, mas mantém jogos infantis; exige independência, mas recorre aos pais constantemente.

A crise, no sentido eriksoniano da adolescência, é desencadeada no quinto estágio, quando a identidade do ego - pólo positivo terá em contrapartida a confusão de identidade -

¹⁵ ANNA FREUD. O ego e os mecanismos de defesa. 1974, p.

¹⁶ ERIKSON. Identidade, juventude e crise. 1976, p. 90

¹⁷ HOUAISS; VILLAR e FRANCO. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 2001, p. 872.

pólo negativo. Dar sentido ao *self* (identidade) inicia-se no nascimento, torna-se central na adolescência e prossegue pelo resto da vida. O senso de identidade carrega consigo um domínio dos problemas da infância e uma prontidão para enfrentar, com igual potencial, os desafios do mundo adulto. A virtude que surge dessa crise de identidade é a virtude da fidelidade – a lealdade sustentada, a fé ou noção de pertencer a alguém a quem se ama, a amigos e a companheiros. Significa, também, identificar-se com um conjunto de valores, uma ideologia, uma religião, um movimento político, uma busca criativa ou grupo étnico.

Para Aberastury, a adolescência é o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento. Os autores conferem importância ao contexto do jovem na cultura ocidental contemporânea:

A sociedade em que vivemos, com seu quadro de violência e destruição, não oferece garantias suficientes de sobrevivência e cria uma nova dificuldade para o desprendimento. O adolescente, cujo destino é a busca de ideais e de figuras ideais para identificar-se, depara-se com a violência e o poder e também os usa”.¹⁸

Essa autora relacionou o conceito de *moratória social* de Erikson com a necessidade de um tempo para os jovens elaborarem um longo processo de lutos. O adolescente precisa aceitar o próprio corpo, com as funções reprodutoras amadurecidas e as limitações infringidas pela perda da fantasia de bissexualidade, para aceitar o corpo do outro. Para eles, este tempo não é carregado apenas de confusões e transtornos, mas, também, da eclosão de uma grande capacidade criativa e a conseqüente satisfação que as conquistas possam trazer.

Parte do princípio de que a adolescência, assim como a infância, não deve ser vista apenas como uma preparação para a maturidade. É necessário enfocá-la com um critério do momento atual do desenvolvimento e do que significa o ser humano nesse período de vida. Afirma que existe um componente universal no processo da adolescência - o re-despertar da sexualidade, agora direcionado pela maturidade genital - que sofre influências das conotações externas peculiares de cada cultura. Este componente obriga o indivíduo a reformular os conceitos que tem a respeito de si mesmo, a abandonar a imagem infantil e a projetar-se no futuro de sua vida adulta. Deste modo, o adolescente estaria deixando sua condição de dependente dos pais e da família e se lançando na construção de si como adulto responsável.

¹⁸ ABERASTURY. Adolescência Normal. 1992, p. 19.

Todo esse processo seria vivido na e pela cultura e história.

Winnicott¹⁹ compartilhou alguns conceitos freudianos e kleinianos e abriu novos caminhos para a concepção da criança e o desenvolvimento psíquico. Enfatizou o papel da mãe no período de dependência absoluta, afirmou a existência de um ego constitucional que, no entanto, não determina um ser; indicou que o ‘vir a ser’ tem a participação da mãe (ambiente), que completa o ego da criança. O trabalho com as crianças e psicóticos o conduziu ao estudo do desenvolvimento emocional precoce e à consideração da importância dos fatores ambientais na constituição do indivíduo. O desenvolvimento emocional do bebê deu-lhe a chave para compreensão dos adolescentes, valorizando a qualidade adaptativa e, conseqüentemente, a importância das condições sócio-culturais.

Winnicott afirmou que a solução para a adolescência é o tempo que passa para o processamento da maturação. Um dos problemas atuais seria o desrespeito deste tempo, tanto representado pelos eternos garotões como pela precocidade. Se, em vez de facilitar a realização de um potencial, o ambiente se torna invasor do sujeito, ele bloqueará o desenvolvimento. Winnicott²⁰ afirmou que o adolescente possui algumas características semelhantes ao comportamento dos bebês, como o isolamento que estaria ligado ao narcisismo primário, quando não existem objetos exteriores a si mesmo. Realçou que o adolescente recorre ao agrupamento, quando a realidade aparece sob forma de situações de confronto com a necessidade inerente de auto-afirmação, surgindo a ação agressiva diluída nas vivências dos grupos ou bandos. Possui uma exigência de autenticidade, não aceita soluções falsas, não faz concessões, o que corresponde à idéia de moral inata da criança. Essa ‘regressão’ mencionada por Winnicott é diferente da freudiana, pois não é uma regressão em termos de fases libidinais, mas sim em relação às fases de maior ou menor dependência no desenvolvimento do ego. Quando se trata de regredir à fase de dependência absoluta é preciso ter confiança. Senão o ego não tomaria o risco de tornar-se dependente.

Nesse sentido, Winnicott não está negando o conceito e o fenômeno que Freud descreveu em relação à regressão da libido. A espécie de regressão que o interessa, porém, é aquela que diz respeito ao ego. A adolescência inauguraria uma subjetividade mais própria, com novos marcadores, dando-lhe compassos diferenciados. Afirma o autor:

¹⁹ WINNICOTT. *Natureza Humana*. 1990.

²⁰ WINNICOTT. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. 1993, p. 115-127.

[...] logo de saída: o menino ou a menina adolescentes não querem ser entendidos. Os adultos devem manter entre si aquilo que vêm compreender a respeito da adolescência. Seria absurdo escrever para os adolescentes um livro sobre adolescência; esta é uma fase que precisa ser efetivamente vivida, e é essencialmente uma fase de descoberta pessoal. Cada indivíduo vê-se engajado numa experiência viva, num problema do existir.²¹

Para aplicar a metapsicologia à compreensão da adolescência, exploro, a seguir, o poema *Auto-Retrato* e suas relações com Narciso e Édipo para a abordagem do processo de amadurecimento do jovem.

3. ADOLESCÊNCIA EM VERSO E PROSA

A adolescência está marcada por processos de criação e recriação, pois novos arranjos são necessários para este momento de apropriação de um espaço identitário no mundo interno e externo. Adolescentes se tornam poetas e escritores através de diários, mensagens, bilhetes apaixonados, pichações, *photologs*, pois criam para elaborar suas experiências. O mesmo ocorre com poetas e escritores que re-experimentam sentimentos de sua juventude através de sua criação.

Auto-retrato, de Cecília Meireles, ajuda-nos na compreensão da complexidade do fenômeno da adolescência. Esta poesia pode estar ligada, também, a outros momentos do se fazer no mundo, mas, certamente, nos ajuda com extrema habilidade a pensar o adolescer. Transcrevo-a na íntegra no Anexo A.

.Segue, em recortes, uma análise dialógica dos teóricos apresentados e da poetisa. Logo no início do poema Cecília afirma:

Se me contemplo,
tantas me vejo,
que não entendo

²¹ WINNICOTT. 1993, p.115.

quem sou, no tempo
do pensamento

Anna Freud²² apresentou a função de organização do Eu, através de uma ação consciente reflexiva e formativa. Uma das defesas usadas diante das dificuldades é a racionalização, em busca de explicações e compreensão sobre o que está acontecendo. Piaget em seus estudos sobre o desenvolvimento mental postula que o jovem conta com o desenvolvimento do pensamento abstrato permitindo exercitar a capacidade de perceber a multicausalidade dos fatos e as várias conseqüências que este pode redundar. Permite a construção de hipóteses, escolhas e descartes. Este novo instrumento mental amplia a capacidade do jovem, mas, ao mesmo tempo, o faz lidar com mais escolhas e conseqüentes elaborações de perdas pelos objetos não eleitos.

Winnicott²³ nos fala sobre a necessidade do jovem de se situar em um tempo subjetivo. No início, o tempo para um adolescente ainda está ligado às suas necessidades, cria elasticidade dependendo de qual identidade está no momento. Seu corpo, com suas mudanças disparadas pelas alterações hormonais e conseqüente amadurecimento dos órgãos sexuais, grita por satisfazer pulsões e desprender-se de tensões, exige uma atenção rápida. Se é a moça que curte a festa de final de ano de sua turma, torna-se curto, pequeno *'ihh, já são quatro horas da madrugada?'*; se é a menina que precisa estudar para os exames finais, fica extenso, *'ahh, ainda tem muito tempo'*.

Outra característica que aparece aqui é o fato de, muitas vezes, o adolescente se estranhar. Como está na fase de experimentação de papéis, aquele que observa não reconhece aquele que comporta ou sente. Miro, um dos adolescentes que atendo, fala: *'Nunca sei como fazer para cumprimentar na escola, se só levanto a mão assim... pareço metido; se digo oi ou e aí cara?... Acho que tô forçando a barra; não me sinto bem ...'*

Vou desprendendo
elos que tenho,
alças, enredos...
E é tudo imenso...

Arrisco uma analogia: os elos seriam as relações infantis, alças representariam as

²² ANNA FREUD. 1974.

²³ WINNICOTT. 1993.

dependências como cordões umbilicais que devem ser desatados e enredos seriam as fantasias depositadas por seus pais e até o momento sentidas como suas. Ao se desprender, o adolescente presencia um universo bem maior que o do que o ciclo psicossocial anterior, ocasionando sensações antagônicas da existência de um mundo rico em possibilidades e, ao mesmo tempo, o desamparo de alguém que não quer ou não pode usar as ferramentas da infância, mas, ainda, desconhece outras.

Formas, desenho
que tive, e esqueço!
Falas, desejo
e movimento
- a que tremendo,
vago segredo
ides, sem medo?!

O corpo - a forma, agora com as definições e contornos da feminilidade/masculinidade - o faz se despedir da bissexualidade, uma parte deve ser esquecida. Erikson²⁴ afirmou que cada crise a ser resolvida carrega a herança das etapas anteriores. No entanto, na perspectiva adotada aqui, há, também, uma ressignificação por meio da atualização das experiências vividas, dando um contorno espiralado ao amadurecimento do sujeito. A memória, um processo consciente, não dá conta das experiências carregadas de sensações, emoções e idealizações.

Experimenta-se o novo, ainda inseguro e assustado. Nas discussões intermináveis, onde falas tentam dar conta do que ainda não cabe no mundo interno; desejo e movimento dão a coragem de tocar para frente e manter em segredo o medo que tanto assusta quanto excita.

Sombras conheço:
não lhes ordeno.
Como precedo
meu sonho inteiro,
e após me perco,
sem mais governo?

²⁴ ERIKSON. 1977.

Uma verdadeira moratória, onde o conhecimento, o controle, o onírico, a direção e o ser podem se distanciar da lógica e da ordem. O presente está permeado pelo passado nas identificações e nas próprias experiências de investimentos psicosssexuais de sua infância; e pelo futuro em suas idealizações e desejos de realização dando um contorno a sua identidade. Tubert me auxilia na compreensão desse processo:

A evolução libidinal não está somente assinalada pela solução de continuidade entre uma etapa e outra: oral, anal, fálica e, muito depois, genital. Os momentos produtivos operam em torno de um trabalho de luto. Para que o princípio de realidade intervenha, lembra Freud, é preciso que o objeto, que antes procurava satisfação, se perca.²⁵

Portanto, há um movimento em todas as instâncias psíquicas: re-elaborações das experiências libidinais parciais para a possibilidade de emergência da genitalidade que pressupõe a integração do próprio corpo para o encontro com o outro. O retorno concomitante, dos direcionamentos da libido, dá uma nova forma de experimentá-los, pois não são totalmente novos, há uma história que irá contribuir para um senso de identidade e apropriação de suas experiências.

Nem me lamento
nem esmoreço
no meu silêncio
há esforço e gênio
e suave exemplo
de mais silêncio.

Cecília se refere à necessidade do recuo, do voltar-se para si simplesmente para o reajuste emocional diante de tantas mudanças. Quando o jovem se retrai, pode isentar de valor ou censuras o que está acontecendo adotando comportamentos como trancar-se no quarto, adotar o silêncio, dar vazão ao sono. Há um retraimento da libido, quando o jovem deve se desprender das figuras parentais. Confuso, por um momento se afasta do mundo externo até que possa se dirigir para novos objetos. Nesse recuo, percebe que existe força e conhecimento, o desamparo torna-se constitutivo, pois ensaia uma percepção da contrapartida interna de segurança.

²⁵ TUBERT, 1999, p. 25.

Não permaneço.
Cada momento
é meu e alheio.
Meu sangue deixo,
breve e surpreso,
em cada veio
semeado e isento.
Meu campo, afeito
à mão do vento,
é alto e sereno: Amor. Desprezo.

Winnicott²⁶ lembra: “[...] não sabem onde estão, e estão a esperar.”. O autor atentou para o fato de o adolescente lutar para se sentir real, estabelecer uma identidade pessoal, viver o que deve ser vivido e não seguir o que está preestabelecido. Cada experiência vivida na infância, carregada de tendências pessoais e adquiridas, é semeada como padrões pré-determinados. Muita coisa permanece no inconsciente, parece desconhecido porque simplesmente ainda não germinou, ou seja, não foi realizada. Para se sentir seguro sobre sua existência, valores e pensamentos, o adolescente tem necessidade de deixar marcas suas nas relações que conquista. Se necessário pode resgatar um pouco de si mesmo no retorno às marcas semeadas em seu convívio.

Assim compreendo
o meu perfeito
acabamento.
Múltipla, venço
este tormento
do mundo eterno
que em mim carrego:
e, una, contemplo

²⁶ WINNICOTT. 1993, p. 123.

o jogo inquieto
em que padeço.

Talvez aqui esteja representado o núcleo de toda a busca da identidade: a consciência da multiplicidade, do pertencer ao mundo e carregá-lo, o que possibilitará, no futuro, a experiência de transcendência e continuidade. A unicidade e a singularidade estão contidas na contemplação e aceitação. Para Levisky²⁷, o adolescente “[...] se torna uma unidade, passando a ser capaz de sentir a experiência de continuidade no tempo e no espaço”. O mundo passa a ser habitado de forma mais plena, rico de sentidos, o jovem pode imprimir com seu corpo-sujeito um lugar de expressão de existência. Segundo Frota²⁸ “[...] o adolescente tem abertura da perspectiva, atribui sentido às suas ações e ultrapassa as estruturas criadas para projetar outras.”

E recupero
o meu alento
e assim vou sendo.
Ah, como dentro
de um prisioneiro
há espaço e jeito

“Na adolescência, a confiabilidade no meio ambiente permite uma suspensão das aquisições evolutivas, mergulhando o indivíduo em estados momentâneos de distensão, de repouso [...]”.²⁹ Só descobre quem é, sendo. Percebe-se o espaço interno e todas as possibilidades surgidas dentro do limite, da perda da onipotência. Antes de completar os dezoito anos, o adolescente divaga: ‘*vou mudar de casa*’, ‘*não vou dar satisfação*’, ‘*não precisarei de ninguém para me levar ou buscar*’. A prisão é sentida, ainda, como externa, na medida em que ele se permite reconhecer os limites internos, aprende a lidar com ambos, internos e externos, assume as impossibilidades, se responsabiliza pelas possibilidades e amplia recursos para novos alcances e conquistas.

Vale lembrar o quanto um ambiente favorece ou dificulta este processo, pois serve

²⁷ LEVISKY. 2000, p. 82.

²⁸ FROTA. 2001, p. 173.

²⁹ LEVISKY. 2000, p. 83.

como sustentação e referencial. Segundo Winnicott³⁰ o adolescente necessita, ainda, da continuidade, da existência e do interesse dos pais e da família. Em uma oficina com adolescentes de dezesseis anos, em 2004, estávamos trabalhando a agressividade. Na avaliação dos resultados, verificamos que aqueles agredidos física e moralmente pelos pais devido à inequívoca severidade na “*criação dos filhos*”, tinham comportamentos menos delinquentes daqueles cujos pais desconheciam suas idas e vindas, suas companhias e, em grande medida, os deixavam à deriva.

Para esse apego
a um deus supremo,
e o acerbo intento
do seu concerto
com a morte, o erro ...
(Voltas do tempo
- sabido e aceito – do seu desterro...)

Com o tempo, vem a maturidade. Existe um certificado para declarar a maturidade? Há critérios (biológicos, sociais, civis, criminais, financeiros)? Existe algo de universal? Há respostas para essas indagações?

Uma das funções da adolescência seria a resolução do complexo edípico e a conseqüente reestruturação do aparelho psíquico. Novas pulsões despertadas pela puberdade atacam o *id*; a função egóica se reorganiza para dar conta das novas realidades e a introjeção e a apropriação de valores e ideais próprios dá novo contorno ao superego. Neste momento, a morte é compreendida como algo irreversível e definitivo, diferente da infância, quando carrega uma idéia de reversibilidade.

A maturidade dos órgãos sexuais – o poder de vida - capacita a pessoa para a procriação e, paradoxalmente, leva ao afastamento dos genitores como reguladores externos do comportamento, o que é vivido como uma ruptura – a confrontação com a morte.

A cura da adolescência vem do passar do tempo e do gradual desenrolar dos processos de amadurecimento; estes de fato conduzem, ao final, ao aparecimento da pessoa adulta. Os processos não podem ser acelerados ou

³⁰ WINNICOTT. 1993, p. 123.

atrasados, mas podem ser invadidos e destruídos; e podem definhar internamente, no caso do distúrbio psiquiátrico.³¹

A adolescência inaugura uma subjetividade mais própria, com novos marcadores, dando-lhe compassos diferenciados. Lidando com o luto e a despedida da infância perdida, o adolescente pode partir para *um outro tempo e outras terras ...*

³¹ IBID. p. 116.

CAPÍTULO II

TRAMAS DA SUBJETIVIDADE

Nos seres humanos, a predominância da cultura sobre a biologia está vinculada ao desligamento dos instintos biologicamente determinados e sua projeção na esfera psíquica em forma de impulso ou desejo criando uma diversidade de possibilidades para a libido humana, não mais condicionada à biologia.³²

³² ULANOV. Valores Culturais na estruturação da personalidade. 2000, p. 175.

1 MODERNIDADE E ADOLESCÊNCIA

Inicialmente, a adolescência causou reticência e perplexidade nos psicanalistas, Ranña³³ falou sobre este tema ser o primo pobre da psicanálise durante muito tempo. Felizmente, alguns psicanalistas se atreveram e, corajosamente, ofereceram direções para quem se aventurar na investigação desse fenômeno.

Pretendo entender o caráter de crise como um desencadeante do processo do adolecer, e não seu constituinte. Além disso, estudá-lo interligado às outras fases da vida, ao contexto cultural e econômico. Partimos da análise de Ranña para a localização desta relação:

Nas sociedades ocidentais que se caracterizam pela globalização e pela emergência de modalidades complexas nos papéis sociais em função da sofisticação do trabalho, ocorre, de um lado, um alargamento do tempo da formação profissional, que chega até os 25 anos ou mais e, de outro, a antecipação do término da infância. A adolescência, assim, torna-se um período ampliado. Nas sociedades modernas, o adolecer passou então a ser um processo vivenciado de forma individual, de acordo com os ideais de liberdade e singularidade reinantes. Assim, todas as dificuldades que envolvem a passagem da infância para a vida adulta terão de ser vividas pelo jovem solitariamente. Com as transformações físicas e psicológicas, o adolescente e quem compartilha de sua vida vêm-se mobilizados a criar formas de se estabelecer na vida adulta. Sem rituais, cada um vai viver esse processo de forma única.³⁴

³³ RANÑA. Os desafios da adolescência. 2005, p. 17.

³⁴ Ibid. p. 44

Outeiral³⁵ compara as mudanças paradigmáticas com o fenômeno das placas tectônicas com os terremotos. Estas placas, que compõem a superfície terrestre, durante longos espaços de tempo, aparentam estar em repouso até que o acúmulo de energia produz movimentos perceptíveis denominados terremotos ou maremotos. Então, novas acomodações surgem então. Esta analogia se adequou, por exemplo, à passagem da Idade Média para o mundo moderno, quando mudanças (energias) em várias áreas – economia, descobertas geográficas, invenções na área de comunicação, transporte e indústria - culminaram na formação de uma nova sociedade, composição familiar, política e sócio-econômica. Hoje, esse tempo entre acomodação e surgimento de novas demandas, se apresenta diferente, com poucas condições de assimilação pelo curto tempo de constância. Dessa forma, as energias de tensão não têm tempo para uma formação acumulada que provoque uma nova marcação de territórios definida e realmente integrada, o que resulta em um espaço delimitado por cicatrizes das emendas que, a cada momento, podem ser desfeitas. Fica-se desprotegido de valores e ideais que serviriam de continência para o exercício das próprias identificações.

Ceccarelli³⁶ (2002) considera as profundas mudanças de valores, comportamentos e identidades do mundo contemporâneo como "reorganizações" coletivas resultantes das mudanças, a partir do séc. XVIII, somadas às disparadas pelo processo da primeira Guerra Mundial. Os papéis sociais – masculino/feminino - foram redesenhados quando as mulheres quiseram dar continuidade ao espaço conquistado pela necessidade de adaptação no mercado de trabalho e independência. "Tais movimentos resultaram em uma nova organização sócio-político-econômica que levou, dentre outras coisas, a uma discussão completamente nova a respeito da sexualidade, particularmente em torno dos "perigos" de separar sexualidade e procriação."³⁷

Em busca do que se aponta para caracterizar o momento contemporâneo, ora chamado de pós-modernidade, ora de modernidade, encontrei: carreirismo feroz e sem ética, a pressão desmedida para o consumismo, busca frenética pelo hedonismo, globalização; a desigualdade social; a redução da razão humana a modos de pensamento puramente instrumentais, a mercadorização da cultura sob a forma da indústria cultural, e a submissão dos interesses humanos a prioridades econômicas. Estas características levam às novas configurações de adoecimento, tais como: manifestação das paixões pelo risco, indivíduo se

³⁵ OUTEIRAL. *Adolescência, Modernidade e Pós-Modernidade*. 2007

³⁶ CECCARELLI. *Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação*. 2002

³⁷ *Ibid*, s/p).

confronta fisicamente com o mundo, tenta alcançar marcas, se esforça por ter nas mãos uma realidade que lhe escapa ou, ainda, tendência à compulsão, à repetição e ao masoquismo.³⁸

A psicanálise ocupa um lugar estratégico no imaginário da modernidade que deve ser compreendido no sentido ao mesmo tempo epistemológico e político, pois envolve em contrapartida, o lugar da modernidade no imaginário teórico da psicanálise. Como um campo de saber para a compreensão dos fenômenos humanos, está inserida em um contexto sócio-cultural desde os pensamentos de seu criador. Bauman³⁹ lembra que “[...] a psicanálise foi uma das mais importantes fontes desse vocabulário reflexivo”. Ela se constitui como um saber que busca compreender o sujeito reflexivo que se constitui na modernidade, pois não pode se identificar apenas com a atividade e sim com a capacidade do pensar constante sobre o refazer-se diante de suas experiências no mundo.

Freud recebeu influências de várias correntes filosóficas e científicas e permitiu aos estudiosos vários caminhos e interpretações. Mezan enfatiza, na obra *Freud, pensador da cultura*, os estudos de Freud dirigidos à cultura e aos fenômenos sociais, sem dissociá-los do psiquismo individual. Discute a dualidade posta diante do fato da organização social surgir para garantir as necessidades humanas vitais que, dificilmente, seriam superadas individualmente, mas, paradoxalmente, desviar a energia pulsional dos fins primários. Percebe o processo de civilidade e cultura sempre expostos às ameaças dos sentimentos anti-sociais e das tendências destrutivas provocados pela necessidade de satisfação das exigências pulsionais ligadas às demandas vitais. “A organização social é assim uma arma de dois gumes: como mediação necessária entre a pulsão e seu objeto, ela introduz entre ambos uma distância sentida como peso intolerável pelo indivíduo.”⁴⁰

Birman⁴¹ analisa o conceito de sujeito social na obra de Freud e questiona como a psicanálise atual reflete a polarização ou desvio de algumas construções conceituais freudianas por seus seguidores. O autor discute a presença de duas formulações teóricas de Freud em relação à questão da subjetividade no campo da civilização. Ambas trabalham a problemática do conflito no sujeito entre o registro da pulsão e o da civilização, mas a última opõe-se à inicial.

Para minha análise é importante enfatizar a última formulação fundamentada no mal-

³⁸ COTTA. A Crise da Modernidade e a Insegurança Social. 2005. SILVA JUNIOR. Sintoma e Mal-estar na Cultura: sobre a recodificação mercantil do psiquismo e seus efeitos. 2007.

³⁹ BAUMAN. 1999 *apud* FIGUEIREDO, 2003, p. 13

⁴⁰ MEZAN. Freud - Pensador da Cultura. 2006, p. 536.

⁴¹ BIRMAN. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social. 2005

estar e desamparo em contraposição ao discurso de seus primeiros trabalhos do alcance da possível harmonia do sujeito no campo social através do processo de sublimação. Nesta formulação, de acordo com Birman⁴², “Pelo enunciado da condição de desamparo da subjetividade no novo espaço social, foi a desarmonia nos laços sociais então sublinhada por Freud. Com isso, o discurso freudiano assume um estilo trágico de leitura da modernidade.”

O que Freud previu no século passado está sendo experimentado nos dias atuais. Convive-se com teorias, posturas e comportamentos, tanto no âmbito da psicanálise, das ciências psicológicas, especialmente a psiquiatria biológica, as neurociências e as teorias cognitivistas, pautados na ilusão de que se pode cuidar dos desejos e pulsões de tal forma que o sujeito conviva de modo sadio com o(s) outro(s). Por outro lado, toma-se consciência, paulatinamente, da necessidade constante do trabalho, da construção e desconstrução constantes da resolução do conflito que jamais será ultrapassado, já que este é de ordem estrutural. Birman localiza esse embate e afirma que:

Se na versão inicial o conflito poderia ser curável, digamos assim, na versão final seria necessária uma espécie de gestão interminável e infinita do conflito pelo sujeito, de forma tal que este não poderia jamais se deslocar da sua posição originária de desamparo. Nesse deslocamento crucial entre o registro da terapêutica possível para o registro da gestão, pode-se vislumbrar que o discurso freudiano assume uma perspectiva ética e política sobre o conflito em questão.⁴³

Ao partir da irreduzibilidade do desamparo, o autor enuncia que o sujeito deve fazer um trabalho infinito de gestão do conflito. Para chegar a essa formulação, estudou algumas construções conceituais freudianas como o destino das pulsões. Inicialmente, Freud defendeu uma posição inata para a existência psíquica, nos mesmos padrões da existência biológica, seguindo uma escola cientificista. Em seguida,

[...] todos os pressupostos iniciais da metapsicologia freudiana foram reordenados em outras bases, porque, no novo contexto, o princípio do

⁴² IBID.. p. 204

⁴³ BIRMAN. 2005. p. 209

prazer e o erotismo seriam coisas a serem conquistadas pelo sujeito, para que se torne possível a ordem vital. A vida e a existência humana, em contraposição à ordem da natureza, somente seriam possíveis se o princípio do prazer e o erotismo se inscrevessem no organismo perpassado pelo mortalismo.⁴⁴

Figueiredo⁴⁵, apoiado nos estudos de Bauman (1999), contribui para o entendimento da ambigüidade que, apesar de estar ligada ao humano desde sempre, se tornou determinante no mundo moderno. Os pólos apresentados são ordem e caos. A ordem representada pela cultura, organização política e, o caos, pela natureza. A gestão do mal-estar é apresentada por Birman como uma tarefa de purificação que o sujeito moderno se propõe através de tentativas de separar e classificar para atribuir sentido e organizar o caos. No entanto, quanto mais se separa, divide e classifica, mais sobram elementos que não encontram espaços de inclusão e se tornam refratários à compreensão e organização. O surgimento de dicotomias é outro resultado deste exercício organizador: “[...] sujeito (atividade) objeto (inércia e passividade), indivíduo e sociedade, natureza e cultura, corpo (substância extensa) e mente (substância pensante), forças (energia) e sentido (linguagem, símbolos).”⁴⁶

A partir da década de 1910, o conceito de desamparo trabalhado desde o início da obra de Freud, quando acreditava que seria vencido pelo domínio e razão científica por meio da sublimação, é desconstruído. A obra *Mal-estar na civilização* é seu ponto culminante. Nela, Freud considera uma ilusão a possibilidade de conciliação entre os pólos pulsão e civilização e afirma que o sujeito deverá enfrentar o trabalho constante de gestão do conflito direcionando-se pelos laços sociais. Ao afirmar que são semelhantes os objetivos do indivíduo para desenvolver-se e da sociedade em busca da civilização, Freud (1930) esclarece que não há uma oposição entre os instintos de vida e morte e, trata-se sim, de uma disputa na economia libidinal. Ambos os destinos, egoísta e altruísta, devem requisitar na fonte o alimento que garanta a sua felicidade e sua união com os outros. Está comprovando nesse sentido, que o homem é um ser gregário em sua natureza.

Só podemos ficar satisfeitos, portanto, afirmando que o processo civilizatório constitui uma modificação, que o processo vital experimenta sob a influência de uma tarefa que lhe é atribuída por Eros e incentivada por

⁴⁴ IBID. p. 215

⁴⁵ FIGUEIREDO. 2003.

⁴⁶ IBID.. p.12

Ananké — pelas exigências da realidade —, e que essa tarefa é a de unir indivíduos isolados numa comunidade ligada por vínculos libidinais.⁴⁷

Não há possibilidade de separar as duas necessidades vitais, pois ambas possuem origem e fins comuns. O homem moderno assume o papel de Prometeu ao pensar que, por meio da ciência, assumiria o “lugar do sujeito da inteligência divina” em condições de dominar a natureza.⁴⁸ Segue-se outra problemática entre oposição de categorias – liberdade e natureza.

Os pólos pulsão/natureza/antigos vs civilização/liberdade/modernidade estão associados. Quando Freud desconstrói o conceito de auto-regulação que protegeria a subjetividade, em um contexto paradigmático que desconsidera a proteção divina, o desamparo se torna inevitável e incurável. “Por isso mesmo, impõe-se ao sujeito a exigência de gestão do mal-estar e do desamparo, pelo registro horizontalizado dos laços sociais.”⁴⁹

A atividade humana está intimamente ligada ao *não-sentido*, pois impulsiona ao trabalho constante de ordenação do cosmo e, ainda, relaciona o surgimento de traumas diante da impossibilidade de resolução das ambigüidades pela razão,

[...] ou seja, os fracassos inevitáveis da razão e da língua (e de outros procedimentos de ordenação) nos encontros com as ambivalências modernas estão nas raízes do traumático como *regime de vida*; passa-se, assim, de uma consideração dos “eventos traumáticos” aos “traumas cumulativos (Khan, 1963) e, mais ainda, aos traumas crônicos e recorrentes que pertencem a um dado projeto de mundo (no sentido heideggeriano do termo), o *mundo moderno*.⁵⁰

Aqui se deve situar o sujeito do qual estamos falando. O adolescente se defronta com a possibilidade de assumir a gestão da própria identidade que irá, em sua maturidade, permear sua subjetividade e os seus laços sociais. Neste processo, lidará com a desilusão da idéia completude e auto-suficiência que o colocará em contato com a necessidade do trabalho

⁴⁷ FREUD. 1930. As obras de Freud foram consultadas na **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**, formato eletrônico. Deste modo, indico o ano da obra e o volume da edição. Não é possível indicar o número da página.

⁴⁸ BIRMAN, 2005, p. 218.

⁴⁹ IBID., p. 219.

⁵⁰ FIGUEIREDO, 2003, p. 13-14.

constante para equilibrar a solicitação dos desejos e sua inserção e aceitação no mundo social. O sujeito/adolescente deve lidar, também, com o desencanto das figuras parentais como deuses capazes de protegê-lo e traçar seu destino.

Tanto a criança quanto a espécie humana, em seus primeiros tempos de vida, se defrontam com tarefas incomensuráveis com suas forças e que são resumidas na expressão “renúncias pulsionais”. [...] E uma vez que, com o passar do tempo, o princípio de realidade se instala mais vigorosamente, surge a possibilidade de renunciar, pois sua vez, a essas satisfações substitutivas: a criança acede à maturidade psicosexual, e a humanidade, à etapa em que a ciência torna dispensável o recurso à religião.⁵¹

Durante o período de latência, energias foram direcionadas para o domínio da racionalidade, das ciências, do entendimento sobre causas, efeitos dos fenômenos naturais e sociais. Agora, suas certezas e verdades são confrontadas com o indeterminismo, a multiplicidade e complexidade em qualquer fenômeno, seja natural ou civilizatório. A latência sobre o desenvolvimento da libido pontuada por Freud pode ser comparada à Modernidade que, para alguns filósofos foi deflagrada a partir do séc. XVIII. Ambos os fenômenos, são caracterizados pela tentativa (e ilusão) de estabelecer o domínio da razão sobre a natureza.

Gradualmente, as pessoas perdem a confiança na sua natureza instintiva de estabelecer elos de ligação, seja na direção de se fazerem amadas e aceitas pelo outro, seja no ato de cuidar e amar o outro. Devem recorrer aos manuais para iniciar uma relação amorosa, de conquistar a intimidade, de compartilhar projetos, de criar filhos, de cuidar dos pais idosos... Há uma verdadeira epidemia de livros de auto-ajuda e de ‘*personals*’, contratados para organizar fotos de família, acompanhar exercícios físicos, escolher as roupas da estação e assim por diante. Também o juvenzinho que vinha se preparando para ter um espaço singularizado no meio sócio-familiar desde, principalmente, o conflito edipiano vivenciado na fase fálica, perde muito de sua espontaneidade natural para dar respostas mais adequadas e seguras ao habitat social pretendido.

Experimentar esse processo de desnaturalização e racionalização seguido pela desilusão e consciência do desamparo incurável anacronicamente, já exige um grande

⁵¹ MEZAN, 2006, p. 605.

trabalho intra e extra-psíquico. Atualmente, tudo isso parece estar sendo vivenciado simultaneamente. Na pré-adolescência (latência) já se encontram situações de desamparo, pois as instituições que deveriam exercer a função de *holding* para que o juvenzinho possa ter a coragem, o desejo de responder por si sobre questões cognitivas, emocionais e existenciais, fracassam. E, por outro lado, na adolescência final ainda se tenta buscar respostas racionais que possam dar quietude ao seu estado de curiosidades e incertezas. A sobreposição da latência e da adolescência dá uma nova configuração no processo de desenvolvimento. Essa, apesar de já ser falada e discutida, ainda não faz parte do imaginário dos pais, educadores e da sociedade em geral. Bion nomeia como *mudança catastrófica*, esse processo no qual uma nova idéia com potencial disruptivo altera estruturas pré-existentes, sejam de natureza intrapsíquica ou relacional, provocando desorganização, sofrimento e frustração.

O percurso a ser percorrido pela criança – se identificar com os membros de sua família, abrir mão de pulsões em favor de sua socialização - necessita de pontos de partida, de bifurcações e escolhas e de fins a se alcançar. Por outro lado, este percurso individual depende e interfere naquele a ser feito pela família dessa criança dentro da comunidade em que está inserida.

Vale dizer, estamos ainda num momento histórico de passagem entre as ordens familiar moderna e pós-moderna, de maneira que as figuras parentais não conseguiram ainda encontrar a melhor solução e ponto de equilíbrio para isso tudo, qual seja, entre terem seus projetos existenciais singulares e o cuidado familiar dos filhos. Com isso, a fragilidade do investimento afetivo se faz geralmente presente, com os desdobramentos nefastos que isso provoca.⁵²

Cabe à psicanálise a tarefa de nomear, compreender e analisar tal fenômeno para contribuir nesse tempo-espço de subjetivação que se faz acontecer agora. Se partirmos da concepção de que o conflito deve ser administrado durante toda a vida, como propôs Birman (2006) pautado nas últimas proposições freudianas a respeito do destino das pulsões, e que sua gestão só pode ser exercida através dos laços sociais e do exercício da alteridade, chegaremos ao desamparo não só do jovem como de sua família diante das exigências do mundo atual.

⁵² BIRMAN, 2006, p. 38.

2 ASPECTOS TRAUMÁTICOS E DISRUPTIVOS DA MODERNIDADE E DA ADOLESCÊNCIA

Na passagem do século XIX ao XX, a psicanálise se inaugura em torno de uma interrogação sobre a crise do sujeito clássico da razão. Ao descentrar o sujeito da consciência filosófica para o inconsciente, deslocar o corpo anatômico da razão científica para o corpo erógeno e subverter o instinto predeterminado pela plasticidade da pulsão sexual, ela aponta para a crise das identidades fixas que marca a modernidade.⁵³

Para a discussão dos aspectos traumáticos e disruptivos da modernidade, parto da relação entre nossa época e o processo do adolecer. No livro *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea* Figueiredo trata “[...] da modernidade e de como, a partir de uma compreensão de nossa época, somos levados a pensar em trauma e dissociação.”⁵⁴

O autor inicia tratando da tensão e tensionamento entre a ordem caracterizada pela cultura e organização política; e o caos, representante da natureza e diversidade que são constituintes da modernidade. Realça que, apesar dessa distinção ser presente em outras épocas, na modernidade se torna determinante. Pontua a tarefa de separação e purificação iniciada pelo método cartesiano de busca das verdades. No entanto, como exposto no item anterior, quanto mais se classifica, mais dualidades e ambigüidades surgem. A modernidade fica marcada pelo trabalho indefinido da organização e da recorrência da desordem e do caos.

Façamos o paralelo com a adolescência. Ela sucede o período da latência, caracterizado pela busca por respostas com diversos fins com tendência a incorporar conhecimentos que valham para a vida social. As transformações endócrino-somáticas da puberdade inundam o psiquismo do jovem com pulsões que o fazem se deparar com uma infinidade de demandas e possibilidades que não se aquietam por mais que se busque saídas racionais e sublimatórias. Em ambas as situações, se depara com a impossibilidade do alcance harmônico das satisfações da demanda e do estabelecimento da ordem.

⁵³ NERI, A *Psicanálise e as novas formas de subjetivação e de sexualidade. A construção fálica-edípica: Uma teoria da diferença?* 2003, p.01.

⁵⁴ FIGUEIREDO, 2003, p. 11.

Em seguida, Figueiredo faz três observações:

- a) a dinâmica moderna impõe a constituição do sujeito reflexivo; não se trata mais de identificar a subjetividade apenas com a agência e com a atividade, mas de exigir do sujeito a capacidade reflexiva de refazer-se e refazer metódica e conscientemente seus passos ordenadores; [...]
- b) a tarefa de dar sentido produz não-sentido; [...] o não-sentido é um dos produtos mais sistemática e regularmente associados ao exercício das atividades humanas ordenadoras do cosmos.
- c) o fracasso reiterado da tarefa moderna, a convivência inevitável com seus produtos involuntários e indomáveis – o ambíguo, o contingente e as ambivalências – em uma era marcada pela inflação da vontade e do empenho de domínio, clareza e distinção, fazem da Idade Moderna uma época extremamente exposta ao traumático;⁵⁵

Uma das principais tarefas da adolescência é dar significados ao mundo circundante e à própria existência do adolescente. Para tanto, a capacidade reflexiva deve estar atrelada à liberdade do exercício de agir de acordo com as próprias experiências internas, perceber as conseqüências de suas atitudes, poder reavaliá-las e reeditar seus valores e ideais. Nos dias atuais, o ambiente no qual está inserido muitas vezes interrompe esse processo em qualquer uma de suas etapas. Seja na liberdade (ideológica) da escolha, ou no momento de encarar a responsabilidade por essa escolha e suas conseqüências ou, ainda, na capacidade de avaliar e refazer suas idéias e atitudes. Os resultados práticos são diversos: o adolescente age e não se reconhece em suas ações; não aceita perder ou separar-se da opção não escolhida. Em um desejo onipotente de controle, se sente incapaz de voltar atrás e persiste em escolhas que, na verdade, não atendem sua demanda; se torna rígido, inflexível e inseguro. Como não consegue atender a demanda interna ativada pelas pulsões e as exigências do novo meio no qual está inserido, crescem os conflitos diante das ambigüidades e diminui sua capacidade de elaboração, discernimento e resolutividade.

No capítulo *Saberes Míticos e Tarefas do Adolescer* deste trabalho, será discutida a questão do *pathos*, do afeto e da reorganização do superego na adolescência. O limite não surge simplesmente para separar, é colocado como prerrogativa para as diferenciações a serem apreendidas para haver uma troca entre corpo e mente; eu e outro; individualidade e

⁵⁵ FIGUEIREDO, 2003, p.13.

coletividade. Apenas após o discernimento e abandono de idéias simbióticas ou emaranhadas entre esses pólos, se podem abrir espaços reflexivos, pensantes e criativos na subjetividade humana. A figura abaixo dá uma idéia do que tenho em mente:

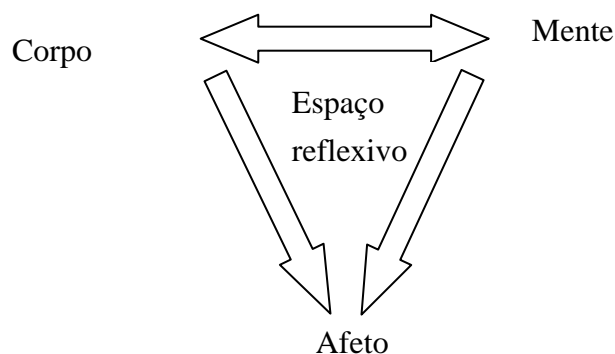


Figura 1 Corpo, mente e afeto na constituição do espaço reflexivo.

O afeto deve estar em um terceiro ponto, diferenciado do corpo e da mente para promover um espaço triangular que oportuniza o novo e traz conflitos, pois deixa de ter um percurso linear e previsível.

a) os afetos são idéias essencialmente (e não apenas acidentalmente) confusas porque são oriundas da união de duas substâncias simples e incompatíveis: o corpo e a mente; no entanto, é a união – descontrolada e traumatizante – de duas substâncias simples o que constitui o homem na sua essência como ser paradoxal, ambíguo, no limite do pensável; [...] ⁵⁶

O pensar, na modernidade, está ligado à atividade organizadora. Os afetos, com a sua origem paradoxal, fogem do entendimento e, conseqüentemente, da linguagem correta para sua expressão. Portanto, nas paixões ocorre o trauma, pois não tendo controle ou o poder ordenador o sujeito deixa a posição ativa e se torna “apassivado pelo impacto de um objeto cujo dinamismo excede em muito a sua capacidade de enfrentamento e domínio (prático ou simbólico)”.⁵⁷

A modernidade está diante de um impasse para dar continuidade ao princípio civilizatório, pois a natureza instintiva, pulsional insiste em fugir de quaisquer que sejam as

⁵⁶ FIGUEIREDO, 2003, p.14.

⁵⁷ FIGUEIREDO, 2003, p. 15.

regras de organização e ordem. Somado a isso, não existe nem a figura do Pai que detém o poder e nem de objetos substitutivos que sirvam como seus representantes, porque a racionalidade e cientificidade prometeram algo que não puderam responder – suprir a falta do Pai. Sem uma figura repressiva suficientemente forte para lidar com afetos que coloquem em risco a integridade do sujeito, surgem novos arranjos para dar conta dos conflitos desagregadores. Numa representação gráfica, teríamos algo assim:

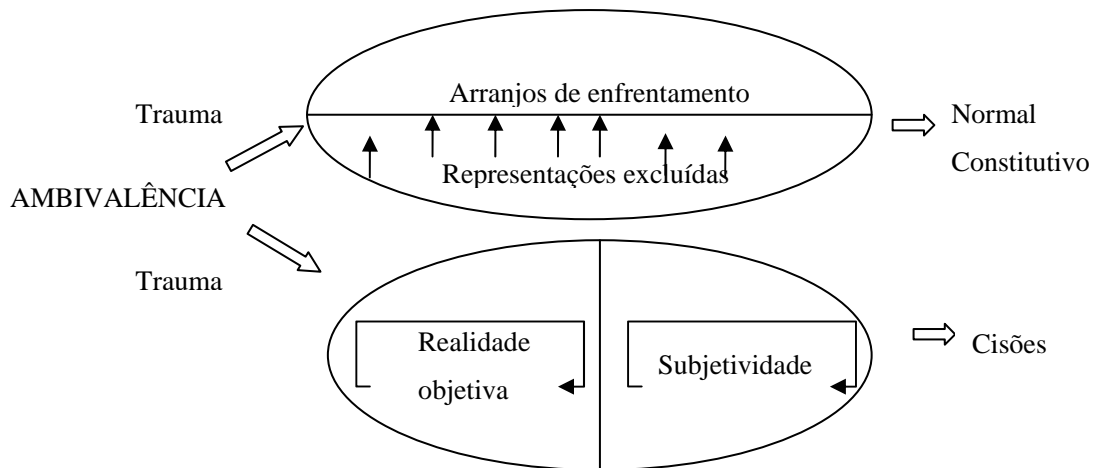


Figura 2 Traumas e arranjos de enfrentamento.

Como se observa na figura acima, a barreira das cisões ocorre de maneira vertical e impede a constituição do conflito, pois são partes colocadas lado a lado de forma segregada. Na constituição do sujeito ocorre uma barreira horizontal, parte das representações e afetos é excluída da consciência através das repressões. Na posição do recalque, há sempre um movimento onde o reprimido tenta emergir e encontra oposição. Já nas cisões, não ocorre a demanda da comunicação, da emergência, pois as realidades – objetiva e subjetiva – se encontram no mesmo plano e não existem forças oponentes. Dessa forma, o sujeito não apreende suas experiências de forma integral e sim por partes, surgem núcleos dissociados que levam a um não reconhecimento e a não apropriação de partes de seu psiquismo. É no movimento de repressão das pulsões, quando essas são vetadas à realização, que ocorre o trauma.

Temos aí reconhecida a necessidade de que a substância viva passe por um processo de cisões, na forma de uma diferenciação interna, capaz de produzir áreas relativamente separadas umas das outras de forma a enfrentar os riscos

do traumatismo, sendo as próprias experiências de trauma e dor as que criam e fortalecem essas regiões relativamente dissociadas umas das outras. Podemos admitir que essas separações e constituições de partes segregadas sejam o protótipo das cisões e dissociações constitutivas do psiquismo.⁵⁸

O autor levanta a hipótese de que as partes dissociadas – o traumático- estão na base da subjetivação e seriam o ‘feminino’ do psiquismo, pois se tornam passivas. Em oposição, as pulsões seriam o ‘masculino’ diante do fato de serem consideradas internas ao organismo. No império do cientificismo da modernidade, a prioridade, a objetividade e assertividade priorizam o masculino do psiquismo em oposição à passionalidade e indeterminação do feminino. E aqui está a relação a ser discutida nesse trabalho.

As mulheres adultas – mães e profissionais - muitas vezes principais ou únicas provedoras da família, enfrentam dificuldades de lidar com o papel materno, por falta de tempo, mas principalmente, por terem que abandonar o papel de continência que acolhe e dá sentido às experiências emocionais de seus filhos. Recentemente, recebi uma mãe desesperada, exausta e impotente diante das dificuldades com sua filha de apenas quinze meses. Ela queria que eu cuidasse de sua filha e a tornasse uma menina sociável. Não era uma mãe que fugia de sua responsabilidade, mas que não aceitava as incertezas e desencontros presentes na relação mãe-bebê. Arquiteta, funcionária pública, exigente com seus compromissos, não estava sabendo lidar com seu bebê que teimava em não seguir as linhas e projetos de educação que ela havia traçado. Leu, estudou, seguiu todos os passos recomendados pelos manuais, pelo obstetra e pelo pediatra, mas se sentia a pior das mães. Tirou licença do trabalho por nove meses, amamentava até aquele momento, mas nada fazia a criança parar de chorar. Em poucos encontros, pudemos recuperar a capacidade da mãe em exercer sua função materna. A queixa de que a menina queria ser dona dela, não aceitava a separação ou dividir a atenção pôde ser dissipada pela compreensão da mãe sobre a tarefa de acolher e traduzir as demandas de seu bebê. As necessidades são da ordem de comunicabilidade, uma entre afeto e razão quando a criança projetava suas angústias para poder recebê-las transformadas e digeríveis; e outra entre realidade externa e interna quando precisa de conhecer seu espaço e limites dentro do processo de recalçamento.

Se esse mecanismo existe desde as primeiras relações, são ainda intensificadas diante

⁵⁸ FIGUEIREDO, 2003, p. 19.

das alterações pulsionais disparadas a partir da puberdade e da realidade imposta por um novo corpo. Na adolescência existe uma exacerbação pulsional que deve ser trabalhada para o refazer da constituição e dinâmica psíquica. Isso facilita a experiência de situações limites e, muitas vezes, o surgimento de novas patologias. Na latência, o sujeito está buscando explicações racionais que lhe dêem segurança para se afastar dos idealizados pais e traçar a sua própria trajetória. Experimentou novas formas de se relacionar com os amigos, com a curiosidade sobre o mundo e com a própria capacidade de operacionalização dos problemas que se apresentavam. O pré-adolescente, geralmente, é um juvenzinho cheio de certezas assim como a modernidade. A adolescência vem para quebrar esse encantamento. Não existem certezas; não adianta se afastar dos pais para se sentirem mais donos da situação, pois as figuras internalizadas os acompanham em qualquer situação; por mais que queiram, não conseguem controlar seus desejos, fantasias e medos.

Figueiredo⁵⁹ fala sobre as conexões da pulsão “com o objeto primário [...] a quem cabem duas funções básicas: a de despertar a pulsão – ‘reclamá-la’ [...] e a de conter e mitigar os excessos pulsionais”. Durante toda a vida são feitas substituições que direcionam o desejo.

Contudo, por mais bem-sucedida que tenha sido a experiência inicial com o objeto primário, quando laços, vínculos e identificação são estremecidos, algo de uma pulsionalidade anarquista vem à tona. A pulsão desenfreada da adolescência disso dá testemunho.⁶⁰

A questão que se apresenta é que o trabalho a ser feito pelo adolescente está ligado às relações vinculares primárias com todas as marcas deixadas pelos seus cuidadores de sua infância, diante da carga de afetos e representações que depositaram e reclamaram ao lidar com suas pulsões no início da vida psíquica. Entre as funções maternas está a de ser um ‘escudo protetor’ aos estímulos internos e externos aos quais o bebê está exposto, exercida de tal forma que o bebê não enfrente traumatizações excessivas, mas que, também, mantenha uma separação mãe-bebê que permita a diferenciação entre eles.

Como exposto acima, a ambivalência leva ao trauma que pode receber dois tipos de tratamento. Quando as representações são reprimidas e destinadas ao inconsciente, formam núcleos separados que são os conteúdos ‘apassivados’, estes são constantemente solicitados por novas demandas e, assim, têm que serem cada vez mais protegidos ou encapsulados.

⁵⁹ FIGUEIREDO. *Saindo da Adolescência*. 2006, p. 70

⁶⁰ *Ibid*, p. 70

Apesar de isolados, são constituintes da subjetividade e, portanto, interferem no ser e fazer do sujeito. Compreender e aceitar essa existência passional e avessa à racionalidade e organização é essencial para o amadurecimento.

A realidade do acontecimento traumático não é, assim, totalmente ignorada, o que poderia ser sugerido pelo termo ‘recusa’: o que passa é que ela não recebe a autorização para se transformar em experiência em um campo subjetivo relativamente unificado e ramificado, aberto às metabolizações, metaforizações e disseminações.⁶¹

Por outro lado, quando o trauma leva à cisões que segregam a realidade objetiva do mundo interno, não são criados espaços para abrigar conteúdos que precisam ser comunicados, não existe a demanda e, portanto, não é necessário empreender energias pulsionais. O aumento da incidência da gravidez na adolescência, apesar de tantas campanhas informativas e uma notável abertura ao diálogo no espaço familiar e educacional, pode ser um exemplo dos caminhos traçados pela ambivalência. Os jovens têm contato com a realidade da alta incidência através de amigos, de propagandas, de aulas de educação sexual, mas nada disso consegue dialogar com as demandas hormonais e das novas figuras amorosas. São dois mundos de realidades diferentes, um parece não ter “*nada a ver*” com o outro. Esse é um sintoma que aparece na adolescência, mas sua origem é bem mais remota.

A mãe é o primeiro outro que intermedia meio externo e necessidades biológicas para o nascimento do mundo mental infantil e deve dosar as experiências do bebê para que ele possa passar da dependência total para a relativa e, posteriormente, trace o seu percurso por escolhas próprias. No entanto, ela também está carregada de afetos e paixões que insistem em desorganizar sua capacidade cuidadora, criando falhas que serão, também, constitutivas do psiquismo infantil. A criança representa para a mãe sua potência, seu ‘falos’, e o bebê inicialmente se percebe como tal, essa é uma ficção compartilhada que inicia o mundo das relações sociais do bebê. Será necessária a presença do pai para instauração do ‘falo’ simbolizado através da interdição feita por uma figura que irá introduzir uma realidade que quebra essa ‘fantasia vivida a dois’. Está aberto, a partir daí, o espaço para a subjetivação e individuação que revelará uma infinidade de possibilidades direcionais para a libido humana e uma complexidade de inter-relações constitutivas.

⁶¹ FIGUEIREDO, 2003, p. 20.

O ambiente familiar e suas figuras parentais com suas funções fornecem o modelo de apreensão do mundo e do exercício do existir. Além disso, na infância se aprende a comunicação e, para isso, a criança tece uma linguagem comum e socializada que busca atender as demandas pulsionais. Na adolescência a comunicação deverá ultrapassar o ambiente doméstico, inaugurar novos dialetos que irão fazer com que o jovem possa transitar em outros mundos como um desbravador e não como um estrangeiro. A primeira linguagem, no entanto, servirá sempre de referência e será conduzida para os novos espaços com outras significações.

Os fundamentos discutidos nesse capítulo conduzem à reflexão sobre qual espaço o mundo moderno e a instituição familiar têm reservado para o adolescente. Sendo um tempo marcado por intensas mudanças que geram situações desconhecidas e conflituosas, a adolescência é um 'nicho' de acontecimentos traumáticos que podem tomar caminhos constitutivos ou desagregadores dependendo da história de suas paixões infantis e de sua atualização no novo habitat sócio-afetivo.

3 TRAMAS DE PASSAGEM DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA

As instituições sociais desempenham um papel significativo para o amadurecimento e acolhimento de uma juventude sadia. A apropriação das leis, normas e valores são condições indispensáveis para o status do 'ser adulto'. A constelação familiar merece atenção especial, pois, sendo a primeira expressão da sociedade, determina grande parte da conduta dos adolescentes. A sociedade e a família estão passando por mudanças em suas estruturas e dinâmicas.

Paralela e concomitantemente, a família também tem experimentado novas formas de convívio e sua organização, passa por alterações rápidas que a enfraquecem, e deixam mais expostos seus componentes mais fracos. Nestas três últimas décadas, o processo da adolescência tem extrapolado o tempo e função de passagem do mundo infantil ao mundo

adulto para uma invasão de outros estágios do desenvolvimento. Estamos vivendo a era do adolecer. Crianças se apressam para vestir-se, falar e conviver como juvenzinhos precoces, vivem situações e jogos impregnados de sensualidade em um verdadeiro atropelamento dos processos naturais do desenvolvimento. Ao mesmo tempo, os adultos vestem-se, falam, convivem como jovens, retardando sua postura de maturidade, postura esta indispensável para o exercício da paternidade/maternidade. Se as figuras parentais experimentam situações em que não conseguem resolver conflitos através da responsabilidade por suas escolhas, o filho jovem enfrenta uma dificuldade adicional pela impossibilidade de identificar-se com modelos que possam levá-lo a adquirir a imagem de si mesmo. Cronistas como Mário Prata, lançaram expressões para caracterizar estes comportamentos: *adulescência* e, mais recentemente, *envelhescência*.

O adolescente necessita da referência dos pais como modelos de identificação, fontes de conteúdo a serem internalizados, assim como da sua função de interditores. Aberastury e Knobel⁶² reforçaram a importância do ambiente familiar seguro e afetuoso, estabelecido sobre normas e éticas, no qual a autoridade paterna seja clara, para a definição de uma identidade adulta, madura e sadia.

O desenvolvimento da criança e do jovem está ligado aos movimentos psíquicos presentes na interação entre pais e filhos e com a sociedade. “O adolescente incorpora, desenvolve e transforma esses valores, na busca de seus próprios modelos, no desejo de encontrar o seu próprio modo de ser, pensar e viver”⁶³ O psicanalista francês Raymond Cahn⁶⁴ afirmou que, nas últimas duas décadas, o aumento da agressividade, gravidez precoce, depressão e baixa auto-estima rondam e assaltam nossos jovens, resultando em rupturas e desorganização do desenvolvimento normativo. Diante desses novos fatores de risco, o adolescente apresenta maior vulnerabilidade ao adoecimento na passagem para o mundo adulto.

Giordanengo⁶⁵, organizador de um dicionário sobre o adolescente pontua sobre uma das principais tarefas da adolescência ser o reconhecimento da alteridade, uma aprendizagem da renúncia à identificação com um outro para reencontrar nele uma imagem de si mesmo. Essa tarefa fica difícil de ser cumprida quando as figuras a serem afastadas não toleram o distanciamento e a diferenciação necessários para sua realização. Sua condição primeira é a

⁶² ABERASTURY E KNOBEL. 1992

⁶³ KNOBEL, 2000, p. 26.

⁶⁴ CAHN. Adolescente na psicanálise: a aventura da subjetivação. 1999.

⁶⁵ GIORDANENGO. Dicionário de psicologia do adolescente. 1984, p. 530.

presença de uma alteridade, nem fraca nem arbitrária, que possibilite a tensão entre os opostos, ambos admitindo que ser oponente não equivale a ser inimigo.

A - A trama de José e sua família

A experiência no consultório com José, onze anos, mostra claramente essa sobreposição de tarefas no desenvolvimento psíquico. No engavetamento da latência e adolescência e na dinâmica familiar se encontram elementos que atrapalham a efetivação da separação e discriminação em relação ao outro. As pulsões sendo anunciadas precocemente para uma mente ainda trabalhando para lidar com os conflitos da sexualidade infantil, sem a proteção adequada do ambiente, se aproxima mais de riscos à traumas não constitutivos.

A abreviação do período de latência resulta em dificuldades que repercutirão, é evidente, em vários aspectos da estruturação do psiquismo, interferindo no desenvolvimento normal, tanto na área da conduta como nos processos afetivos e cognitivos. Num contraponto à “invenção” da infância pela modernidade temos, hoje, a “des-invenção” da infância pela pós-modernidade.⁶⁶

Os pais de José têm formação e profissão bem diferenciadas: a mãe é pediatra, seu pai possui um pequeno sítio. Tanto no aspecto ocupacional quanto no financeiro, a mãe se sobressai ao pai. José tem uma irmã de oito anos que possui um problema genético de crescimento, é franzina e frágil e os pais têm um cuidado intenso com ela, que inclui acompanhamento médico e psicológico fora da cidade onde moram. Aliás, a psicóloga da menina foi quem encaminhou José à psicoterapia depois do último incidente narrado pela mãe. Ela contou à psicóloga que tinha tido uma briga muito grande com o filho, resultando em agressões físicas depois de muitos insultos de ambos. Ao me ligar, a colega de trabalho contou, ainda, sobre uma suspeita que a levava à investigação de abuso sexual entre os irmãos.

O primeiro encontro foi realizado apenas com a mãe. Diferente de outros encontros com mães que, geralmente, se mostram extremamente ansiosas e perturbadas pelo problema de seus filhos, o que percebi nessa mãe foi cansaço, entrega e uma culpa corrosiva. Corrosiva, no sentido de que se instala o tempo todo, sem dar chances de ser entendida e digerida para

⁶⁶ OUTEIRAL, 2007, p. 03.

ser transformada e acaba invadindo partes mais sadias com uma ferrugem progressiva. Uma mulher jovem ainda, que se formou com grande esforço e alcançou uma ascensão sócio-econômica em relação à sua família de origem. Mas ao se apaixonar por um rapaz *'boa pinta'*, envolvido com festivais de música e desinteressado por seguir uma formação profissional, acabou retornando aos laços que remetem à sua origem familiar.

O casal se constituiu com referências da família tradicional – pai, mãe e filhos, que possui campos de poder bem distintos, sendo o paterno no âmbito da governabilidade do espaço público e o materno do espaço privado, ao mesmo tempo em que experimenta modelos diferentes de papéis e funções, mais característicos da dinâmica familiar moderna. Essa mãe viveu sua juventude em um momento histórico em que já se esperava que as mulheres tivessem projetos de vida, nem sempre instalados no âmbito privado, mas, ainda, experimentando a inserção no espaço sócio-ocupacional como um desafio.⁶⁷

Enquanto isso, esse pai conviveu com um desejo de oposição de ideal sócio-político e de confronto com valores de gerações anteriores através da expressão artística e de participação em reflexões sobre a moral dominante. Ela esteve dando duro para conquistar um espaço profissional não alcançado pela geração anterior, ele para enfrentar os espaços oferecidos por sua geração anterior. Como outros contemporâneos seus, ambos entraram ainda jovens no mundo adulto, através da constituição de uma família, um caminho para a independência dos pais na época.

No entanto, seus projetos particulares existenciais são ameaçados. A mãe possui três empregos, levando-a a subtrair o tempo-espaço de convívio com os filhos para o exercício da maternagem que, além de tudo, não é substituído pela maior presença do pai. O pai, que na juventude quis contestar a forma de vida dos seus pais, encontra como ocupação, o trabalho no sítio, um bem patrimonial dado por eles, e que não fornece resposta financeira adequada para garantir ou mesmo repartir as despesas da família. A mãe convive com uma culpa neurótica e o pai com um estado fronteiriço de manter o poder e fazer-se valer como figura de ideal para seus filhos. Os membros dessa família parecem pertencer à subjetividades anacrônicas e sem condições de parceria e troca. As dificuldades de comunicação são, portanto, de ordem interna e externa. A vida que cada um tem atualmente não corresponde aos desejos de sua infância e adolescência, o conflito não está posicionado horizontalmente para que esses desejos possam movimentar e requisitar novos direcionamentos. Fica difícil a

⁶⁷ BIRMAN, 2006, p. 29

mãe liberar o filho, representante de seu 'falos', pois precisaria de motivações, o outro não oferece segurança para que permita assumir sua incompletude. Com o anúncio da puberdade, essa organização se torna impeditiva para a tentativa de uma organização mais autônoma por parte do filho. A família parece sempre ameaçada pela agressividade e perversão.

Os filhos estudam em uma escola freqüentada por crianças de famílias bastante abastadas, com renda familiar superior à do casal. A própria escola oferece cursos de línguas, esporte e arte em período complementar. Portanto, o filho só convive com esse grupo de crianças. Nos horários que está em casa, quer ficar na Internet o tempo todo.

As crianças e os jovens são muito mais deixados à deriva do que outrora no campo da família, pelo grande número de horas que ficam sem a presença dos pais, que saem para o trabalho. Não obstante a intensa agenda de atividades complementares à escola a que são aqueles submetidos como um imperativo – esportes, aprendizado de línguas dentre outras – tal preenchimento de tempo não tem a mesma economia afetiva que a presença dos pais. Esses, no melhor dos casos, são substituídos por empregados, que também não têm a mesma incidência afetiva das figuras dos pais.⁶⁸

José possui esse perfil. Também é cuidado por uma empregada que faz todo o serviço doméstico e está há muitos anos com a família. Palmeira⁶⁹ observa que a família se encontra, também, desamparada diante da tarefa de arcar com a subsistência material e de consumo da família e a educação de seus filhos. Oscilam desordenadamente entre permissividade e privações em excesso. A figura da empregada tem um importante papel na dinâmica da família e, principalmente, em relação ao José. Como passa mais tempo com ele e sua irmã do que a mãe, eles têm uma identificação muito forte. Recentemente, a relação de José com a empregada ficou extremamente abalada, pois descobriu que esta tinha roubado seu videogame. Mas ao narrar o fato, apenas uma semana após a demissão da empregada, ele trás claramente sua dúvida quanto a esse fato. Apesar de a mãe ter constatado o furto, Pedro parece não querer acreditar.

Na primeira consulta, a mãe coloca a queixa principal: está assustadíssima com a violência do filho, com os palavrões, com a falta de limites e com o tempo gasto na Internet. Aliás, o computador tem sido a única moeda de negociação entre ela e o filho. Deixa-o de

⁶⁸ IBID. p. 37.

⁶⁹ PALMEIRA et. al. Desamparo e Melancolia na Adolescência Contemporânea. 2006, p. 159

castigo sem usar o computador por semanas, para puni-lo diante de um boletim ruim ou de brigas com a irmã ou com ela. Relata que sempre usaram da força física na educação dele, desde pequeno, mas que agora ele tinha revidado. Como ele está crescendo e tem força, reage e agride também. Ela disse ter ficado em pânico com medo da violência do filho, a ira tomou conta dele na última briga, e ela se viu com a necessidade de fugir para não apanhar. Na escola existem queixas de brigas com colegas e de indisciplina. Não gosta de tomar banho. Esse é o contexto sócio-familiar de José registrado através da mãe.

O período que estive com José foi de apenas três meses com duas sessões semanais. Em nosso primeiro encontro, ele veio de chinelo de borracha, com o boné virado para trás, com uma aparência um tanto forçada de *bad boy*. Observou tudo na sala e em mim com ar de superioridade. Fizemos nosso contrato e logo ele se envolveu em atividades. Nas primeiras sessões, demonstrou querer me impressionar de todas as maneiras. Tentou mostrar um lado artístico de desenho de caricaturas e chegou a trazer duas, uma do Lula nas eleições e uma de um super-herói, disse que quer montar uma pasta com seus desenhos e o próximo seria da Marta Suplicy. Essa atitude logo no início da terapia revelou seu desejo de arranjar formas criativas e adequadas para lidar com seus impulsos e a esperança em nossa parceria. Apesar do meu interesse, receptividade e acolhida por essa atividade, logo a abandonou. Passou a narrar sobre um jogo que puxou na Internet intitulado ‘*The Crime*’, que consiste em etapas de dificuldades que vão levando às conquistas e pontos relacionados a crimes cometidos. A fase inicial é composta de pequenos delitos como tirar algo dentro da própria casa, dos colegas na escola; as dificuldades crescem, mais ou menos nessa ordem: roubos na rua; assaltos na rua; roubos em pequenas casas comerciais, em grandes supermercados; seqüestro; seqüestro com morte e assim por diante.

Ao me contar o jogo, observava a minha reação, em atitude de provocação e, ao mesmo tempo, de testar se eu daria conta de acompanhá-lo na aventura que estava sendo sua vida. Demonstrei curiosidade e tentei puxá-lo para expressar sobre as sensações experimentadas em um mundo virtual. Esse jogo revela mais uma tendência contemporânea, pois o jovem dita o tempo de suas aventuras, os espaços a serem invadidos. O computador amplia seu mundo e, ao mesmo tempo, o coloca como único senhor, pois liga, desliga, apaga, troca de jogo, reinicia na hora que quer. Tem um sistema de registro das pontuações, de forma que os jogadores são inscritos e classificados, ele diz ter aprendido a burlar suas pontuações.

Expansão e velocidade são os atributos essenciais da modernidade. A

expansão se apresenta nessa vocação do moderno de se impor sobre as comunidades desconhecendo a realidade formal das fronteiras. A velocidade se apresenta na ânsia pelos resultados com o máximo de economia dos gestos.⁷⁰

Logo abandonou, também, essa narrativa e partiu para a tentativa de montar quebra-cabeças, escolheu um de grande dificuldade, não aceitou minha participação através de sugestões para iniciar a montagem e desistiu logo da tarefa. Em seguida, iniciamos dois tipos de jogos que se alteraram nas sessões. Ora jogávamos bola, um disputando gol ou queimada com o outro; ora jogávamos truco, um jogo de cartas que depende de sorte e de malícia dos participantes. Como não conhecia muito bem as regras do jogo de truco, ele pediu para a mãe fazer um esquema da ordem de grandeza das cartas e deixou comigo no consultório.

Entre todos os jogos e momentos das sessões, aos poucos José expôs seus pensamentos, dificuldades, desejos e sentimentos. Meus registros a respeito desse menino foram acompanhando sua evolução comigo. De assustada e com prognóstico de desvio sério de conduta, percebi a intensidade e densidade de defesas para salvaguardar sua vida psíquica. No entanto, se essas defesas serviram até aquela idade, agora poderão levá-lo a desvios inadequados para sua entrada no processo da adolescência ao se deparar com grandes mudanças na dinâmica do aparelho psíquico e nas relações e espaço social. Mostrava um pouco de arrogância e superioridade que usava, também, para se apresentar diante dos colegas, mas deixou claro que não tinha popularidade com os meninos e que, muitas vezes, acabava ficando apenas com as meninas. Tentava aparentar uma auto-estima e segurança que foi facilmente descortinada frente às dificuldades que tem na aprendizagem, no relacionamento com os pais, com os colegas e até em seu desempenho nos jogos, sejam eletrônicos, futebol, ou troca de ‘figurinhas no bafo’.

José se enquadra no esquema descrito anteriormente sobre as cisões e separação do mundo objetivo e subjetivo. Está difícil um diálogo, uma linguagem que comunique e dê sentido ao que ele experimenta – sua mãe, pai, irmã, colegas, professores não conseguem entendê-lo – e ao que o mundo lhe diz, pois ignora a rejeição entre seus colegas. Até a latência, vários arranjos foram feitos para a sobrevivência desses mundos incomunicáveis. Mas com o advento da puberdade, novos impulsos levam às demandas que solicitam um

⁷⁰ RUFFINO, *Adolescência e Modernidade*. 2007, s/p.

reconhecimento e diferenciação entre fora/dentro, pessoal/coletivo, natureza/educação. Se suas fantasias e devaneios se materializavam sem grandes riscos nos jogos virtuais da Internet ou em filmes de suspense ou, ainda, em brincadeiras de cunho regressivo, agora precisam ser direcionadas a novos objetos.

As dificuldades surgem dos dois pólos em consequência da ausência dos meios de continência – função materna; e elaboração simbólica – a partir da presença do pai. De um lado, o abandono das relações objetais primárias se torna inviável como resultado da inadequação das funções maternas e paternas do passado, essas dificultaram o processo de repressão dos afetos provocando o empobrecimento e desvitalização do psiquismo. De outro, os pais reais e não internalizados sentem um total estranhamento em relação ao filho e seus comportamentos.

Nos ataques aos vínculos, encontramos sempre uma desautorização dos meios e dispositivos aptos a formar laços e fazer sentido. Por exemplo, são desautorizados certos usos dos sistemas simbólicos, certas modalidades de fala e também todo o campo dos afetos inclusive o ódio, que ainda é, apesar de sua negatividade, uma forma de vínculo. Ocorre assim uma *desafetação* generalizada, ainda quando certos modos de ligar representações umas às outras estejam preservados.⁷¹

Apesar de, na maioria das vezes, não me vencer nos jogos, não tentava trapacear e admirava minha sorte ou habilidade. Percebeu que eu não me importava com o resultado e curtia muito o jogo com ele. Com isso, sentiu-se mais livre para deixar escapar suas fantasias e medos. Um dia, após me deixar cansada e ofegante em um jogo de ‘queimar’ um ao outro com uma bola feita de jornal, começou a falar de revistas de mulheres nuas e de meninas de sua escola. Narrou um episódio em que voltava da aula de inglês e espiou junto aos seus colegas, sobre a janela de um banheiro de academia, as meninas trocando de roupa. Ao contar, deixou a impressão que, mesmo tendo sido punido porque um dos meninos contou ao pai, seu pai pareceu se orgulhar dele.

Não tive contato direto com o pai, mas sua presença foi sempre marcante, seja na fala de José e de sua mãe, ou em seus jogos e performances no consultório. Existe um limiar muito tênue entre o desejo de ser diferente, criativo, dono do próprio processo de subjetivação

⁷¹ FIGUEIREDO, 2003, p. 25.

e o estabelecimento de sintomas que impedem, justamente, o processo natural de fazer-se no mundo – o subjetivar-se. Esse limiar parece herdado da história de seu pai e permanece em sua história, só que com agravamento da situação, já que vem com ônus da geração precedente.⁷² Se os pais pertenceram a uma geração com características tradicionais e modernas na composição familiar, essa ambivalência é vivida pelos filhos e uma nova ordem de relacionamentos deve aparecer. A suspeita de abuso do menino em relação à sua irmã não pôde ser desvendada pelo curto tempo de terapia, mas durante o processo surgiram indicações de não ter havido concretamente o abuso. Este parece fazer parte também de fantasias e defesas presentes na dinâmica das relações entre os familiares – pai, mãe, irmão e irmã.

Nessa família, o que preocupa é o fato do ideal permanecer na figura paterna, e essa figura estar identificada com aspectos não amadurecidos nos quais prevalecem a inconseqüência, o sonho e não envolvimento com o gerenciamento dos conflitos. O desejo de ser criativo e diferente retrata uma idéia de que se pode lidar com os problemas gerados pelas pulsões através de processos sublimatórios. Uma mãe simbiotizada e culpada e um pai narcísico formam o casal parental que dificilmente conseguirá levar ao que se pontua abaixo como necessário para “[...] o desenvolvimento de um espaço fora do *self* capaz de ser observado e pensado que fornece a base para uma crença num mundo seguro e estável.”⁷³

Fiquei mobilizada a cuidar não só de nosso espaço terapêutico, mas, também, do meio que o cerca. Suas sessões terminavam às sete da noite e várias vezes era meu último paciente, quando saía de meu consultório, me deparava com ele sentado na calçada esperando seus pais, ou algumas vezes indo a pé para encontrar com a mãe em um hospital distante cinco quadras. O percurso até o hospital é escuro, tem pouco movimento, e vários terrenos baldios sem muro. Perguntei a ele se não sentia medo. Ele disse que não e que até gostava da aventura. Conversei com sua mãe, se ela concordava com a ida dele até seu encontro ou se preferia que aguardasse no prédio. Ela explicou que muitas vezes não tem hora certa de terminar os atendimentos do plantão e que ele não tem paciência para esperá-la. Preocupo-me, também, sobre os momentos em que fica sozinho em casa, algumas vezes acompanhado da empregada. Ele engana a acompanhante, sobre o uso ou não do computador e dos jogos eletrônicos, de forma que, apesar de haverem regras estabelecidas, ele acaba agindo de acordo com seus desejos e artimanhas.

⁷² Tratarei desse tema mais adiante quando discutir o complexo edípico.

⁷³ BRITTON, O elo perdido: a sexualidade parental no complexo de Édipo. 1992, p.72.

Se, ao adolecer, o sujeito entra marcado pela modernidade, ao realizar/superar (*aufheben*) seu adolecimento, ele responde ativamente a ela: este último movimento, entretanto, estará restrito àqueles que puderem ter êxito na travessia. Aqui se situa o lugar do ato analítico no trabalho com a adolescência: operar no sentido de cuidar para que a travessia transcorra apesar e até por causa dos virtuais obstáculos a seu êxito.

O argumento acima expõe um esboço razoável da imbricação íntima, necessária e mútua que une a adolescência e a modernidade.⁷⁴

Cuidar de José implica na compreensão da dinâmica de sua família e contar com as falhas vindas do ambiente familiar e social, que estão dificultando a sua travessia. Torna-se necessário um contínuo reexame do funcionamento mental, considerando o papel fundamental do objeto – externo e interno para traçar os rumos da ação terapêutica.

B - A trama do adolecer em uma oficina de teatro

A trama de José propiciou reflexões sobre a experiência da família diante dos impasses que surgem na entrada da puberdade. Para ajudar a pensar sobre as dificuldades dos jovens no mundo atual, em outro espaço social, apresento a seguir uma situação vivida com adolescentes de uma escola pública de Uberaba.

Considero importante relatar o programa desenvolvido nessa escola para contextualização dos problemas apresentados. A Universidade de Uberaba implantou um Programa de Atenção à Saúde do Adolescente em uma comunidade periférica, a partir da parceria entre Universidade e Prefeitura Municipal na gestão de uma Unidade Básica de Saúde. O Programa, divulgado por mim e pela terapeuta ocupacional do grupo, consiste em ações centradas na educação e promoção de saúde, bem como outras voltadas ao atendimento de diversas situações de risco e conta com a participação de alunos/estagiários e voluntários, e profissionais das áreas de Terapia Ocupacional, Psicologia, Nutrição, Fisioterapia, Serviço Social, Enfermagem, Educação Física, Farmácia e Medicina.⁷⁵

Após um ano de atividades na escola, tendo conhecido a demanda, apresentado o

⁷⁴ RUFFINO, 2007, s/p.

⁷⁵ PANUNCIO-PINTO E CUNHA. Atenção ao Adolescente. 2007.

programa e criado vínculo com os adolescentes, decidiu-se pela caracterização mais específica da demanda por meio de entrevistas individuais seguindo instrumento próprio, com a finalidade de conhecer a realidade familiar e educacional mais ampla para intervir. Do ponto de vista da análise da condição do adolescente, Ranña indica a importância de estudos de caso:

Um olhar mais cuidadoso para esta realidade encontra o que se chama de "comportamento de risco", e a morte é o resultado de um processo que tem seus antecedentes ou sua história individual e única. Por isso, o estudo de caso é uma ferramenta muito valiosa, pois nos leva a conhecer as singularidades dos componentes deste cenário. Falhas da função materna e paterna somam-se à falta de acolhimento, de oportunidades, num cenário social de carências e falta de seriedade por parte do Estado, pois a grande maioria desses jovens está em regiões carentes das grandes cidades.⁷⁶

O estudo confirmou que a condição sócio-econômica era determinante para reafirmar os riscos diversos de se viver numa comunidade periférica e com poucas opções culturais e de lazer (condições precárias de moradia, renda familiar baixa, não acesso ao mercado formal de trabalho para 80% das famílias dos 220 adolescentes abordados). As principais situações de risco foram violência doméstica (10%), gravidez na adolescência (15%), alcoolismo e outras formas de adição à substâncias psicoativas (pais e adolescentes: 42%). Surgiu o interesse em 52% das entrevistas de conhecer a Universidade (*“você já conhecem nossa escola, queremos conhecer a de vocês”*); também foi possível confirmar os temas transversais anteriormente solicitados pelos adolescentes: sexualidade (transformações da adolescência, primeira relação sexual, orientação sexual, DST, gravidez); violência (doméstica, institucional), drogas, alimentação saudável, prática de exercícios físicos; relacionamento familiar (conflitos); namoro e relacionamento com os pares. Estes temas e necessidades constituíram o eixo em torno do qual se estruturaram as atividades em sala. Simultaneamente à caracterização da demanda, as oficinas continuavam e enfrentavam diversos problemas.

Nesse momento, algumas dificuldades começavam a emergir e diziam respeito principalmente ao envolvimento dos adolescentes nas atividades (pouco concretas), a proximidade de faixa etária entre adolescentes e

⁷⁶ RANÑA, 2005, p. 46-7.

estagiários e à realidade da escola, cuja rotina nunca se apresentou de forma estável (alteração de horários, dispensa de alunos, agendamento de provas em horários que haviam sido definidos para nossa intervenção). Além disso, quando os estagiários entravam em sala, os professores saíam, não aderindo assim as atividades do programa.⁷⁷

Na condução do programa, trilhamos um caminho considerado seguro para nos assegurarmos da obtenção de resultados positivos. Aplicamos estratégias de identificação dos sujeitos, de sua demanda e interesses. Mesmo assim, encontramos dificuldades que deveriam ser analisadas para a compreensão das relações instauradas e reorientação das linhas de conduta.

Qual a relação desse programa inter-institucional com o nosso objeto de estudo? Até o momento foram abordadas questões relacionadas à família e sua participação na subjetividade do adolescente e, conseqüentemente, na obtenção de sua própria identidade.

A resposta era simples: o enquadre mudava; o método não. No consultório trabalha-se essencialmente com a palavra. Toma-se a palavra em sua dimensão expressiva do modo de ser e estar no mundo. Na instituição, oferecermos a possibilidade de outras formas expressivas além da palavra. As várias oficinas terapêuticas e o convívio cotidiano permitem ao adolescente apresentar-se plenamente, inclusive em ato, na cena institucional.⁷⁸

A questão a ser discutida gira em torno da interseção do mal-estar contemporâneo e o mal-estar do período de mudanças característico da passagem para a maturidade. Centrando minha atenção no eixo proposto por esse estudo, recorro a Freud em seu artigo sobre a psicologia escolar baseado em suas próprias experiências em relação a seus mestres entre os dez e dezoito anos.

Nós os cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus

⁷⁷ PANÚNCIO-PINTO e CUNHA, 2007, p. 86.

⁷⁸ MINERBO, 2006, p. 89-90.

caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos. Eles provocavam nossa mais enérgica oposição e forçavam-nos a uma submissão completa; bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamos-nos de sua excelência, seu conhecimento e sua justiça. No fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela, embora não possa dizer quantos se davam conta disso. Mas não se pode negar que nossa posição em relação a eles era notável, uma posição que bem pode ter tido suas inconveniências para os interessados. Estávamos, desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá-los, a criticá-los e a respeitá-los.⁷⁹

Freud completa denominando de ambivalência esse sentimento nutrido para com seus professores. Relaciona-a com atitudes contraditórias estabelecidas com sua família - pais, irmãos e cuidadores. Os novos relacionamentos são estabelecidos sobre a imagem do pai, da mãe, do irmão, da irmã formada em seus primeiros anos de vida, arcando com sua herança emocional impregnada de simpatias e antipatias.

A escola na qual o programa está inserido revela uma dinâmica não menos complicada do que a relatada na família de José ou dos adolescentes envolvidos no programa. Impressiona, já na primeira visita, com sua aparência. Seu espaço ocupa um quarteirão, é cercada por muro descuidado e pichado. As salas de aula são voltadas para um amplo pátio externo, têm as vidraças quebradas, a sala de áudio-visual possui apenas uma televisão e vídeo cassete, o laboratório, e a biblioteca têm grades e trancas. O portão de entrada é controlado por uma vigilante que regula entradas e saídas dos alunos, além de controlar a circulação deles no espaço interno. A direção da escola é exercida por uma pessoa que, constantemente, adota atitudes polêmicas, facilitando o emergir de sentimentos contraditórios de raiva, admiração, medo e segurança. Os professores retratam o panorama de grande parte do contexto educacional brasileiro, são figuras desvalorizadas, pois sofrem constantemente com o desrespeito dos alunos, chegam desgastados e desestimulados pelo acúmulo de trabalho e não encontram apoio da direção da escola ou do próprio grupo de docentes.

Esses professores poderiam ser objeto de direcionamento afetivo para ampliação do universo relacional do jovem? São eles figuras que podem atrair e polarizar as novas demandas dos alunos? Assemelham-se aos professores de Freud? Essas questões se apresentam apenas com pontuações sobre a confusão de papéis instaurada, também, no

⁷⁹ FREUD, 1914.

ambiente educacional do jovem contemporâneo. Uma escola e uma direção que deveriam exercer o papel de interditores, da presença de um terceiro para estabelecer a ordem, foge de seu papel por não ter uma linha equilibrada e coerente de conduta. Os professores que deveriam ser figuras de direcionamento afetivo, acolhimento e identificação se encontram com uma desvalorização que os distancia desse papel. As crises relacionadas às transformações envolvem a todos. “Pais, educadores e profissionais da saúde também fazem parte dela e freqüentemente manifestam sintomas ao enfrentar a convivência com os jovens, revivendo suas próprias adolescências”.⁸⁰

A escola reproduz a situação triangular apresentada em primeira ordem pela família. Nesse modelo, a direção com seu poder de instaurar a interdição, ditar normas e exigir seu cumprimento, não oferece possibilidade de simbolização da figura que levaria ao amadurecimento superegótico. E os professores que deveriam investir seu olhar sobre a geração que estão educando, não possuem energia e se apropriam do papel apassivado e segregador de uma má maternagem.

Coutinho destaca o trabalho a ser realizado na adolescência que pretende tornar o ideal de eu operante e abrir para outras possibilidades, diferentes das experimentadas em sua infância, de escoamento da pulsão.

O ideal do eu é justamente esse conceito de fronteira entre o individual e o social, que faz com que cada sujeito possa se constituir e se reconhecer numa dada sociedade, com uma dada cultura. Como já dizia Freud, "além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação" (Freud, 1974, p.119). Assim, consideramos que a questão dos ideais é crucial para o adolescente, na medida em que são eles que irão fornecer os meios necessários ao adolescente para elaborar essa passagem da família ao mundo social mais amplo, tal como se dá na nossa sociedade.⁸¹

A escola mostra ser mais uma instituição que fracassa em sua função de espaço para novas identificações e de modelo para os ideais culturais, o que traz fortes repercussões na elaboração psíquica desta "passagem" pelos adolescentes. E, é nesse contexto que o programa

⁸⁰ RANÑA, 2005, p. 45.

⁸¹ COUTINHO, 2005, s/p.

tenta lançar mão de estratégias que possam contribuir para uma retomada de situações que favoreçam um ambiente facilitador para a saúde integral desses jovens.

Esta oficina foi realizada no segundo semestre de 2004 com os alunos da 5ª série do Ensino Fundamental cujas idades variavam de dez a doze anos. Os estagiários achavam impossível produzir algo com esta turma que está iniciando a puberdade e acaba de mudar de turno passando a estudar de manhã, com os mais velhos. Tanto as meninas como os meninos são super agitados, se atracam e agarram o tempo todo. Várias tentativas tinham sido feitas: reflexões sobre os temas que pediram; separar em grupos de meninas e meninos; oficinas de artesanato e gincana, todas eram desconstruídas pelos adolescentes.

Sabemos o quanto é difícil para o adolescente falar a alguém que lhe parece imbuído da tarefa de atender às expectativas da sua família e não de escutá-lo acerca dos seus sofrimentos. A oficina permite diluir um pouco esse impasse. Critérios básicos fundamentais à escuta estão garantidos e a adequação ao trabalho feito numa instituição e em especial numa Clínica-Escola são considerados, num ritual que vai desde a preparação para o acolhimento até a supervisão sistemática. O trabalho com oficinas possibilita ainda a construção compartilhada da prática, sendo possível aprender na perspectiva dialética.⁸²

Os estagiários deveriam lidar com essa agitação e, ainda, com a falta de um objetivo ou meta do grupo de alunos, eles faziam questão de marcar '*panelinhas*' ou grupos fechados. Quatro meninos queriam esporte, mais especificamente, futebol. Uma parte da turma queria apresentar coreografias de música baiana e, outra, um teatro. Em supervisão tivemos de resolver as angústias despertadas nos estagiários de impotência diante da demanda diversificada dos adolescentes. Tanto as objetivamente identificadas nos temas como as internas, ligadas a situações de desamparo e descrédito em relação às famílias e à escola, como as particulares advindas das diferenças em tempo e espaço na dinâmica do amadurecimento puberal e psicossocial. As circunstâncias inconscientes apresentadas provocaram uma contra-transferência nos estagiários que, ainda, carregavam consigo as próprias questões relacionadas ao processo do seu adolescer.

Como coordenadora, além de acolher as angústias dos estagiários, tive que intervir

⁸² CÔRREA e FONSECA. Projeto Estação: desejo e laço social. 2004, p. 148.

diretamente na oficina com essa turma. Durante quatro intervenções, entrei com os estagiários para participar das oficinas. O grupo pôde experimentar uma construção compartilhada da prática com uma abordagem dinâmica entre o preparar, aplicar, avaliar e reorganizar as intervenções. Após esses encontros, os estagiários prosseguiram com a oficina cujo resultado descrevo a partir de agora.

Decidiram escrever e interpretar uma peça teatral, na qual seriam introduzidas coreografias de músicas relacionadas aos temas da trama, que teve como personagens: Aninha a protagonista; a professora de dança e três alunos (um é o paquera Thiago); mãe; irmão; irmã; amiga da protagonista. O teatro foi organizado em seis cenas:

Cena 1

Aninha sai de casa, despede da mãe fazendo barulho no quarto procurando a roupa para a aula de dança. A irmã briga porque quer dormir mais, elas discutem.

Aninha: Mãe tô indo para aula de dança, onde tá a minha roupa?

Mãe: Olha na segunda gaveta da cômoda do seu quarto, se não tiver, está no pacote de roupas passadas.

Aninha entra no quarto, acende a luz e abre a gaveta fazendo barulho.

Irmã de Aninha: Apaga a luz, não faz barulho, sua tonta, não vê que eu tô dormindo.

Aninha: É, sua preguiçosa, tá na hora de levantar.

As duas se atacam.

Cena 2

Aula de dança - a professora e os quatro alunos dançam uma música inteira.

Thiago: Aninha, vamos encontrar na praça da padaria depois da aula.

Aninha: Podemos ir juntos.

Cena 3

Thiago e Aninha saem de mãos dadas, ele tenta beijá-la e ela dá um tapa nele, (música de fundo "Splish splash"). O irmão da Aninha vê os dois de mãos dadas e conta para mãe.

Thiago: A gente se gosta, porque não podemos beijar?

Aninha: Olha minha idade, cara! Tenho só doze anos! Minha mãe me mata!

Irmão de Aninha: Mãe corre, Aninha tá na maior pouca vergonha, de mão dada com aquele pivetezinho.

Cena 4

A mãe fica brava e vai atrás da Aninha dá o maior sermão.

Mãe: Menina, já para casa, já te falei que é para sair da aula e ir direto para casa. O que está pensando o que menina? Vai ficar na boca de todo mundo, nem saiu das fraudas e tá de rolo. Vai brincar de Barbie, você não pediu o salão da Barbie no seu último aniversário?

Aninha: Mãe, não me mata de vergonha, isso faz um tempão, já era.

Mãe: Calada, senão seu castigo vai ser muito pior, sua mal criada.

Aninha: Aposto que foi aquele pirralho do meu irmão que me dedurou.

Cena 5

Aninha, a amiga e a irmã conversam sobre ser ou não, cedo para namorar.

Irmã: A mãe tem razão, é cedo pra namorar. Aninha, se você beija com doze anos, o que você vai fazer com quatorze, e com dezesseis?

Amiga: Tem nada a ver, que é que tem um beijinho? Eu, se fosse você, ia namorar escondido.

Aninha: Eu gosto do Thiago, mas ele é muito atrevido. E se a mamãe perde a confiança em mim logo no começo? Vai pegar no meu pé o resto de minha vida.

Irmã: Isso sem falar no papai, ah se ele descobrir, tá ferrada!

Cena final:

Aninha fica pensando em ser uma grande dançarina. Aparece ela pensando deitada no sofá e as meninas dançando um trecho de música.

A narrativa permite uma relação com a reflexão de Corrêa e Fonseca⁸³ “O adolescente pode fazer emergir da dinâmica familiar o sintoma que pertence não apenas a ele, mas a todo o conjunto, que o encarrega de apresentá-lo de acordo com a posição que ocupa nessa conexão”.

No início da oficina, apenas nove adolescentes aderiram, pois o grupo que queria futebol se sentiu preterido, mas logo que viram o entusiasmo e a interação dos demais, começaram a participar dando palpites na história e reivindicando papéis de atuação. Além das divisões em grupos que disputavam entre si, a turma rejeitava uma colega que era diferente das outras, usava óculos e se vestia de modo mais infantil, mas não deixava de tentar

⁸³ CORRÊA e FONSECA. 2004, p. 149

fazer valer suas participações, tanto na composição da história como desempenhando um papel na trama. O teatro foi um instrumento que permitiu o trabalho da passagem de características da latência para o início da adolescência. As *panelinhas* entre meninos e meninas começaram a ser desfeitas, sem provocar tantas ameaças e a eleita ‘bode expiatório’ pôde encontrar um espaço no grupo.

A latência permite uma moratória das pulsões e, assim, uma bissexualidade garantida por um espaço de tempo. Com a eclosão dos impulsos libidinais iniciados com a puberdade, o jovem deve se deparar com a sua identidade sexual. A princípio, essa parece ser uma tarefa assustadora e impossível. Defesas surgem para apaziguar a angústia egóica. Uma das formas de aprender a lidar com as novas dificuldades é se deixar levar pelas infundáveis manifestações de contradição nos comportamentos e condutas. Assim, nessa 5ª série, ao mesmo tempo em que os meninos e as meninas se atacam e disputam, se entregam aos jogos de sedução. A menina eleita ‘bode expiatório’, cavando seu espaço, dá chance a cada um de seus integrantes de acreditar que poderá ser aceito com as suas partes mais rejeitadas e desvalorizadas nessa nova pressão exercida pelo grupo das suas figuras internalizadas.

O teatro funcionou como uma oficina mediadora da relação entre os estagiários e o grupo de alunos assistidos; da relação entre eles mesmos, meninos e meninas e, ainda, permitiu a expressividade da relação entre os objetos internalizados de cada um deles. A oficina-teatro serviu como um espaço de liberdade de expressão e espontaneidade através da suspensão das censuras superegóicas e dos compromissos equilibradores do ego. Experimentaram uma verdadeira moratória, convivendo com a duplicidade, antagonismo, ambivalência de valores, sentimentos e atitudes, tanto através dos personagens como da condução do trabalho do grupo para criar a história, dividir os papéis, ensaiar e apresentar para o público no Fórum de encerramento do semestre.

A moralidade – função superegóica – pôde ser ensaiada como algo a ser internalizado por idas e vindas. Havia a fala da mãe, representante da autoridade dos pais da infância; a fala da irmã e da colega, representantes de seus pares, da mesma idade; e, no final, a própria fala que, ainda, carrega a imagem dos pais – *mamãe pode perder a confiança... o papai pode ferrar...* . Os impulsos libidinais fermentados pelo início da circulação hormonal e pela busca de novos pares aparecem na figura do namorado que quer beijar e na fala da menina que quer, mas fica insegura... E a instância egóica deve aprender a lidar com essas novas demandas, seja de comandos internos de julgamento e censura, seja de solicitações de sua natureza biológica. O conflito torna-se estruturante, pois, como vimos nas figuras

mostradas anteriormente nesse estudo, as representações excluídas buscam novas formas de vencer a censura e realizam novos arranjos de enfrentamento.

Seja qual for a abundância dos contra-investimentos e das formações reativas, é o modelo da neurose, da conflitolgia das instâncias que, essencialmente parece o mais congruente. As capacidades de ligação e de simbolização deixam abertas as possibilidades de integração. É nesta categoria que encontramos as dificuldades banais desta idade, tais como a baixa de rendimento escolar, dificuldades relacionais mais ou menos importantes, inibição, os mais diversos distúrbios do comportamento, ansiedade, condutas masoquistas ou auto-punitivas, pequena delinquência, os mais variados conflitos com os pais onde, essencialmente, domina um fundo depressivo.⁸⁴

O cenário fantasmático pôde ser encenado, pois o objeto foi claramente representado, as imagens estão diferenciadas e percebem-se claramente os processos de deslocamento operantes. Desta forma, os adolescentes/personagens puderam se interrogar sobre a estima de si, lidando com a problemática edípica através de identificações e questionamentos de identidade.

As reflexões teóricas sobre o destino das pulsões, o caso de José e sua família e da oficina de teatro levam a um dos caminhos para analisar as questões que propostas nesse trabalho: **o momento da passagem, da reorganização, do sustentar novas formações ‘tectônicas’**. A saída da modernidade, a saída do útero familiar, a saída dos modelos infantis de relações internas e sociais deverão conduzir à conquista de um novo espaço. Deve-se tomar consciência do trabalho contínuo de gestão do conflito, da existência de falhas nas figuras paternas e dos limites internalizados que irão direcionar as escolhas.

As tramas trabalhadas nesse capítulo apresentam como o modelo sexual fálico da infância apresenta como organizador da sexualidade o genital masculino e traça os movimentos para a socialização baseados na castração. A puberdade faz irromper no adolescente a genitalidade que pressupõe o encontro de dois pólos – o feminino e o masculino, mas que surge no modelo infantil fálico. Ou seja, os rapazes entram na adolescência com o poder do ‘falos’, mas também com o medo de perdê-lo; testam através de vários comportamentos para incorporar sua masculinidade: José provoca-me com suas

⁸⁴ CAHN, 1999, p. 30.

histórias de crimes ou com a agitação de seus jogos; os meninos da oficina tentam impor seu desejo de jogar futebol atrapalhando o grupo; os personagens masculinos do teatro mostram a ambivalência – o paquera que quer beijar e o irmão que quer denunciar. As moças, por sua vez, buscam ter o poder fálico através da sedução, mas se deparam com culpas e o sentimento de incompletude: as meninas da oficina querem expressar sua sensualidade na dança; as personagens do teatro também mostram ambigüidade ao dividirem-se entre ser ou não a favor do beijo de Aninha.

Esses conflitos têm caminhos e fins diferentes para serem enfrentados. O rapaz pode assegurar-se de sua masculinidade diante da relação genital. Para a moça, a realização será adiada até que possa ser a cuidadora de alguém ou de algo. Tais movimentos estarão presentes no jovem de hoje? O modelo fálico, sustentado pela referência ao pai, que deve ser amado e respeitado, mas também superado como figura impeditiva para a auto-realização, serve como balizador para o amadurecimento?

Os meninos não estão mais buscando a realização genital desvinculada ao afeto e intimidade. As meninas não estão esperando um compromisso mais formal para o encontro genital. A geração de adolescentes de hoje é filha de mães que já tiveram seus projetos pessoais serem firmados além da maternidade como o caso da mãe de José e de pais que não tiveram que desafiar tanto os pais ou figuras de autoridade para apoderarem-se de sua identidade. Devemos considerar que não há uma hegemonia nos padrões de relacionamento, pois convivemos com a coexistência de modelos diferentes dependendo das famílias, do ambiente social e cultural de cada jovem.

CAPÍTULO III

SABERES MÍTICOS E TAREFAS DO ADOLESCER

*Às vezes um deus, uma cidade dizem mais que os livros e, sem frases, exprimem a própria alma. [...] A nós cumpre descrevê-los, encontrar a sua alma, o seu coração magnânime, do qual todas as idades se nutrem.*⁸⁵

⁸⁵ MICHELET, 2002, p. 9

A aceitação da mitologia como fonte de conhecimento passou por vieses nem sempre fáceis de serem resolvidos. A linguagem mitológica se dirige não apenas ao entendimento, mas, também, à fantasia e à realidade.⁸⁶ O psiquismo, assim como o percurso da civilização humana, recorre a disfarces e símbolos que tornam possíveis e menos aterrorizadores muitas características de nossa natureza, através dessa expressão coletiva, emotiva e rica. Felizmente, alguns pensadores ousaram e, assim, proporcionaram grandes composições entre o pensamento lógico e a vida onírica. Entre estes, Freud, que resgatou componentes básicos do ser humano revelados desde a Antigüidade e lançou-os a um tempo adiante da sua época. Encontraria inúmeras explicações ao tentar desvendar as metáforas contidas nos mitos. Mas, para este estudo, retomo algumas reflexões psicanalíticas que têm sido propostas pelo seu fundador e alguns seguidores.

Tubert⁸⁷ considera a adolescência um momento mítico, pois se desenvolve no plano do imaginário, ainda que sua estruturação reintroduza o plano simbólico. O movimento dos contrários que acompanha todo o desenvolvimento humano tem um significado especial na estrutura do adolescente, em função de um salto qualitativo, marcado pela puberdade biológica e pela reinserção social.

Para Cahn⁸⁸, o caminho do adolescente na atualidade equivale aos ritos de iniciação de civilizações mais primitivas marcados pelo sofrimento, morte à infância e ao que percebia de si mesmo, para um novo olhar para si e para o mundo. Comumente na narração dos mitos, o encontro com a verdade provoca sofrimento, perdas e lutos, e o caminho é marcado por odisséias, com desvios provocados tanto pelo mundo externo como pelas vicissitudes do mundo interno no enfrentamento das polaridades das energias libidinais. Como foi abordado no capítulo anterior, se experimenta o momento da passagem, da reorganização e existe sempre um ônus a ser tributado na ousadia do crescimento, da mudança, da coragem em buscar o que está adiante, mas, ainda, é desconhecido. Azoubel Neto afirma a semelhança

⁸⁶ GRIMAL, Dicionário da mitologia grega e romana. 1993.

⁸⁷ TUBERT. 1999, p.21

⁸⁸ CAHN. 1999

entre análise e o pensamento mítico como sendo processos de passagem e mudança.

O que há de comum entre o processo analítico e o pensamento mítico é que em ambos existe um segredo e que a sua revelação (desvelamento) implica numa quebra capaz de produzir sofrimento; em primeiro lugar, porque ocorre a ruptura de uma estrutura defensiva (conservadora); e depois porque, a partir dessa ruptura, impõe-se a presença do novo, do inusual e inédito, exigindo adaptações diferentes, mudanças, formação de novas rotas e de outros esquemas, o que significa a criação de uma identidade diferente. É sempre uma relação com o estrangeiro.⁸⁹

Seguindo esta linha interpretativa, afirmo que na adolescência há uma experiência de desdobramento, assim como na transferência no processo de busca da cura psicanalítica, de algo inédito e com a marca da repetição simultaneamente. O desejo aos mesmos objetos inalcançáveis segue paralelo à conquista de novos objetos para se distanciar e até se enlutar dos primeiros objetos. Freud assinalou sobre o objetivo da cura ser: amar e trabalhar. Semelhantemente na saída da adolescência se deve buscar a responsabilidade e as escolhas pessoais o que pressupõe renúncias como à bissexualidade e aos pais edípicos e ao encontro da corrente terna com a sexual permitindo as escolhas amorosas, assim como o direcionamento para as escolhas vocacionais e produtivas.

Na maioria dos textos sobre a adolescência, se encontram referências aos rituais de passagem de certas sociedades, da condição cultural do fenômeno da adolescência. Em artigos atuais, se fala das tribos urbanas, de grupos com linguagens e comportamentos que tentam registrar territórios de pertencimento. Enquanto nos primeiros, os rituais, apesar de provocarem dor e luto, são condições de desenvolvimento normativas e fazem parte de cenas cotidianas; nas ditas tribos atuais são percebidas como tendências anormais como delinqüência, histeria e comportamentos anti-sociais. Ranni assinalou:

Nas sociedades que não passaram pelas transformações que delineiam hoje o mundo ocidental, e mesmo nas sociedades atuais tradicionais, a passagem da infância para a vida adulta acontece de forma tranqüila, amparada por rituais socialmente estabelecidos, fazendo com que esta mudança seja vivida de forma coletiva, ritualizada, tradicional. [...] Nas sociedades modernas, o

⁸⁹ AZOUBEL NETO. Mito e psicanálise. 1993, p. 59

adolescer passou então a ser um processo vivenciado de forma individual, de acordo com os ideais de liberdade singularidade reinantes.⁹⁰

As tradições davam à sociedade um papel estruturante e configurador para assegurar padrões de valores e modelos bem definidos, e o se tornar adulto ocorria de forma tradicional e coletiva. Hoje, o adolescer toma moldes de adoecimento e é vivenciado de forma estranha a cada grupo ou mesmo a cada sujeito. No entanto, comungo com Winnicott quando afirma que “[...] devemos encarar o desafio, e não tentar curas uma coisa que é essencialmente sadia.”⁹¹

Neste estudo, para compreender a possível experiência de duplo mal-estar no jovem contemporâneo, investigo a relação entre o enfraquecimento das figuras parentais e das instituições responsáveis pelo estabelecimento dos limites da individualidade e da inserção do sujeito na sociedade próprios do mal-estar da modernidade com o processo da adolescência. Para ampliar a reflexão, passo à análise das interfaces entre o mito de Narciso e o caso de Miro, um dos adolescentes atendidos.

1 NARCISO E MIRO: PERSONAGENS EM BUSCA DE SI MESMO

“[...] este Narciso fundamento da subjetivação e também seu pior obstáculo”⁹²

Narciso⁹³ - com descendência divina e humana - configura a dualidade do psiquismo na leitura psicanalítica, retrata a resolução do conflito originário: de um lado a posição de plenitude e auto-suficiência e, de outro, a necessidade de objeto externo para garantia da vida, levando ao aprendizado sobre a relação com o outro. O artigo de Andrade apresentou a figura de Narciso, um ser mortal, mas descendente de deuses e aspirando à divindade, como modelo da condição ambígua do ser humano.

A mitológica figura de Narciso aparece aqui como modelo por compartilhar da condição híbrida e ambígua do ser humano, condição que nos faz

⁹⁰ RANÑA, 2005, p. 44.

⁹¹ WINNICOTT, 1993, p. 127.

⁹² CAHN, 1999, p.131.

⁹³ O mito de Narciso, narrado por Ovídio em *Metamorfoses*, encontra-se na íntegra no Anexo B

voltados para nossa exaltação e também nos solicita uma transcendência. Transcendência esta, no meu entender, só realizada com e através do outro, em dimensão efêmera e mortal.⁹⁴

Esta ambigüidade aparece de forma dupla na adolescência, pois a dualidade deus/humano permanece e é vivida simultaneamente com a tarefa do jovem de se desligar das referências absolutas dos pais da infância para instalarem a um superego autônomo, mas impregnado pelos valores passados por seus pais durante toda sua vida, ou seja, se afastar dos pais e carregá-los dentro de si.

Atualmente, o jovem deve transitar por pólos conflituosos de apelos maciços e sedutores para direção crescente de objetos de prazer (consumismo). Apesar dos apelos serem para todos, o acesso a estes objetos tem sido uma das principais fontes de desajustes comportamentais, em dois pólos: alguns precisam de esforços “olímpicos” para obtê-los, sendo, na maioria das vezes, frustrados; e outros, nem sequer têm tempo para desejá-los e já são “presenteados”. Isto dificultaria as novas formas de lidar com os impulsos libidinais, as fronteiras entre o fora e dentro ficam indefinidas tanto em termos de espaço como de energia. Situações entre gratificação e frustração que deveriam ter um equilíbrio dentro da experiência do jovem, são quase que dosadas apenas pelo mundo exterior, na oferta de possibilidades ou não.

Segundo Freud⁹⁵, o narcisismo faz parte do desenvolvimento e se revela como uma das formas da libido expressar-se. Manifesta-se em momentos voltados a auto preservação, sendo independente e não suscetível à intimidação, não há tensão entre ego e superego. Se nos mantivermos neste estado, onde amar se torna mais importante do que ser amado, não conseguindo dirigir a libido a objetos, corremos o risco de adoecer. Ou seja, o que antes garantiu nossa sobrevivência, agora pode nos levar ao definhamento. “Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em conseqüência da frustração, formos incapazes de amar”.⁹⁶

O estudo sobre narcisismo permite caminhos diversos, mas não oponentes. Permite a abordagem de sua participação para definições estruturais, funcionais, desenvolvimentistas, ou ainda, do ponto de vista patológico.

⁹⁴ ANDRADE. Narciso: o semi-Deus. 1993, p. 445.

⁹⁵ FREUD.1927

⁹⁶ FREUD.1927

O estudo sobre o narcisismo também começou com Freud (1910, 1914), mas foi desenvolvido por Abraham (1919, 1924) em seu estudo sobre a resistência narcísica, e por Reich (1933) no trabalho sobre a análise do caráter, e sua introdução da idéia de uma ‘armadura do caráter’. Esses estudos levaram aos de Melanie Klein e seus sucessores, entre os quais Bion, Rosenfeld, Segal e Joseph foram os mais especialmente influentes.⁹⁷

A partir desses pensadores, alguns psicanalistas atuais estudam a experiência narcísica dos adolescentes. Seguindo as pistas destes autores, apresento recortes de um atendimento ao jovem Miro, realizado entre os quinze e dezoito anos.

Sua mãe procurou-me dizendo que o filho era extremamente ansioso, que herdara isto dela. Era o filho do meio, precedido por uma irmã dois anos mais velha e sucedido por um irmão seis anos mais novo, também em psicoterapia para tratar de medos excessivos e dificuldades na escola. A família toda dedicava atenção ao caçula e, em especial, Miro se mostrava sempre atento ao irmão. Em nosso primeiro encontro, Miro expôs sobre sua timidez e insegurança, ficava muito insatisfeito consigo mesmo diante destes comportamentos, gostaria de ser de outra forma. Logo percebi sua ansiedade pelo movimento constante de sacudir as pernas. Seus pais estavam com problemas no casamento, discutiam muito e o pai já havia saído de casa duas vezes. No início, Miro se achava distante do problema dos pais e via sua irmã acompanhar tudo e se sentia “*por fora*”. Mas o que mais o angustiava era a dificuldade em se socializar e uma paixão platônica por uma menina de seu colégio. Feita esta apresentação, dialoguemos com os aspectos estudados.

Percebo que Miro demonstra ser uma síntese de identificações das figuras de sua família. Muitas vezes, quando noto sua aflição e questiono, fala estar preocupado com o irmão que está só em casa e que tem medos. Ao ser perguntado sobre quais são esses medos, menciona principalmente o de chuva, tempestades e o de sair sozinho da escola. Apesar de a escola ser a dois quarteirões de sua casa, Miro sempre busca o irmão. Fala que esse fica em pânico quando demora. De fato, a avenida em que mora, geralmente é inundada em chuvas mais fortes, mas mora em um edifício que oferece total segurança. Uma vez, ao ouvir trovões, quis interromper a sessão, justificando que o irmão estava só em casa. Ao ser questionado

⁹⁷ STEINER. Refúgios psíquicos: organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiricos. 1997, p.59

quanto ao que sentia em relação às chuvas e ventanias mais intensas, se deu conta que também fica extremamente perturbado diante desses fenômenos. O cuidar do irmão o faz se sentir capaz de cuidar de si também servindo, portanto, a dois propósitos. Fica mais confortável se sentir potente ao tranquilizar o irmão (e a si mesmo) do que lidar com a impotência diante da tempestade. O irmão é considerado frágil e recebe atenção de toda a família, Miro se identifica com essa necessidade de cuidados.

Ao trazer em sua queixa as constantes brigas dos pais, inseriu a problemática do casal em nossa relação. Temos como tarefa, terapeuta e paciente, tentar compreender as partes e buscar harmonizá-las. Ele mostra uma preocupação grande em não me aborrecer, nem ser inadequado comigo, quer formar uma dupla harmoniosa que, para ele, significa não brigar.

Uma das tarefas da adolescência é se desprender das figuras parentais que provocam um retraimento da libido. Miro vivencia essa tarefa, pois é comum se afastar, confuso, do mundo externo e voltar-se para si até que possa se dirigir à novos objetos. Selecionei uma de suas falas que indicam o afastamento: *“Cheguei da escola e minha mãe estava discutindo com meu pai, fui para o quarto, liguei o som, já estou com problemas demais para ouvir a novela de sempre”*. No início do tratamento, as discussões dos pais demonstravam ser seu principal problema, na ocasião desta fala, ele tentava ficar menos em casa e, quando não era possível sair, ficava no quarto ouvindo música ou falando no telefone. Este comportamento se alternava com um sentimento de culpa, quando percebia que estava *“por fora”* do que ocorria em sua casa. O barulho da discussão dos pais reais, se misturava com os sons confusos a procura de um significado para cada imagem internalizada dos pais de sua infância, aqueles cujo amor gerou ele e seus irmãos. Miro não consegue entrar em contato com esses pais em desarmonia, o que facilitaria um luto pela perda dos pais idealizados, se fecha e, instantaneamente, se sente culpado.

Miro tem uma relação bastante ambígua com as figuras parentais. Admira muito seu pai, gosta do jeito que trata as pessoas, da convivência com os amigos e com a própria família. Expressa, livremente, o desejo de ser como seu pai em suas relações sociais: desinibido, alegre, gentil, companheiro. No entanto, nas brigas do casal, fica identificado com a mãe. Esta tomou a posição de ‘juízo’ da casa, tendo de cuidar das questões financeiras e negócios da família. As funções materna e paterna se encontram confusas e misturadas, a mãe provedora e continente, mas submissa às decisões do pai; este acolhedor e afetuoso, mas detentor do poder sobre os membros da família. Quem deve ser o objeto de abandono para que as pulsões desse jovem possam ser redirecionadas: nesse sentido, qual é o ‘si mesmo’ de

Miro? Para simbolizar o outro, é necessário ter simbolizado a si. Para simbolizar a si, Miro precisa se separar do reflexo da imagem narcísica.

O que temos observado na clínica adolescente são sujeitos cada vez mais desiludidos diante de ideais que não conseguem atingir, imersos na solidão, à espera de algo ou alguém que lhes dê um sentido para a própria existência. O vazio, o tédio e a incompletude invadem a subjetividade adolescente. [...] O olhar do outro é o espelho com o qual o adolescente se defronta, fonte de sua própria imagem e da construção de ideais que irá perseguir.⁹⁸

Na medida em que o adolescente renuncia à auto-satisfação, à completude narcísica, entra em contato com a perda de satisfação imediata e pode reconhecer o desejo dos outros. O outro deve vir no plano simbólico para ocorrer o encontro, assim renuncia a posse deste como objeto (o encontrar e não o ter). Ao passar para o plano simbólico de intercâmbio, o circuito narcísico é interrompido e o adolescente pode tornar o si mesmo em símbolo. “A resolução da crise narcísica está no encontro com o outro, o outro como sujeito simbolizado, portanto diferente de si mesmo, com cuja imagem a libido vai se conectar novamente”⁹⁹

Miro encontra dificuldades para os novos direcionamentos para o investimento libidinal. Elege uma menina da escola, considerada uma das mais bonitas e inacessíveis, para dirigir suas pulsões amorosas. Cria várias situações de falsos encontros, pois, na verdade, o único a saber da relação é ele. Com quem ele se encontra afinal? Fica de olho, para ver a hora e local que ela usa para o intervalo das aulas, passa em frente, não olha, não tem como certificar se foi percebido por ela. Dessa forma, o registro do encontro fica em suas percepções acrescidas de suas fantasias, temores e desejos. Não desiste, continua no movimento de se encontrar (com quem?). Fica olhando de longe, acompanha-a a distância na saída da escola, a vê chegar nas festas. Para ser um sujeito simbolizado e poder ser objeto libidinal, se faz necessária uma experiência concreta alimentada por troca de energias e afetos entre os envolvidos. Ele não permite esse encontro com a pessoa externa e, assim, atrasa mais um pouco a experiência de ser levado por outro, com toda a significação que isso implica.

Porque uma jovem tão inacessível? Uma forma de prorrogar essa transferência libidinal e suportar as questões edípicas?

⁹⁸ PALMEIRA *et al.*, 2006, p. 160.

⁹⁹ TUBERT, 1999, p. 111.

O jovem escolhe o objeto erótico conforme sua própria imagem, como assinalou Freud, amando o que é, o que foi ou o que queria ser. Isso direciona para a escolha homossexual, configurada em relações de jogos sexuais ou relação consumada ou, ainda, na sublimação na amizade. A identificação com alguém semelhante a si próprio facilita a separação da figura materna, tanto nas meninas como nos meninos, e simultaneamente, revela a dificuldade para se desprender do vínculo da mãe.

A culminância na escolha heterossexual, em um primeiro momento, é caracterizada por uma hipervalorização sexual, transferindo o narcisismo primitivo para o outro. Esta idealização impediria o encontro, pois não reconhece o outro como diferente de si mesmo. Neste momento, já existe o outro (heterossexual), mas este aparece como seu duplo, o que vem para terminar com a dor da incompletude. A aventura de Miro está em se descobrir através da necessidade que o impele para ser visto pelo outro. Ensaia comportamentos, falas, busca modelos de comportamento, se admira consigo mesmo, se decepciona. A menina inacessível é um espelho de sua própria inacessibilidade e, ao mesmo tempo, algo externo e bem distante, que o encoraja à busca do encontro.

Percebe-se na compreensão de Tubert¹⁰⁰ o quanto o processo de amadurecimento afetivo segue movimentos não lineares e sim espiralados, como se nas idas e vindas do direcionamento ao objeto de prazer, o adolescente retornasse a aspectos narcísicos, mas sempre de uma forma diferente. O movimento oscilante entre o distanciamento do narcisismo primário e a tendência ao seu regresso provoca as inconstâncias e flutuações em seus sentimentos, pensamentos e atitudes.

Na busca de Miro pelo seu par, ele revive as experiências do casal parental e se aproxima de sua irmã e o namorado, como um novo modelo de casal. É o máximo que consegue de aproximação com a idéia do juntar-se a alguém. A identificação com a irmã surge, também, para ajudá-lo nessa passagem para novas formas de relacionamento amoroso, pois fica muito ligado ao namorado da irmã. Passa a acompanhá-los nos lugares de passeio, fica amigo dos amigos dele, se espelha neles para agir socialmente. Aberastury e Knobel (1992) discutem sobre o fato da transição para a eleição de um objeto erótico heterossexual ser gradual e caracterizado por flutuações e aprendizagem do papel masculino ou feminino. Na eleição do objeto libidinal, o jovem oscila entre atividades do tipo masturbatório, caminha para o contato com o outro em atividades do tipo exploratório e preparatório para, enfim,

¹⁰⁰ TUBERT. 1999.

chegar à genitalidade. Alguns arranjos servem como escalas, muitas meninas, por exemplo, incentivam o romance de sua melhor amiga com o seu irmão. Miro transfere para o casal formado por sua irmã e o namorado o triângulo amoroso como recurso para ajudá-lo na resolução do complexo edípico. Esse par está realmente apaixonado e envolvido um com o outro, facilitando seu desprendimento e busca do seu objeto amoroso.

Mais uma vez, se realça o papel dos pais que exerce grande influência neste movimento. Estes são levados ao retorno das próprias fantasias, experiências e expectativas e, muitas vezes, dificultam o desenvolvimento do filho por não tolerarem a separação. A individuação do filho implica em uma mudança nas relações e, conseqüentemente, neles próprios (os pais). Narciso nasce com uma marca de híbris, sua mãe, a ninfa Liríope, sabia ser arriscado caminhar nos arredores do rio; seu pai, o rei dos rios Céfiso, possuía uma voracidade sexual conhecida por todos, pois nenhuma ninfa que passasse em suas margens escapava de sua posse. A gravidez de Liríope foi difícil e fruto de um estupro. Seus pais são dois seres da água e, assim, o destino de Narciso está totalmente ligado às águas. Carrega consigo uma dívida dos pais que é profetizada por Tirésias: Narciso teria vida longa desde que não contemplasse a própria imagem. Neste sentido, o perceber dos aspectos narcísicos envolve tanto a sobrevivência psíquica do sujeito quanto possui um cunho inter-subjetivo, pois envolve mudanças na geração antecessora. A felicidade dos pais depende da sobrevivência do filho.

Ao se tornarem jovens, Miro e Narciso experimentam a própria desmesura. Narciso despreza todas as ninfas enfeitiçadas por sua beleza sem denotar qualquer sentimento de compaixão. Sua história com Eco é a sua edição amorosa. Se a dos pais vem com um ônus desagregador, mas que obteve um resultado, representado por ele o filho; a dele é uma relação dos impossíveis. Uma relação de reflexos, para ele de imagem, para ela de palavra; para ele de ignorância da existência do outro, para ela da ignorância da própria existência. Com o jovem Miro, não ocorre a questão do desprezo pela admiração das jovens desejantes, mas o sentido de se deleitar em um processo de retroalimentação em sua aventura amorosa. Só ele reflete os resultados de suas idéias, emoções e comportamentos, pois o outro envolvido na história desconhece a existência desse romance. Em ambos os casos, há um impedimento de se consumir o encontro, pois esse pressupõe escolha e abandono de identificações até então estruturantes de sua personalidade. Delírio de grandeza, onipotência das idéias, fé na força mágica das palavras se tornam técnicas contra o mundo externo. A hipervalorização do poder de seus desejos e atos psíquicos impõe a realidade interna como única e absoluta.

Os pressupostos sobre os lutos indicados por Aberastury e Knobel¹⁰¹ e trabalhados por Knobel (1992) foram, também, apresentados na obra de Tubert¹⁰² como essenciais no desenvolvimento do jovem. Aliás, Freud¹⁰³ já referira o afastamento da idéia de completude e imortalidade para a resolução desse impasse narcísico. Winnicott¹⁰⁴ compara o isolamento do adolescente com o do bebê. Ambos têm que experimentar sua diferenciação e individualidade para se voltarem ao ambiente.

O adolescente é essencialmente um isolado. Todo relacionamento entre indivíduos, e, em última instância, toda socialização, parte de uma posição de isolamento. Nesse aspecto, o adolescente revive uma fase essencial da infância, pois o bebê é um ser isolado ao menos até o momento em que repudia o não-eu e constitui-se como indivíduo distinto, capaz de relacionar-se com objetos externos ao self e à área de controle onipotente. Pode-se dizer que, antes de o princípio de prazer-dor dar lugar ao princípio de realidade, a criança é isolada pela natureza subjetiva de seu ambiente.¹⁰⁵

Em uma ocasião, Miro fala que ficou horas na boate, quieto, observando, satisfeito consigo mesmo. Uma situação ambígua de estar no meio de outros jovens e permanecer só. Nesse momento, experimenta dar crédito a si mesmo. Tanto no aspecto racional, tentando analisar e avaliar sua adequação de roupa, postura e comportamento; quanto no aspecto libidinal, pois dirige um olhar amoroso sobre si mesmo. Dar ouvidos ao seu mundo interno permite-lhe um reajuste emocional. Ele busca uma personalidade satisfatória tentando encontrar os objetos internos bons.

Winnicott¹⁰⁶ afirma, também, “É muito útil comparar idéias da adolescência com as da infância. Se o que existe na fantasia do crescimento primitivo é *morte*, então na fantasia adolescente existe *assassinato*.” O adolescente já está com um corpo que conheceu e aprendeu a cuidar durante os períodos pré-genitais, e este corpo já tem a forma e tamanho dos de seus pais. Afastar-se dos pais não oferece perigo ao corpo biológico. Estar muito próximo dos pais pode oferecer perigo a estes, seja por fantasias edípicas reativadas no adolecer, seja

¹⁰¹ ABERASTURY E KNOBEL. 1992

¹⁰² TUBERT. 1999

¹⁰³ FREUD. 1927

¹⁰⁴ WINNICOTT. 1993

¹⁰⁵ IBID. p. 118.

¹⁰⁶ WINNICOTT. 1999, p. 153

por força agressiva considerada inerente ao crescimento.

O pai de Miro é carinhoso, conversa, brinca, não briga, ensinou a dirigir quando tinha 16 anos, gosta de levá-lo para o futebol das segundas-feiras... fica difícil não considerá-lo um modelo-ídolo que não pode ser julgado ou avaliado. Sua mãe solicita várias parcerias: “ajude-me a cuidar de seu irmão”; “seja meu ouvinte”; “acompanhe-me para consertar o caixa que seu pai não conferiu ontem”... fica difícil deixar de ser seu parceiro. No mesmo texto, Winnicott menciona que, muitas vezes, a criança ou o adolescente é forçado a amadurecer por circunstâncias inerentes ao desejo de seus pais, morte de algum deles, dificuldades financeiras, alguma ocorrência traumática e inesperada, mas, em ocasiões naturais, os pais não podem transferir deliberadamente responsabilidades suas aos seus filhos, pois isso é vivido como um abandono em momento de crise. O adolescente passa a não se permitir viver o jogo do combate, da rebelião porque, no momento do assassinato, os pais abdicam de seu posto. Tubert explica como a dinâmica familiar e a adolescência de um filho interferem-se mutuamente para integrar componentes psíquicos importantes para cada um do grupo familiar:

Precisamente, a adolescência de um filho, enquanto passagem, impõe aos pais o reconhecimento da inexorabilidade da passagem do tempo e da morte, tal como é imposto ao próprio adolescente. Desse modo, descobre-se e entra em crise, ao mesmo tempo, um verdadeiro mito familiar, que se refere à impossibilidade da morte, isto é, uma estrutura imaginária que permite a integridade da família e inclusive pode se transformar em sua razão de ser: preservar-nos da angústia que deriva dos limites de nossa existência.¹⁰⁷

Para Miro sair do impasse entre impulsos narcísicos e direcionamento ao outro, é necessário que se liberte do estado simbiótico que experimenta diante das confusões de seus pais; que crie um espaço para assimilar as figuras parentais simbolizadas e, em seguida, inicie experiências concretas com novas identificações, novos sentimentos e novos comportamentos com novos parceiros nas relações amorosas. Os pais de Miro, por sua vez, têm que deixar Miro entranhar-se nas próprias aventuras, cometendo suas *hibris* e deixando para trás o mito da criança perfeita. Tanto Miro como seus pais deverão lidar com separação, morte e luto.

¹⁰⁷ TUBERT, 1999, p. 118

2 ÉDIPO E SILA: A DIFÍCIL SEPARAÇÃO DAS FIGURAS PARENTAIS

Édipo¹⁰⁸ simboliza o reconhecimento do terceiro na relação, para que o indivíduo se percebendo como excluído, encaminhe as energias para novas conquistas amorosas. Atualmente, a crise da autoridade e da figura paterna dificultando a integração do sujeito, pela impossibilidade de introjeção dos papéis superegóticos e, conseqüentemente, a noção de limites tem levado à busca de defesas pouco saudáveis. O alcance do mundo adulto está diretamente ligado à superação dos conflitos edipianos e toda a independência emocional advinda deste processo de instauração da civilidade.

Importante retomar o modo como Freud descreveu o complexo edípico e sua importância na formação da identidade – uma tarefa a ser resolvida na adolescência, mas que teve início em fases anteriores:

Uma atitude ambivalente para com o pai e uma relação objetal de tipo unicamente afetivo com a mãe constituem o conteúdo do complexo de Édipo positivo simples num menino. Juntamente com a demolição do complexo de Édipo, a catexia objetal da mãe, por parte do menino, deve ser abandonada. O seu lugar pode ser preenchido por uma de duas coisas: uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai. Estamos acostumados a encarar o último resultado como o mais normal; ele permite que a relação afetiva com a mãe seja, em certa medida, mantida. Dessa maneira, a dissolução do complexo de Édipo consolidaria a masculinidade no caráter de um menino. De maneira precisamente análoga, o desfecho da atitude edipiana numa menina pode ser uma intensificação de sua identificação com a mãe (ou a instalação de tal identificação pela primeira vez) — resultado que fixará o caráter feminino da criança.¹⁰⁹

Na adolescência, precisamente, o superego se instauraria e, ainda segundo Freud, seria o herdeiro do complexo edípico. A psicanálise revela que o inconsciente é atemporal e que o desejo é permanente. Mas a permanência do desejo não é contínua, pelo contrário, é

¹⁰⁸ Uma versão de Sófocles para o Mito de Édipo está no Anexo C

¹⁰⁹ FREUD, 1923.

bifásica, ou seja, organiza-se, primeiramente, do nascimento à fase fálica infantil e, posteriormente, na emergência da genitalidade e escolha objetual na adolescência. Entre estas fases a criança, dos 6 a 11 anos aproximadamente, passa por uma fase de moratória sexual. Com as novas aquisições biológicas, intelectuais e sociais o adolescente se depara com uma situação inevitável de ir adiante. Isto, muitas vezes significa abandonar posições anteriormente conquistadas pela libido e reviver estados mais infantis.

Esse processo pode ser compreendido a partir do mito. Édipo saiu de sua casa, se exilou em outras terras acreditando que evitaria o cumprimento da profecia. Amava seus pais e não desejava provocar um infortúnio. Existe uma tentativa de escapar de ambos os pólos da ambivalência, amor e rivalidade, levando à persistência do engano e ameaçando a possibilidade de uma boa resolução do conflito a ser enfrentado pelos adolescentes e seus pais. Não são os pais que o criam que correm perigo, mas a dupla que deu a origem biológica. Esta dupla deve se desfazer do poder sobre a vida do jovem, para que dê possibilidade da origem da identidade pessoal. Para os pais suportarem este fim, devem ter experimentado os dois papéis – os pais que geraram e os pais que criaram. No mito edipiano, os pais biológicos abandonam a criança na colina enquanto dormem juntos, no desenvolvimento do psiquismo infantil corresponde ao reconhecimento inicial do relacionamento sexual dos pais. Dessa forma, a criança deve renunciar à idéia de posse única da mãe e lidar com o sentimento de perda.

A questão já apresentada no início deste trabalho pode ser assim enunciada: consegue o adolescente (Sila), identificar-se com outros para reconhecer a própria imagem?

Início com a descrição de como tive contato com Sila. Fui procurada por uma mãe desesperada que buscava atendimento para sua filha que acabava de lhe revelar um segredo que lhe remetia à sua própria história: a filha fora molestada pelo tio materno quando tinha sete anos de idade, e ela, a mãe havia sofrido abuso sexual pelo pai na pré-adolescência. A dor dessa mãe se originava de uma dupla, experiência, pois sofria com horror o fato de a filha ter sido molestada e, ao mesmo tempo, parecia reviver a própria experiência. Contou que quando ocorreu com ela, contou à sua mãe e essa denunciou o pai molestador que foi preso e afastado da família. Estava muito assustada porque sua filha tinha tido molestada há quatro anos e, no entanto, havia guardado para si esse segredo e só revelou-o naquele momento porque tinha horror de ir para a cidade de sua avó, pois iria encontrar o tio.

Esta é uma mãe bastante jovem que trabalha e representa a maior fonte de renda da

família. Fala da filha com uma mistura de ser a provedora e de um mal-estar imenso vivido na relação das duas. Brigam muito, a mãe tenta impor limites quanto às amizades, aos estudos, mas, ao mesmo tempo, a enche de presentes, mesmo que estes valham dívidas ou trabalho dobrado. O pai também é jovem, mas não veio a nenhuma sessão, seja de *anamnese* ou de orientação, apenas o vi quando buscou a filha algumas vezes. Ela não tem irmãos. Moram nos fundos da casa da avó paterna. Além da avó, há um primo da idade de Sila. Os avós maternos moram em cidade vizinha. A menina tem um quarto só para si com som, aquário e é onde fica a maior parte do tempo que está em casa.

Em meu primeiro encontro com Sila, tive várias surpresas. Aparentemente, se mostra mais velha do que seus doze anos, muito bonita e nada tímida. Esperava uma menina assustada e fragilizada e encontrei uma menina agressiva e com aparente força. Um ódio imenso pela mãe e por quase tudo a sua volta. Dizia não saber o que é amar, a pessoa pela qual sentia carinho era sua avó paterna, seu pai era indiferente, nem ódio, nem amor. A frieza ao falar de suas relações com a família me impressionou mais do que o conteúdo de sua fala.

Uma mãe demonstrando intenso desespero e uma filha aparentando total desprezo vincular: eis um exemplo do que afirmei no capítulo anterior a respeito dos traumas dissociativos. Expliquei o processo da terapia e perguntei se gostaria de fazer algo ali comigo, jogar, montar quebra-cabeças ou apenas conversar.

Sila está no período inicial da adolescência. O que ela espera da terapeuta? Quais serão os processos transferenciais mais emergentes? Quais as necessidades mais urgentes de Sila? Ela inicia a terapia avisando que não se apega a ninguém, que está ali porque a mãe quer. Mas não falta, não atrasa e não se opõe às atividades propostas. Durante cerca de três meses, monta quebra-cabeças bem complexos, que exigem vários esforços, como paciência, perseverança, curiosidade e capacidade operativa. Nessa atividade, paciente e terapeuta, trocam experiência de como seria melhor iniciar a tarefa. Separamos peças por cores, peças de canto, conferimos a figura na capa da caixa. A possibilidade de compartilhar, de agir em dupla, representa uma nova forma de relacionamento para Sila que favorece o vínculo terapêutico. Gradativamente, começa a contar sobre sua vida na escola, suas amizades e suas brigas em casa.

Os encontros revelam uma ambigüidade forte entre atividade-agressividade e capacidade amorosa. Conta sobre disputas e rivalidades entre colegas na sala, usando termos que sugerem violência: *'vou pegar a fulana e dar a maior surra na saída da escola'*, *'já estou*

com o estilete pronto, vou riscar aquela carinha cínica’.

À luz do mito, pude compreender melhor o caso de Sila. Ela e a mãe viveram dramas semelhantes, mas com enredos e significações bastante diferenciadas. As diferenças, no entanto, não foram apreendidas pela mãe que viveu a experiência da filha com tamanha simbiose que expatriou a filha da possibilidade das próprias significações. A mãe sofreu abuso no período inicial da puberdade, quando as pulsões emergem e invadem um ego insuficientemente apto para administrá-las, fato que acarreta um transbordamento de afetos e atitudes comportamentais que serão mais ou menos controladas pela ação superegógica. A filha viveu o abuso no período de latência e o revelou apenas na época em que começou a conviver com a ebulição das pulsões. Segundo Levisky¹¹⁰ deve-se ocorrer o fenômeno da des-simbiotização, condição necessária para alcançar um estado de autonomia e emancipação, juntamente com a des-identificação infantil e re-identificação adulta. Os traumas experimentados por ambas surgem como empecilho para essa separação.

Mais uma vez a dinâmica das relações familiares deve ser analisada para o aprofundamento de meu estudo sobre os traumas dissociativos debatido no sub-título - *Aspectos traumáticos e disruptivos da modernidade e da adolescência*. Sila diz ter carinho apenas pela avó paterna que mora na frente de sua casa, pela mãe sente ódio, pelo pai indiferença. A mãe de Sila tomou para si algumas funções paternas, como a de provedora principal, a de imposição dos limites diante das solicitações da filha. É ela quem decide escola, horários de sair e chegar em casa, com quem andar e assim por diante. Também é em torno dela que giram as relações sociais da família, o casal sai com pessoas do relacionamento dela. Sila os acompanha e presencia a forma dos pais se divertirem, dançam e bebem muito nos programas. Quais os modelos introjetados a serem colocados à prova, referenciados e recriados para uma nova experiência identitária? De quem Sila deve se afastar para não desejar, ou para não ‘matar’?

A avó paterna parece desempenhar o papel de acolhimento, de continência, que proporciona à Sila um espaço de pulsão de vida, de ligação com o outro. Em sua relação mostra que ambas são diferentes, têm ocupações, perspectivas e metas diferentes, mas se percebem e desejam estar juntas. Ela não é a mãe biológica, mas a que a acolhe. A mãe biológica está muito ocupada com as tarefas de pai. Não é o objeto de estudo, mas vale a pena registrar as dificuldades edípicas diante do abuso sofrido na puberdade. Essa mãe não

¹¹⁰ LEVISKY. 2004

estabelece uma relação de entrega à figura masculina, escolhe um parceiro 'passivo', que lhe permita estar sempre à frente de suas atitudes.

Sila se aproxima da descrição que Ranña¹¹¹ fez em seu artigo sobre os desafios da adolescência. O autor se refere ao adolescente que tem uma figura frágil ou ausente do pai, e uma mãe que tenta compensar essa ausência com atitudes superprotetoras e de submissão aos caprichos de uma jovem exigente. "O quadro recorrente apresenta um jovem que, embora arrogante, não tem êxito nos estudos e no trabalho [...] Não existe oportunidade para descobrir competências ou vocações desconhecidas. O comportamento agressivo manifesta-se diante de qualquer frustração".

Por outro lado, Sila mostra um cuidado especial com seus peixes, com seus primos mais novos, com a avó. Na relação terapêutica, a ambigüidade gera aflições e preocupações com a adolescente e, ao mesmo tempo, uma gratidão pela sua disponibilidade da exposição e confiança. Contra-transferencialmente, lembro-me de minha filha dizendo em uma de nossas discussões, durante sua adolescência, que não queria uma psicóloga como mãe, e penso no meu desejo/função de ser uma mãe-psicóloga para essa menina.

A problemática da agressividade vai aos poucos sendo substituída pelo desenvolvimento da identidade sexual. Sila traz narrativas sobre sua amizade com uma amiga na escola. Inicialmente, surge como um laço afetivo, ligação, possibilidades de identificação e trocas. A amizade está permeada por fantasias homoeróticas naturais no processo de abandono da bissexualidade infantil. No entanto, toma características mais estereotipadas na medida em que encontra conflitos não resolvidos da Sila e da relação com seus pais.

Segundo Ranña,

"Ficar", namorar e transar ainda são uma busca e um desafio. Mas a balada, a bebida, as drogas, o celular de último tipo, o tênis mais transado, o carro, as roupas, tudo vai compor uma economia libidinal muito pouco disposta a esperar ou adiar suas realizações. Em psicanálise dizemos que saímos da economia do prazer, para entrarmos na economia do gozo. A famosa colocação de um adolescente imaginário, atônito diante do novo corpo, "E agora, o que faço com este tesão?", pode ser recolocada da seguinte forma: "E agora, quem vai segurar meu gozo?". O verbo "segurar" é importante para

¹¹¹ RANÑA. 2005, p. 47

evidenciar que os adolescentes necessitam de liberdade, mas ao mesmo tempo de limites bem colocados, pois o gozo demanda interdição. Pais e educadores, meio atônitos com as novidades, porém, perderam os parâmetros e, ao se pretender liberais, na verdade acabam deixando os jovens desamparados.¹¹²

O amadurecimento do aparelho reprodutor e dos genitais, a capacidade de abstração e deduções hipotéticas, o contato com grupos de iguais e com potentes figuras identificatórias impelem ao enfrentamento de uma ‘tragédia’. E com esta prontidão, na adolescência, assim como no mito de Édipo, a apreensão do conhecimento corresponde a uma ampliação da consciência, ou seja, ao desenvolvimento de uma consciência moral.

Sila está em um impasse, não consegue lidar com a demanda do comprometimento com os próprios valores morais. Tenta em suas amizades, conquistas e relações, provocar sua mãe (meio externo) e sua capacidade amorosa (mundo interno). O meio externo não favorece a resolução de seu dilema, os pais muito jovens (menos de trinta anos) com amigos muito jovens, esquecem da relação pais/filha em seus encontros festivos. Sila fica confusa, quando os adultos embriagados iniciam jogos de sedução e, várias vezes, tem a impressão que o marido de uma das amigas da mãe tem comportamentos mais abusivos com ela e até com sua mãe. Fica duplamente indignada, sente asco pela tentativa em relação a ela, e raiva da mãe que não protege nenhuma das duas. Não espera nada do pai.

Na infância, os valores e regras existem, mas estão projetados em forças superiores e externas, para Sila deveria estar nos pais como nos deuses para Édipo¹¹³. Estava difícil introjetar a interdição, pois estava confusa a distinção da figura que sofreria a ameaça da sedução e a da rivalidade.

Sila é bonita. Estuda em escola pública em bairro periférico da cidade. Tem bons amigos em sua sala de aula, ensaia viver experiências semelhantes às de qualquer adolescente, por exemplo, quando dá o primeiro beijo em um colega, os dois matam aula com outro casalzinho para irem a praças e parques onde namoram ao mesmo tempo em que brincam. No entanto, existe todo um esquema de rapazes maiores de idade irem para a saída da escola e flertarem com as meninas mais novinhas. Geralmente, são rapazes com um perfil semelhante,

¹¹² RANÑA. 2005. p. 45-8.

¹¹³ AZOUBEL NETO, 1993.

usam alguns artefatos para sua conquista como motocicleta para darem carona; mantêm seu poder sobre o grupo através de serem bons de briga; têm um acesso aparentemente livre às drogas. O jogo está apresentado, para a menina de doze ou treze anos, ser a escolhida do ‘cara’; para o rapaz, ter mais uma conquista em sua lista. Lembra a situação da horda primitiva, onde o macho-rei deve marcar seu território e os outros machos se submetem ao afastamento de suas pulsões para sua sobrevivência.

Nesse período, a adolescente tenta se exilar da casa dos pais que a criaram assim como Édipo, ela cria um mundo de aventuras só seu. Parece que necessita correr os próprios riscos, se confrontar com sua capacidade de enfrentamento das situações que se apresentam. Começa a fumar compulsivamente cigarros, bebe e fuma maconha. Tem companheiros diferentes para cada uma dessas aventuras. Por duas vezes, ao se sentir acuada, fez tentativas de suicídio que mais pareceram iniciativas auto-agressivas bem sucedidas do que um suicídio fracassado. Uma das vezes, tomou remédios em dose excessiva, o que a levou a ter que aceitar o cuidado da mãe e o espanto da família. Em outra, ficou se cortando na região dos pulsos com um estilete escolar e, ao romper a pele, pegou um palito de dente para tentar puxar a veia, parecia se distrair com o ato de cavar o pulso. Sua avó apareceu e interrompeu com desespero.

A adolescência pode ser muito traumática para um jovem que já tenha dado mostras de fragilidades egóicas. As transformações físicas e psicológicas vão resultar numa fragmentação egóica violenta. [...] Nesses casos, existe uma via de mão dupla: o adolescente recusa a tarefa do caminho para a vida adulta, e os pais, em conjunto ou isoladamente, recusam-se a ver o filho crescer e seguir sua própria vida. Não é de estranhar que o suicídio possa ser visto como uma forma de aliviar o trauma que o adolecer pode representar para um determinado sujeito.¹¹⁴

A mãe desconhece as desventuras da filha e se fixa em uma só preocupação: a amizade extremamente íntima da filha com uma menina da escola – Paola. Passa a existir uma disputa entre mãe e filha para decidir sobre a relação das duas amigas. A mãe proíbe, dá castigo, toma objetos queridos da filha, corta o celular, vigia incessantemente. A filha planeja situações para se livrar dos crivos maternos com um misto de raiva e satisfação. O jogo triangular que deveria ser alimentado pelo ciúme de pai e filha passa a ser de mãe e filha. A

¹¹⁴ RANÑA, 2005, p. 48

amizade de Sila com a amiga tem meandros homoeróticos, mas não é a prevalência da relação. Sila experimenta com a amiga, sentimentos de fidelidade, cumplicidade, confiança e apoio mútuo. A Paola que Sila traz para a análise é uma menina criada com mais severidade e restrições, de disciplina e financeira; faz parte do grupo de carismáticos da igreja católica do bairro; e exerce liderança em seus grupos. Ambas saem com meninos. As fantasias e jogos de caráter homossexuais parecem ser mais caracterizados nos comportamento de Sila do que de sua amiga. Sila presenteia a outra, usa o próprio celular em ligações intermináveis para Paola, que se transformam em créditos para a conta telefônica da outra, empresta roupas e não pega de volta, paga os lanches na escola, aluga fitas de vídeo.

Paola não bebe, nem fuma cigarros ou maconha e Sila resolve se afastar de todas essas proezas para agradar a amiga. Nessa época, ela acabara de completar quinze anos e sua abstinência durou cerca de oito meses. Seus pais nem perceberam, a mãe continua preocupada com a amizade da filha e incentiva um namoro com um rapazinho, também filho único, estreitando laços de amizade com a família dele, levando e buscando Sila à casa do candidato a genro.

Nessa época, a terapia de Sila é interrompida, com justificativa sobre a impossibilidade de pagar os honorários da terapeuta. Quando Sila completou seus dezenove anos, reencontro a mãe que dá notícias sobre a situação da família. Os pais se separaram, a filha morou com o pai e recebeu pensão da mãe durante dois anos, recentemente pediu para morar com a mãe, pois o pai vai ter uma criança com sua nova esposa. Sila trabalha, seus amigos são homossexuais e ela já teve pelo menos duas relações mais duradouras de namoro com mulheres. Sua mãe diz que a aceita dessa forma e que tem uma relação mais amena com a filha, às vezes vão para baladas juntas e a filha pega no seu pé quando algum rapaz mais novo começa a paquerar a mãe.

Para elaboração do complexo edípico, deve-se ter contato com o desfecho da tragédia até a elucidação das consequências dos atos cometidos. O cegar-se seria uma forma de impedir a visão do externo, de voltar-se para o mundo interno e suas percepções levando à internalização e não à projeção para os objetos externos. A forma de ver o mundo é modificada, as defesas anteriores não são mais eficazes e isto causa dor, impõe a presença do novo, do inédito, exigindo adaptações, mudanças, formação de uma diferente estrutura, o que leva a aquisição de uma nova e, por isso, estranha identidade. O jovem se sentirá um estrangeiro dentro de si mesmo. Somente diante da possibilidade de formar novos pares e perceber-se no olhar do outro, agora de um outro permitido, ele poderá sentir-se real.

Sila viveu esse momento de forma diferenciada, pois o processo de internalização das próprias experiências, mais livre das figuras parentais, não foi possível. O triângulo não foi caracterizado por papéis femininos e masculinos que pudessem servir de modelos, e as funções constitutivas – atividade/passividade - não puderam ser claramente vivenciadas. Por outro lado, os pais também vivem personagens de características dramáticas, assim como Jocasta que não suporta a verdade desvelada e se suicida. Os pais devem estar bastante amadurecidos para propiciar o crescimento dos filhos. Eles não estão condenados pelos seus filhos e sim pela sua própria percepção. Os pais-deuses da criança sucumbem, surgem os pais-humanos, cercados dos próprios limites, conflitos e dualidades. Freud¹¹⁵ afirmou que o libertar-se da autoridade dos pais constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso de seu desenvolvimento e, um pouco mais: “[...] todo o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre as gerações sucessivas”.

Simultaneamente à adolescência de Sila, o casamento de seus pais é dissolvido. A falência de um contrato amoroso construído por relações narcísicas é finalmente desvelada. Cada um dos personagens segue uma trajetória solitária e desprovida de vínculos objetivos. A *tragédia* de Sila ainda deverá encenar alguns atos até que ela possa elaborar o seu complexo edípico. Próxima aos vinte anos, oscila entre suas escolhas e responsabilidades sobre elas, retardando o amadurecimento do super-ego que deverá conduzi-la a uma maior autonomia.

Voltemos à analogia da lagosta para ajudar na questão apresentada no início do trabalho: diante de situações externas que não fornecem a proteção do rochedo e pelo contrário oferecem maiores riscos ao adolescente, ele tem duas alternativas para sobreviver: não crescer para não perder a proteção ou fugir do ambiente agressor e agarrar-se à primeira situação que lhe pareça segura ou protetora.

3 JARDIM DO ÉDEN E HORDA PRIMITIVA: PEDRO E SEU GRUPO

Anteriormente, apresentei os postulados de Aberastury e Knobel¹¹⁶ que consideram a presença de uma *síndrome* na adolescência na qual o pensar, sentir e agir dos jovens é

¹¹⁵ FREUD. 1908

¹¹⁶ ABERASTURY E KNOBEL. 1992

inundado por *sintomas* considerados normais para a passagem para o mundo adulto. Os autores apresentam outra dicotomia a ser discutida: síndrome/sintomas e normalidade. Para compreendê-la, proponho que esses sintomas são como uma tarefa do desenvolvimento em busca de adaptação e equilíbrio diante de tantas mudanças internas e externas. Passo a discutir como a psicopatologia e a psicodinâmica das desordens do afeto vividas, também, na adolescência estão ligadas às questões relacionadas ao superego. Para apresentar algumas reflexões sobre a composição do superego, farei uma analogia com o mito bíblico do Jardim de Éden. Ouso dizer: *somos todos afetados ao estudar superego*.

A exploração desta idéia pode ser iniciada com as idéias de Berlink¹¹⁷. Em suas aulas, o autor destaca o fato dos conceitos ligados ao superego remeterem à patologia: autopunição, fracasso, rebeldia, covardia, domínio, comando, gozo, histeria do horror, paranóia, auto-repreensão excessiva. Essas são, também, vivências muito presentes na vida do jovem contemporâneo que podem ser elucidadas com o estudo de aspectos do inconsciente voltados à paixão, ao sofrimento, e à passividade. Na sua origem a palavra patologia significa a ciência do *pathos* – emoção, e está em oposição ao *logos* – razão. Houaiss; Villar e Franco¹¹⁸ definiram:

Pathos: 1. qualidade no escrever, no falar, no musicar ou na representação artística (e, p.ext., em fatos, circunstâncias, pessoas) que estimula o sentimento de piedade ou a tristeza; poder de tocar o sentimento da melancolia ou o da ternura; caráter ou influência tocante ou patética... 2. na experiência do espectador, leitor etc., sentimento de dó, compaixão ou empatia criados por essa qualidade do texto, da música, da representação etc. 3... na antiga arte grega, qualidade do que é transiente ou emocional (p.opo. ao permanente ou ideal).

Nestas definições, se percebe que o externo provoca um afeto desconhecido por aquele que o vivencia. Sendo externo, remete também, ao imutável que age tornando-se material vivo e presente para o sujeito ao ser provocado a envolver-se. O elemento tocante nem sempre está ligado a estímulos externos, também relaciona-se com o ideal do ego, que é sentido como diferenciado. Em ambos os casos o sujeito experimenta de forma passiva o que

¹¹⁷ BERLINK. 2003

¹¹⁸ HOUAISS; VILLAR E FRANCO. 2001, p. 2149

lhe é apresentado.

O superego é a estância da ordem, do que está inscrito, é representado pela lei, pelo pai morto, pela culpa. Ao desejar agir com autonomia, livre das exigências e interdições parentais, o adolescente depara-se com o ego ideal, que se mostra inatingível aos seus ataques.

Observar-se-á que, com toda a sua diferença fundamental, o id e o superego possuem algo comum: ambos representam as influências do passado — o id, a influência da hereditariedade; o superego, a influência, essencialmente, do que é retirado de outras pessoas, enquanto o ego é principalmente determinado pela própria experiência do indivíduo, isto é, por eventos acidentais e contemporâneos.¹¹⁹

Os jovens estão constantemente desafiando sua sobrevivência, rachas de carro, sexo sem proteção, drogas, brigas entre bandos. A natureza severa das exigências do superego conduzem à atitudes *suicidas* que explicitam o medo do fracasso. Agora, suas pulsões travam batalha com as próprias decisões, carregadas de valores introjetados durante toda a história de vida, mas, ainda, inexperientes no exercício da autonomia e liberdade de ação.

O superego seria um ponto de chegada que encontra sua origem na sexualidade e não na morte (ausência física) do pai. Esta última faz parte do percurso, de não ter os ideais e valores personificados em figuras materiais como a presença dos pais, mas carregá-los dentro de si sem sentir como genuínos e, portanto, passíveis de serem modificados. Assim, também, foi o encontro de Édipo com seu pai na encruzilhada que resultou no parricídio. A culpa e conseqüentes dores e sofrimento que marcam a introdução do superego estão no momento em que Édipo toma ciência do ato incestuoso cometido e não no assassinato do pai.

A vergonha seria outro aspecto a ser considerado na compreensão da dinâmica superegógica. Está ligada à figura do pai e leva à recuperação *sacrificial*. A civilização ocidental está ligada à vergonha e ao sacrifício, a primeira remete à mulher representada, inicialmente, pela figura de Eva. A razão da vergonha é a transgressão, ou seja, o desejo de ter algo que não se tem, leva à percepção do diferente. Eva não se conforma com a proibição, com o limite; estes se transformam impiedosamente em necessidade e desejo. Justamente o

¹¹⁹ FREUD, 1923.

objeto de desejo, aquele que surgiu como algo não acessível a ela, que a fez se deparar com a quebra do estado narcísico da saciedade e da plenitude é também o objeto que levará ao caminho de uma busca sem fim. Ela precisa do fruto para identificar-se com o pai onipotente que apresenta o limite.

Porque esta dor se transforma em vergonha? Porque a vergonha está ligada à nudez? Porque a primeira necessidade é a de cobrir o corpo? Em um primeiro momento, o ato indesejado esteve ligado, emocionalmente, à Eva e ao fruto, ao surgir a necessidade de esconder partes diferentes do corpo, se instala a presença de Adão que registra, materialmente, o que é diferente. O desejo pelo fruto proibido está ligado à relação parental, ao alcance do estado ideal; já a percepção da diferença com o outro está ligada ao superego. Berlink¹²⁰ expõe que a diferença entre identificação e escolha de objeto marca a metamorfose da relação parental em superego. A vida sexual existe desde a constituição, é a realidade construída que produz uma reviravolta constitutiva, retira o humano do que é animal, ou do que é natural. O estado de total satisfação e de simbiose entre o provedor/natureza e os recebedores/Adão e Eva retrata o mesmo sentimento do bebê ao nascer que não se diferencia da mãe provedora. A coerção externa, representada pela proibição do fruto, é internalizada através da presença do outro, que leva à socialização, ou seja, à relação entre pares. No entanto, dizer que o superego pressupõe socialização está longe de reduzi-lo a uma instância cultural. Não existe superego coletivo, ele é individual e subjetivo.

Na adolescência, a libido que estava em latência logo após a instauração do superego na fase fálica, se volta com grande força em busca de satisfação, alimentada pelas mudanças emocionais, intelectuais e sociais e turbinada pelos hormônios da puberdade. Deverá, no entanto, encontrar outro corpo e outro espaço de vida. Esses aportes conceituais sobre a instauração do superego me ajudaram na análise de um dos casos atendidos em minha clínica: Pedro. Sua mãe entrou em contato comigo atendendo uma solicitação dele que desejava se livrar de sentimentos de tristeza, angústia e insegurança. Os fatos relatados a seguir dialogam com os conceitos, portanto nem sempre seguem uma ordem cronológica.

Pedro cresceu em um ambiente doméstico em que todos da família não fechavam seus quartos ou banheiros quando estavam nus, apesar de não circularem pela casa dessa forma. É o filho mais novo e tem apenas uma irmã, sempre foi o mais desinibido e, além de não se trancar, também circulava nu pela casa. Assim que as mudanças da puberdade

¹²⁰ BERLINK. 2003

começaram a lhe dar uma aparência máscula, pêlos nas axilas e região genital, desenvolvimento do pênis, Pedro repetiu um comportamento muito comum na relação familiar que denota a emergência da adolescência: começou a trancar o quarto para se vestir ou para tomar banho, e cobrir os genitais para andar pela casa ou quando alguém aparecia em seu quarto. Deixou, inclusive, de entrar no quarto dos pais sem bater, ou quando a porta estava encostada. Percebe-se claramente que a vergonha está não só em mostrar o corpo que insiste em mudar, mas, também, em olhar para a mãe ou irmã com sua aparência feminina cheia de contornos, fato que não o incomodava até o início da puberdade.

A experiência da vergonha instaurada em Eva ou em Pedro, não deixará de existir como é, porque está ligada a um fator constitucional: o da diferença, da incompletude e marca a necessidade de sair do estado indiferenciado e simbiótico característico do narcisismo. Quando se toma consciência da inerente necessidade do outro, pode-se desejar anular ou liquidar com esse outro, mas é impossível, pois ele já faz parte de sua constituição interna pelos processos de identificação. A pessoa torna-se passiva diante da impossibilidade de mudar o ideal de ego, e deve submeter-se às suas normas e mandos que nem sempre conduzem a ligações.

A vergonha vivida por Eva e por Pedro possui duas explicações, ligadas à sexualidade e ao recalçamento:

A vergonha, [...] é um dique psíquico, uma espécie de desvio imposto pela sexualidade, que impede que ela apareça. Neste sentido, a vergonha está intimamente ligada ao recalque, pois é justamente o que se interpõe no trajeto da descarga sexual, garantindo que a censura psíquica seja respeitada e o conteúdo sexual inconsciente não invada o domínio consciente. [...] A vergonha atrelada à honra funciona, neste caso, como um pré-requisito para a convivência social, pois é o que vai regular as relações, garantir o respeito das leis e regras, e assegurar que o bem de todos esteja acima do bem individual.¹²¹

Após ter desejado ser como o pai e desobedecido o limite imposto por ele, Eva toma consciência de suas possibilidades e limites e guarda um distanciamento entre ela e o outro. Essa atitude protege a si mesmo e ao outro de suas próprias fantasias e desejos. Esse é o

¹²¹ VENTURI; BARBOSA e PINHEIRO, 2006, p. 114-6.

caráter da similaridade com o processo superegóico na adolescência.

Como exposto anteriormente, sobre o destino das pulsões na obra de Freud, as pessoas deverão ser gestoras de seus conflitos. A tarefa do adolescer seria buscar compreender e assimilar as ‘mutações’ naturais da evolução que, seguramente, levam à contínua desarmonia. O aparelho psíquico não é harmônico, as defesas são estruturadas, portanto, o que pode ser almejado é a passagem de uma estrutura mais primitiva para outra.

O sofrimento humano, representado inicialmente pela expulsão de Adão e Eva do paraíso, ou de Pedro impondo a própria censura sobre sua nudez, resulta tanto da curiosidade sobre o mundo, quanto da tomada de consciência da diferenciação e incompletude. A curiosidade se dá diante do reconhecimento de que não possuem poder sobre o mundo gerado por seu criador, portando deverão buscar o conhecimento que este detém. Vetados de tomar o saber de seu pai como seu (árvore do fruto proibido/vínculo do casal parental), deverão buscá-lo em outras terras. Sendo a experiência humana limitada em tempo e espaço por um corpo/mente, nunca poderão saciar a curiosidade sobre a infinitude de estimulações que a vida oferece e, conseqüentemente, a busca não cessará nunca. Nesta terra de buscas, se deparam com muitos outros e, dessa forma, devem conviver com regras para a convivência social e estão sujeitos à aprovação do outro, não podem agir apenas para atender as pulsões libidinais como frisado na citação acima.

A onipotência e onisciência, desta forma, ficam destinadas ao ideal. Se o homem não pode experimentá-la, e se ela existiu, alguém ou algo a detém. E, se alguém a detém, seria necessária uma identificação para que esta pudesse ser experimentada. No mito do Jardim de Éden, Deus – o pai e criador – seria este alguém que onisciente e onipotente dita limites como, por exemplo, “*este fruto não pode*”. Em decorrência, se torna admirado, invejado e temido. Surgem sentimentos antagônicos para a formação superegóica. Há admiração, desejo de ser semelhante, mas há, também, inveja, desejo de roubá-lo e este desejo leva ao medo da retaliação. A norma - “*é proibido pegar este fruto*” - serve como molde para as outras que serão apresentadas ao homem durante sua existência no convívio com o outro. Qualquer desvio das normas produz um afeto – desprazer – aquilo que é novo para quem vivencia. O conjunto de normas se refere ao ideal (onisciente e onipotente) e dá origem ao superego. A aceitação das normas institucionalizadas se dá pela identificação.

Com sua origem ambivalente, o superego se torna o alojamento das psicopatologias. São presentes tanto o desejo do fruto proibido como o amor pelo pai criador; o limite que

estava fora – uma ordem do Pai – deve ser introjetado para que o sujeito seja merecedor do amor do outro. A voz que era externa, que vinha de alguém admirado, invejado e temido, passa a ocupar um espaço no mundo interno, mas continua, muitas vezes, carregando a marca de ser estranho ou estrangeiro. O afeto superegótico não é espontâneo, não é diretamente pulsional, pois possui um eco do ego e, ao mesmo tempo, carrega em si um eco do id. A função superegótica do recalque opera nas estruturas psicopatológicas.

O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. [...] Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência. É claro que a repressão do complexo de Édipo não era tarefa fácil.¹²²

Percebe-se a evolução do conceito de superego no pensamento freudiano. Em “*Sobre o narcisismo*”¹²³ Freud lança a noção de ideal de ego como uma instância, na mente, que observa e compara o ego com um padrão de comportamento ideal estabelecido pelos pais. Em “*Psicologia de grupo e a análise do ego*”¹²⁴ Freud expande o conceito e o apresenta como a soma de todas as limitações às quais o ego deve aquiescer. Em “*O Ego e o Id*”¹²⁵ substitui o termo ‘ideal de ego’ para ‘superego’ (não distinguindo um do outro) e o define como um precipitado estrutural dentro do ego que inicia sua existência com a resolução do Complexo de Édipo. Torna-se, assim, a instância que irá buscar a solução para os conflitos edípicos que tanto perturbam durante a fase fálica. O superego se torna um veículo da moralidade que permeia a relação da criança com seus pais e com a sociedade. Para exercer a função de autojulgamento, se diferencia do ego para governá-lo. A tensão surgida no exercício desta função se manifesta como um senso de culpa e inutilidade.

Vejamos, agora, o que podemos recapturar do mito da Horda Primitiva¹²⁶ para compreender algumas funções a serem desenvolvidas para o amadurecimento superegótico.

Na fase fálica, a criança pode incorporar o pai, imitando e tentando toma o seu lugar,

¹²² FREUD, 1923.

¹²³ FREUD, 1914

¹²⁴ IB., 1921

¹²⁵ IB., 1923

¹²⁶ O mito está descrito na íntegra no Apêndice D

pois como no grupo primitivo, logo após o assassinato do pai, a experiência é sentida como partes adquiridas que não o assemelham ao pai como um todo; e se isso acontece, logo é combatido. Na latência iniciam o processo em que os elementos do grupo se unem e formam uma comunidade que absorve as necessidades pulsionais de cada um. Esse estado, porém, só permanece por um período suficiente para dissipar a culpa pela morte do pai poderoso e aplacar o desejo e medo de ser como ele. A fraternidade e o contentamento com objetivos e limites coletivos são colocados à prova na presença da sexualidade, do momento de encontro com a fêmea que será parceira em suas crias. Esse é o momento a ser alcançado no final da adolescência.

O exemplo de Pedro na mudança de comportamento dentro da família ilustrou um pouco de sua necessidade de individuação e diferenciação dentro das relações familiares. Usaremos ainda algumas situações de sua adolescência para compreensão dos movimentos de busca de autonomia e liberdade. Entre os doze e quinze anos de idade, Pedro participou de um grupo de amigos com laços bem fortes, entre eles haviam primos da mesma geração, moradores do mesmo edifício e colegas de aula. Alguns já faziam parte de sua infância e outros surgiram na entrada da puberdade, ao todo eram doze a catorze meninos. Utilizo, ainda, algumas situações de sua adolescência para a compreensão dos movimentos de busca de autonomia e liberdade.

Conta que começaram a se unir mais nos jogos de futebol de salão na quadra do prédio que morava, em jogos de disputa como *War* e *Banco Imobiliário* e em jogos de cartas como truco e caixeta. Winnicott¹²⁷ fala sobre um jogo – “*Eu sou o rei do castelo*” em que os participantes têm que matar os rivais para tomar conta do poder. Ele menciona que esse jogo faz parte do brincar na latência por várias gerações e, portanto, deve carregar uma significação natural do desenvolvimento do psiquismo humano. Assim como o jogo mencionado por Winnicott, todas as brincadeiras do grupo de Pedro têm uma função de apoio e ajuste ao processo do adolecer.

Os jogos esportivos oportunizam aos meninos várias experiências para lidar com as mudanças. Em primeiro lugar, ajudam na reorganização da consciência corporal, passaram pelo estirão do crescimento, seus músculos respondem rapidamente ao exercício físico, se tornando rígidos e potentes; desajeitados, são constantemente repreendidos. No futebol, como em outros esportes coletivos, aprendem a lidar com as novas formas e forças, treinam seus

¹²⁷ WINNICOTT, 1999, p. 154

impulsos de largada, seu fôlego, sua coordenação motora. Logo em seguida, vem o aspecto da socialização. O adolescente deverá entrar em novos grupos, contando com as habilidades e competências que julga ter adquirido durante sua infância. Mas somente diante da experiência poderá se dar conta se o que tem considerado como valor e referência até agora, será compreendido e aceito pelo grupo.

No time de futebol, encontra vários modelos identificatórios que vão sendo experimentados, assimilados ou rejeitados: “*fominha de bola*”, “*animal*”, “*gente boa*”, “*pastel*”, “*banheira de gol*”, “*irmãozão*”, “*parceiro*” e assim por diante. Tem que aprender a esperar quando é reserva; a se fazer ouvir quando identifica erros dos colegas, ou quando quer entrar no jogo; a ser líder ou se submeter à liderança; a abrir mão em favor do outro; a disputar, ganhar e perder. E, por fim, o esporte é, também, um regulador interno, pois age como mediador entre os impulsos agressivos que efervesce com a puberdade e os imperativos superegóticos que, inexperientes, se mostram tirânicos e punitivos. Vale canelada, xingar a mãe do outro, driblar, roubar e vale, também, receber cartão amarelo e ser expulso.

E os jogos de mesa? *War*, por exemplo, é um jogo de estratégias no qual uma batalha nunca é igual à outra e cada jogador precisa usar toda sua inteligência e astúcia para derrotar seus adversários e conquistar territórios e continentes, além de cuidar de si para não ser alvo do ataque dos opositores. A mãe de Pedro teve que abrir mão da sala de visitas para deixar a mesa disponível para o tablado do jogo. Geralmente, as disputas não terminavam em um dia, os exércitos tinham que ficar posicionados a espera do novo encontro. Esse fato já contribuiu para a formação de vínculos, pois todos saem, mas sabem que possuem um espaço físico que permanecerá até sua volta, uma posição conquistada e o objetivo comum de terminar o jogo. Se algum deles não puder, o jogo não pode continuar. Quando jogam, esquecem onde estão, quem está por perto e se concentram em seus objetivos. Estar na casa de um deles, lhes dá segurança, experimentam sair de casa, mas estar em um ambiente semelhante. Esse movimento é tão importante para eles como para seus pais. Sabem onde os filhos estão.

Nesse jogo, não há tantos palavrões ou trapaças reveladas e sim estratégias bem arquitetadas que fazem com que aprendam a lidar com a nova capacidade intelectual, o que pressupõe hipóteses, lidar com a multiplicidade de possibilidades e resultados. Nem sempre o vencedor é o que começou ganhando, nem o mais astuto, nem o considerado melhor. Esse jogo exercita a capacidade intelectual de forma individualizada e balizada pelo desempenho dos adversários.

O jogo de cartas chamado ‘Truco’, já mencionado na história de José, é muito característico da comunidade mineira e tem sido praticado por adolescentes e adultos por várias gerações. Pode ser jogado individualmente, com apenas dois participantes, ou mais usualmente, em duplas com quatro participantes. É muito comum formarem torneios quando são muitos os participantes. As cartas vão sendo colocadas pelas duplas que devem ganhar na seqüência de valores da regra do jogo, o melhor de três. Mais que raciocínio, esse jogo treina as habilidades para formar parcerias, tanto a cumplicidade como a competitividade são exercitadas. Cada dupla estabelece signos, que dificilmente serão decifrados pelos demais, de forma que um saiba o que o outro tem para dar seus lances. A trapaça aqui é a principal qualidade para o bom jogador. Geralmente, eles gritam palavrões, desafiam, provocam os adversários com toda avidez e crueldade, com apelidos dirigidos a denegrir o outro. No entanto, raramente, saem brigados ou ofendidos. Como o futebol os ajuda a apropriar-se e do novo corpo e fortificá-lo, esse jogo leva ao treino e fortalecimento das novas emoções.

O que esses jogos têm a ver com a horda primitiva?

Essa tese pode ser, de modo sucinto, formulada a seguinte maneira: o social é constituído pela mesma substância que o psíquico, em virtude de sua origem comum no assassinato do chefe da horda, o qual, ao instituir o complexo Édipo, fez surgir ao mesmo tempo e pelo mesmo movimento o desejo, a culpabilidade e a proibição do incesto, apresentando cada uma dessas entidades uma face psíquica e uma face coletiva ou social. Dada essa origem comum, a analogia do psíquico individual ao psíquico coletivo e deste ao social propriamente dito é fundada, e as conclusões dela extraídas valem tanto no sentido indivíduo-sociedade quanto na direção oposta.¹²⁸

Com suas ações, estariam os jovens repetindo o comportamento de nossos ancestrais? Já não se tem o pai presencial e, ainda, não se estabeleceu o terreno e poder do exercício da masculinidade de cada um. Antes de ambicionarem um terreno só seu, querem aproveitar a liberdade conquistada, mas não estão prontos para assumirem a dívida-responsabilidade pelo ato cometido. Querem um período de moratória. Vale a pena destacar um trecho da citação de Freud¹²⁹: “Ninguém do grupo de vitoriosos podia tomar o seu lugar [...]”.

¹²⁸ MEZAN, 2006, p. 599-600.

¹²⁹ FREUD, 1921.

Até os quinze anos, Pedro e sua turma estavam totalmente envolvidos entre si. As meninas se mostravam indignadas, pois em diversas ocasiões, eles deixavam de ir em festinhas de sala, ou chegavam muito tarde e faziam rodinha entre eles. Pedro contou sobre a sua primeira paquera. Estava de olho nela há muito tempo, no começo porque era bonita, depois começou a reparar em seu comportamento com as amigas no intervalo, estava sempre contando algo e todas rindo; na sala de aula, se mostrava desinibida e não se sujeitava às brincadeiras de mau gosto de alguns colegas. Começou a “azaração”, ela deu corda e ele tomou coragem de perguntar se podia ir à casa dela. Ela topou. O seu contentamento durou apenas o tempo de sair da aula e, no percurso da escola para casa, contar aos seus amigos. Uma chuva de críticas veio da turma: *‘ela é fácil demais’*; *‘já deu corda para um monte de caras’*; *‘vai pegar no seu pé’*, *‘traição, o fulano gosta dela’*, Pedro se viu diante do impasse de ter de abrir mão do território seguro de estar entre iguais, para se aventurar em percurso desconhecido e que exigia o exercício de sua individualidade.

Insistiu mais um pouco em sua primeira tentativa amorosa. Após uns três encontros na casa dela, sob o olhar desconfiado dos pais, e algumas rápidas conversas na escola, sob o olhar também desconfiado dos amigos, a aventura foi por água abaixo. Um amigo disse que a viu conversando com outro menino em uma festinha de quinze anos no dia em que eles decidiram dormir no sítio. Ele não tentou resolver com ela através de uma conversa esclarecedora como deveria ser de se esperar. Após sumir durante a semana, não ligar e nem cumprimentá-la na escola; no fim de semana, pegou um pileque e junto com os amigos, pegou um cachorro de rua, amarrou no poste em frente a casa da menina e pichou no muro: *“não sou cachorro, não”*.

Essa atitude frente à primeira dificuldade diante de uma situação totalmente nova e que deveria ser particular, permite algumas reflexões. A forma de elaborar a perda ou a incapacidade de levar a diante o romance, foi usar de humor, brincadeiras, racionalizações, deboche consigo e com ela. Na medida em que brinca com os próprios sentimentos, ele consegue absorver melhor o que foi sentido como ameaça em se tornar o terceiro excluído em um momento de reedição do complexo edípico e conseqüente instalação da capacidade de formar seu próprio juízo de avaliação de si e das novas relações. Outra idéia a ser discutida é a necessidade de tornar algo íntimo e pessoal em comunicável e socializado. A reação de seu grupo de iguais divide sua responsabilidade em estabelecer os juízos sobre a situação, ficando mais fácil lidar com os processos de mudança dos quais ele não sente participar de modo ativo. Surge um mecanismo esquizóide que o coloca como espectador do próprio enredo e,

por outro lado, seus colegas se tornam também protagonistas, permitindo formas diferentes das infantis de vivenciar as dissociações, projeções e identificações. O processo vivido pela horda primitiva para instituir a civilização e pelo adolescente para alcançar a maturidade é descrito por Knobel:

Desta maneira, o fenômeno grupal adquire uma importância transcendental, já que se transfere ao grupo grande parte da dependência que anteriormente se mantinha com a estrutura familiar e com os pais especialmente. O grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta. O grupo reluta útil para as dissociações, projeções e identificações que seguem ocorrendo no indivíduo, mas com características que diferem das infantis.¹³⁰

Aos dezesseis anos, os pais de Pedro se separaram e o pai foi morar em um estado distante. O pai, que sempre foi extremamente passional, sobrecarregou a família com seus afetos intensos de amor-ódio durante toda sua vida e, agora, estava distante. De um lado, isso lhe provocava alívio, mas, de outro, um vazio e conseqüente acomodação diante dos desafios que a adolescência e a nova família estavam passando. A mãe, antes submissa aos rompantes do pai, tem que assumir a liderança da família em todos os aspectos – imposição de limites, financeiro, modelos de comportamento, acolhimento. Pedro decide se manter distante dos problemas cotidianos da família e se une mais ainda ao grupo. A mãe parece apoiar esse distanciamento, pois evita se queixar do pai e dos problemas surgidos de sua irresponsabilidade, não cobra muita coisa de Pedro e abriga sua turma em sua casa. Pedro não se entende com a irmã e ambos ficam períodos grandes sem conversar. Só começa a se entender melhor com a irmã quando ela inicia namoro com um menino que curte as mesmas coisas que ele. Novamente, como no caso de Miro, testemunhamos um segundo casal para auxiliar nas questões do triângulo amoroso e da possibilidade de instauração de um superego mais amadurecido.

Pedro e sua irmã se comportam diferentemente diante dos problemas surgidos com a separação dos pais. Ela quer proteger o pai, mostra muita ambivalência, chora, briga, discute, se enfraquece emocionalmente com crises depressivas. Ele permanece calado, monta uma barragem de contenção e repressão sobre seus pensamentos e sentimentos. Em sua onipotência juvenil, pensa ser capaz de tolerar suas tristezas, raivas e desamparo, como se as

¹³⁰ KNOBEL, 1992, p. 37.

terras a serem inundadas fossem infinitas. Dos dezessete aos vinte anos, viveu situações que mostram uma atitude ora sadia, ora adoecedora de regulação da abertura das comportas para o curso natural de sua experiência emocional. Os jogos e brincadeiras de Pedro e sua turma deram um caráter social de regulação das comportas.

Constantemente, os jovens buscam grupos que estabelecem regras rígidas para várias relações entre eles. Desde o seu ingresso, para ser aceito pelo grupo, o jovem deve passar por provas que têm um caráter regressivo das relações sado-masoquistas, deve enfrentar riscos em relação ao seu corpo, se submeter à situações humilhantes ou cometer atos violentos em direção ao outro. Esses comportamentos passam a ter um caráter de normatização e universalidade quando se assemelham aos costumes praticados por sociedades e épocas diferentes que possuem como elemento central submeter os pequenos jovens a determinados sofrimentos que irão levá-los a adquirir novas qualidades.

Tubert nomeou um capítulo de seu livro de *“O Ritual de Morte e Ressurreição”* no qual analisou alguns rituais praticados por várias sociedades para marcar a passagem da infância para a vida adulta. Destaca um objetivo comum nessas iniciações:

Com efeito, em muitas tribos “selvagens”, especialmente entre as que praticam o totemismo, é comum que os púberes se submetam a certos ritos de iniciação, entre os quais um dos mais comuns consiste na ficção de matar a criança e ressuscitá-la depois.¹³¹

Em muitos dos ritos, há a separação dos jovens do grupo de crianças e de mulheres, pois se acentua a necessidade de abandonar a imagem de bissexualidade para tomar sua identidade sexual. Além do grupo de Pedro excluir as meninas de seus jogos e até esquecer dos compromissos com elas marcados, tentavam fazer um grupo fechado. Pedro contou, também, que, no prédio onde morava, negava aos menores a possibilidade de participar das atividades e brincadeiras com um misto de prazer de exercer uma hierarquia onde não é o menor, e de treinar o poder de se separar de comportamentos mais infantis. Dentre os comportamentos que mais o marcou, está o episódio em que um irmão mais novo de um amigo da turma foi incitado a passar para o lado de fora da sacada, no décimo andar, para provar sua coragem e poder participar do papo da turma naquela tarde. O costume de humilhar os mais novos e sujeitá-los às suas vontades é vivido pelo adolescente no papel de

¹³¹ TUBERT, 1999, p. 37-8.

subjugado e de tirano em intervalo de tempo muito curto e, às vezes, concomitante, o que torna seus sentimentos mais contraditórios e difusos.

Esta pode ser a diferença entre os rituais e costumes tradicionais e aqueles dos jovens do mundo ocidental contemporâneo. Nos rituais, os jovens são apenas sujeitados. Representantes da autoridade os separam de suas mães, de forma abrupta e traumática, impõem às mães a experiência de não serem mais ‘donas’ de suas crias e colocam outros objetos para servirem de referência durante o período da passagem. Tubert relata a cerimônia descrita por Róheim dos *churinga*, em um ritual em que os jovens são colocados no chão de barriga para baixo e recebem por trás o movimento de duas pranchas, simbolizando macho e fêmea, que amarradas representam um ser bissexual e são agitadas prolongadamente, simbolizando a cena primária. São pessoas idosas que movem as pranchas e simultaneamente relatam a origem do mito da iniciação. O medo a ser enfrentado diante de objetos duros que se movimentam por trás e de sofrer dores físicas, mistura-se ao desejo de conhecer algo que até o momento não tinham acesso, e ao sentimento de inclusão no grupo de homens da sua comunidade.

A proibição e a projeção de, no futuro, assumir a própria potência faz com que o jovem se sinta ancorado e possa assumir as engrenagens de regulação da abertura das comportas sem a sensação de estar à deriva. Existe uma outra terra a ser alcançada, um espaço novo a ser conquistado, mas existe, também, a referência de um leito de rio profundo e continente e de terras e montanhas limitantes. Nesses rituais o jovem vive um mal-estar qualitativamente distinto, gerado por uma situação definida e temporária e experimentada em um contexto social. Todos da comunidade participam e se modificam, de certa forma, do amadurecimento dos jovens iniciados. O grupo encontra uma ressonância social e vive uma experiência coletiva.

Já, para os jovens atuais, não há padrões estabelecidos por figuras de autoridade a serem seguidos, limites a serem respeitados, papéis a serem diferenciados e respeitados, não existem espaços proibidos, experiências particularizadas, segredos íntimos. Consequentemente, a simbolização e subjetivação das experiências são dificultadas. As instituições da atualidade - família, escola, organizações governamentais, igreja - pouco ou quase nada participam positivamente do adolescer. Só reconhecem o fenômeno quando se sentem incomodados. O leito dos rios não possui a proteção natural e se esfacela diante das forças ainda desajeitadas operadas pelos impulsos dos jovens na busca do seu próprio curso.

O adolescer é um dos eventos cheios de emboscadas que temos de enfrentar na vida moderna. As crises relacionadas às transformações envolvem a todos. Pais, educadores e profissionais da saúde também fazem parte dela e freqüentemente manifestam sintomas ao enfrentar a convivência com os jovens, revivendo suas próprias adolescências. O desamparo e a necessidade de criar os próprios rituais de passagem estão presentes em todos os períodos da vida humana, como no envelhecer, no aposentar-se e até mesmo no morrer. O homem contemporâneo está pagando, e caro, com solidão e angústia a troca dos rituais tradicionais pela liberdade e pela individualidade.¹³²

Se os jogos, brincadeiras e encenações de Pedro e seu grupo ajudaram a deixar fluir as águas/impulsos de uma forma constitutiva e alentadora, muitas inundações, vazamentos e explosões também ocorreram. Acidentes de carro com vítimas fatais, brigas de ‘gângues’ com hospitalizações e processos judiciais, suicídio e envolvimento com drogas deixaram marcas e desencadearam situações definitivas na personalidade de cada um deles.

E Pedro? Como está o curso de seu rio? Ele se formou, mudou de cidade e interrompemos a análise. Este depoimento, escrito entre as últimas sessões, poderá ajudar a entender a saída da adolescência. Como no poema de Cecília Meireles, transcrevo o relato na íntegra no Anexo D e, em seguida, analiso cada trecho, em itálico, de modo detalhado.

O início do relato é bastante significativo: *Todo mundo, em algum momento, pára para pensar na própria vida. São nesses momentos que aparecem as dúvidas, por mais vivido e experiente que seja, não é possível ter respostas para todas as dúvidas.* A posição depressiva experimentada pelos lutos por seus amores – narcísico/criança perfeita e objetal/pais ideais leva o adolescente às tentativas de elaboração e integração dos objetos bons e ruins. Nesse objetivo, depara-se com a complexidade das relações; com possibilidades e limites e com a impotência diante da multiplicidade de demandas e escolhas.

Alguns conseguem, em tantas palavras, construir atalhos para alcançar respostas. Como aquele que diz: ‘cada um tem sua cruz, é necessário saber carregá-la’. Destas palavras podem considerar vitoriosos aqueles que a decifram como soluções nos tais momentos. A esperança surge como algo ingênuo e primitivo. “Alguns” representam as partes dele que desejam permanecer apassivadas. Opera uma defesa regressiva para negar a elaboração dos

¹³² RANÑA, 2005, p. 45

lutos, provocando uma morte psíquica, pois não é necessário enfrentar, lutar e buscar soluções criativas. Constrói-se um falso mundo de superação enquanto o que existe é uma adaptação para sobrevivência. O medo de não conseguir ser “vitorioso” faz o adolescente abortar sua capacidade de enfrentamento.

No trecho: *É comum fazermos uma retrospectiva apenas de fatos ruins que vivemos, daí então nos sentimos os mais prejudicados e infelizes do mundo.* Ele expressa a inundação dos objetos maus e persecutórios.

E continua: *Quanto isso acontece temos vontade de largar tudo, com esperança de achar um mundo de seres passivos, ou até de podermos ser puros novamente, assim como já fomos na infância e já não somos mais [...]* A possibilidade de recuperar os objetos bons da infância servirá como base para a reestruturação do psiquismo. Nesse momento, ele tem consciência de que aquela criança não existe mais como era, mas permanece nele configurada nas experiências vinculares proporcionadas pelas trocas amorosas feitas no passado. Figueiredo compreende esse estado depressivo como “[...] uma efetiva esperança de reparação dos objetos internos e de recomposição narcísica.”¹³³

Prossegue: [...] *por ter uma realidade onde o rico é rico, o pobre é pobre, preto é preto, branco é branco. São essas diferenças que nos tornam ambiciosos, e mesmo tendo um objetivo em comum, que é a paz, lutamos e nos destruimos progressivamente.* O adolescente se identifica com aspectos separadores e segregadores que caracterizam o mal-estar da atualidade e, dessa forma, se aproxima da ambivalência – paz/objetivo comum vs destruição/ambição. Essa percepção poderia levar às cisões que impediriam a comunicação entre as realidades objetiva e subjetiva para fugir do conflito, e poderiam impedir o desenvolvimento e instalar sintomas. Mas o tom descrente da narração denota a existência do conflito e a necessidade de reprimir os impulsos mais egoístas e remete ao caráter constitutivo da subjetividade. Nesse trecho, a natureza particular e a social estão intimamente ligadas, ambas caminham para uma tentativa esperançosa e utópica para a resolução do impasse.

O conflito persiste: *Gostaria muito de ser diferente, nunca perder a razão, nunca fazer injustiça e nunca ser injustiçado, e para isso acho que teria que ser de outra espécie, qualquer uma, desde que não seja a humana.* E, ao ser expresso pôde ser trabalhado. Como discutimos nesse capítulo, o superego coloca o sujeito diante de valores que interferem em seu modo de ser, de sentir e agir e, muitas vezes, não há como atingi-los ou modificá-los.

¹³³ FIGUEIREDO, 2003, p.169.

Pedro é da espécie humana e carrega consigo heranças e marcas culturais. Deverá, como ser humano, saber **administrar esse conflito**.¹³⁴

¹³⁴ Conceito discutido no capítulo: TRAMAS DA SUBJETIVIDADE

CAPÍTULO IV

MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO E MAL-ESTAR DA

ADOLESCÊNCIA

*Assim como um planeta gira em torno de um corpo central enquanto roda em torno de seu próprio eixo, assim também o indivíduo humano participa do curso do desenvolvimento da humanidade, ao mesmo tempo que persegue o seu próprio caminho na vida.*¹³⁵

¹³⁵ FREUD, 1930.

Provavelmente, Freud não estava pensando especificamente na adolescência ao escrever o postulado da epígrafe, mas nos deixou mais uma possibilidade de investigação: a similaridade da subjetividade em nossos tempos e da crise de identidade do adolescente. Neste momento, desenvolvo um dos principais pontos de reflexão deste estudo: a transposição dos conflitos a serem enfrentados para o adolescente se tornar adulto, pode ser relacionada ao conflito que nossa civilização tem experimentado nos últimos tempos.

A tarefa que se impõe à adolescência é de fazer escolhas e assumir autoria sobre elas nas principais tarefas do ser humano como foi apresentada por Freud – amar e trabalhar. Para tal, cada um deverá curar-se da neurose infantil colocada pela evolução libidinal pré-genital.

A imaturidade é uma parte preciosa da adolescência. Ela contém as características mais fascinantes do pensamento criativo, sentimentos novos e desconhecidos, idéias para um modo de vida diferente. A sociedade precisa ser chacoalhada pelas aspirações de seus membros não-responsáveis. Se os adultos abdicam, os adolescentes tornam-se adultos prematuramente, mas através de um processo falso. Um conselho à sociedade para o bem dos adolescentes e de sua imaturidade: não permitir que eles queimem etapas e adquiram uma falsa maturidade através da transferência de responsabilidades que não são deles, ainda que eles lutem por elas.¹³⁶

A globalização e a comunicação das redes digitais são elementos presentes em nossa sociedade que levam a transformações nos referenciais de tempo e espaço. Conteúdos, valores, formas de se organizar e se relacionar antes particulares ao ambiente privado, passam a fazer parte do público e vice-versa. As mudanças estruturais nas instituições – família, escola, governos e igrejas, por sua vez, produzem efeitos no adolescente e resultam em novas configurações subjetivas que quero apresentar como um duplo mal-estar.

¹³⁶ WINNICOTT, 1999, p. 158.

1 O DUPLO MAL-ESTAR DO JOVEM CONTEMPORÂNEO

Freud¹³⁷ em “*Mal-Estar da Civilização*”, fala sobre o exercício psíquico com que o ego está continuamente lidando para equilibrar os princípios do prazer e da realidade. Existem três formas de ameaça de sofrimento às quais estamos sujeitos: as do nosso próprio corpo, que implicam no anúncio constante de nossas limitações e fragilidades; as do mundo externo que nos assustam, pelo seu poder de destruição; e, finalmente, as de nossos relacionamentos com os outros homens. O homem traça seus caminhos que podem ser mais ou menos extremados e unilaterais ou oferecerem diversas opções.

Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos.¹³⁸

Para lidar com as ameaças do mundo externo podemos nos isolar procurando a auto-suficiência ou, também, nos unirmos à comunidade humana, instrumentalizados pela ciência, para sujeitar a natureza em nosso favor. Mas, com grande constância no mundo atual, preferimos adotar métodos que interferem diretamente no nosso corpo, recorreremos à ‘intoxicação’, que pode ser química ou psíquica e, provavelmente, um produto das duas. O interessante passa a ser alterar a percepção, seja camuflando as sensações (principalmente as impostas pela dor) através de produtos químicos que não param de ser criados, tanto de origens legais como ilegais ou, ainda, fazemos cisões em nosso psiquismo pelas quais pensar/sentir/agir ficam totalmente desconectados.

No primeiro caso, destaco que nunca se desenvolveu tanto a indústria das ‘pílulas da felicidade’, as pesquisas em busca de sinais orgânicos a serem trabalhados, verdadeiros ‘booms’: a culpa (ou salvação) é do lítium, ou será da seratonina, e assim por diante.

¹³⁷ FREUD, 1930.

¹³⁸ IBID.

Rapidamente, os limites e conflitos vão sendo supostamente superados pelo prozac, viagra, ou até mesmo por cirurgias e intervenções mais invasivas. Álcool, socialmente legalizado e permitido, maconha, êxtase, cocaína e diversos tóxicos têm crescido em número, composições e novidades.

Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade.¹³⁹

O suposto ganho na fuga do desprazer, porém, acarreta imenso ‘desperdício’ de energia psíquica, levando a um desinvestimento no desenvolvimento. Outras formas para evitar sofrimentos impostos pelo mundo externo podem ser organizadas. Posso citar, entre outros, a procura por caminhos para minimizar a força dos instintos mais primitivos como a busca de estados nirvânicos na prática de algumas filosofias e religiões ou o redirecionamento da energia psíquica através da sublimação.

Somos vítimas de uma contradição cultural. Prezamos a autonomia individual ao ponto de acreditarmos na alma separada do corpo, irredutível à miséria da anatomia. Mas, por outro lado, esta alma tão autônoma é evidentemente desejosa de descansar um pouco, encontrando certezas. Ela acaba assim sonhando com sua própria naturalização, ou seja, com sua redução a uma função biológica. Imaginem que alívio: poder descrever a felicidade e realizá-la em termos de equilíbrio químico, escolher parceiros perfeitos via DNA [...].¹⁴⁰

Este tema nos renderia grandes e proveitosas discussões, pois sua importância se realça quando se percebe o quanto a humanidade tem desrespeitado a presença do corpo na experiência do sujeito e o quanto este desrespeito tem sido a forma mais usada pelos jovens para tolerar as angústias sem, no entanto, conseguir resolver os principais conflitos que surgem da necessidade de, a todo momento, fazer escolhas e assumir as responsabilidades delas decorrentes.

¹³⁹ MEGALE e TEIXEIRA, 1998, p.49.

¹⁴⁰ CALLIGARIS, 1996, p. 03.

Aberastury e Knobel¹⁴¹ citaram, como referi anteriormente, três lutos pelos quais o adolescente passa de forma dolorosa e lenta: pelo corpo de criança; pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. Entre várias outras tarefas, o adolescente deve experimentar as formas de lidar com a economia da libido se questionando: quanta satisfação espera do mundo externo, este mundo que, agora, extrapola os círculos familiares? Até onde procura estar independente destes, momento crucial para lidar com a responsabilidade sobre si mesmo? Quanta energia dispõe para alterar este mundo e alcançar seus desejos que estão borbulhando com o advento da puberdade? As mudanças corporais e os imperativos do mundo externo são vividos como uma invasão, levando o adolescente a ignorar conquistas de experiências da sua infância e se comportar de formas bem regredidas.

Segundo Freud¹⁴², o ser humano, predominantemente erótico (uma das formas de manifestação do amor), já vivenciou, do nascimento à meninice, investimentos parciais de sua energia sexual (libido). Estas experiências são como as receitas culinárias: as dosagens são as mesmas, é a mixagem ou manipulação que conota a singularidade do indivíduo. Ao se tornar adulto, pressupõe-se que todos os componentes devem estar formando um só produto. A adolescência, seria o momento de mistura, a transformação dos vários ingredientes, a sua fusão, a perda, a morte, o passar dos elementos agregados para ser algo novo e diferente. Esta analogia me ajuda a obter uma imagem do aspecto dinâmico do desenvolvimento, pois ilustra a “[...] adolescência como uma estrutura ou configuração que não começa nem acaba num momento determinado da vida, mas que é produto de uma história que se inicia com o nascimento da criança [...]”¹⁴³.

Freud¹⁴⁴ expôs que as tendências humanas destrutivas, portanto anti-sociais, fazem com que toda civilização necessite da coerção e da renúncia às pulsões para se manter. O destino das pulsões diante da renúncia é diferente para as sexuais e as agressivas. Parte das primeiras é sublimada e dirigida para fins coletivos, já as agressivas retornam na instância do superego que as direciona ao indivíduo provocando sentimento de culpa e estes últimos aumentam ao invés de diminuir. O mal-estar, desta forma, é inerente à civilização, pois custa aos humanos sacrifícios pulsionais em prol da vida social e, também, provoca sentimento de culpa. Relembremos a análise de Birman sobre a gestão infundável do conflito e a passagem da crença na cura para a consciência do desamparo:

¹⁴¹ ABERASTURY E KNOBEL, 1992.

¹⁴² FREUD, 1923.

¹⁴³ TUBERT, 1999, p. 15.

¹⁴⁴ FREUD, 1927.

Nessa versão, a sublimação era uma experiência de espiritualização, de ascese, pela qual a subjetividade seria purificada de seu erotismo perturbador. A sublimação aqui seria uma experiência de verticalização, desprendendo-se o sujeito de sua corporeidade animal e alçando-se aos pináculos da razão civilizatória. Contudo, em sua segunda versão, a sublimação não é um ato de espiritualização, mas de lateralização, não se desprendendo o sujeito do seu registro corpóreo. Pelo contrário, a sublimação implica na horizontalização das ligações do sujeito com os outros, pela tessitura de laços sociais e pela produção de obras no campo desses laços. Pode-se depreender disso tudo não só porque nessa última versão freudiana não existe oposição entre erotismo e sublimação, mas também porque a gestão do desamparo implica e se desdobra nos registros ético e político.¹⁴⁵

Para que haja esta renúncia e seja possível o alcance de formas reconciliadoras e compensações, é necessária a ação de líderes que forneçam modelos fortes e sejam reconhecidos pela massa. “Tudo correrá bem se estes líderes forem pessoas de uma compreensão interna (*insight*) superior das necessidades da vida, e que se tenham erguido à altura de dominar seus próprios desejos instintuais.”¹⁴⁶

Em cada estágio da evolução da civilização, este mal-estar se manifesta de forma particular, pois gradativamente proibições são internalizadas provocando mudanças e passando a fazer parte do superego.

Rouanet¹⁴⁷ afirmou que o mal-estar da modernidade está dirigido ao ressentimento contra os ideais do iluminismo: racionalismo, individualismo e universalismo. Em um dado momento da civilização, o iluminismo veio para libertar das verdades incontestáveis do dogmatismo, da necessidade de adotar um ‘locus’ coletivo para se ter identidade e de romper com particularismos locais. Mas hoje, a liberdade de pensar se torna uma coibição, já que se deve pensar o que todos pensam; a individualidade converte-se em peso enquanto expulsa o sujeito de qualquer sentimento de pertencimento e a universalidade perde o sentido diante do racismo e guerras político-religiosas.

¹⁴⁵ BIRMAN, 2005, p. 211.

¹⁴⁶ FREUD, 1923.

¹⁴⁷ ROUANET. O mal estar na modernidade. 1993

No momento atual, o Brasil experimenta, simultaneamente, a globalização e os impasses dos países em desenvolvimento. O ser humano convive com novas formas de comunicação que ultrapassam limites de tempo e espaço, desrespeitando diferenças, pulverizando a noção de identidade. Um sujeito que nasceu e cresceu na zona rural matogrossense, se veste com roupas idênticas ao da capital paulista e passa a desvalorizar, gradualmente, cada característica de seus conterrâneos e acaba perdendo seus referenciais. Outros exemplos de homogeneização violam mais ou menos a identidade do sujeito: nas mulheres, cor de cabelo, quantidade de seios e bumbuns, e peso são atributos perfeitamente fabricáveis; os homens também já procuram padronizar sua imagem, até a careca tem solução. A imagem pode ser perfeitamente montada através de ‘pacotes’, que são trabalhados pelo marketing como essenciais para a qualidade de vida. Convém lembrar que não são apenas pacotes de aparência física que têm exposto a noção de identidade, livros de auto-ajuda, programas de TV, religiões e até mesmo a educação, induzem a pessoa a como deve ser, sentir e agir.

Voltando à evolução da civilização, percebe-se que, constantemente, ela passa por movimentos de ação coercitiva forte em seus membros, levando à possibilidade de aceitação das privações necessárias para viver coletivamente graças à ação de mecanismos externos fortes, geralmente liderados por pessoas ou instituições que ofereçam possibilidades de segurança e sobrevivência. Estes movimentos se alternam com quebras da hegemonia por transgressões, pressionando a civilização para novos arranjos e modelos. Essa idéia remete ao que foi apresentado nesse trabalho quando citei a analogia das placas tectônicas e o terremoto feita por Outeiral¹⁴⁸.

Neste sentido, transgredir faz parte da evolução. A adolescência, assim como a era contemporânea, deve lidar com a transgressão. Se para o homem contemporâneo está difícil localizar forças externas de coerção que possam ser atacadas, pois as instituições estão desmoralizadas e não se encontram líderes fortes (internamente preparados) que possam servir de modelos, para os quais valha a pena fazer sacrifícios e renúncias, também para o adolescente é difícil transgredir. Se antes, usar calças sujas, desbotadas e rasgadas significava marcar a personalidade de um jovem, hoje se compra calças *customizadas*, ou seja, cuidadosamente pré-lavadas, desfiadas e/ou rasgadas, que simulam tudo isto.

¹⁴⁸ OUTEIRAL, 2007.

Segundo Milonschik¹⁴⁹ “ [...] o adolescente precisa transgredir. Mas até a transgressão se tornou falsa”. Pior ainda, se as calças rasgadas davam o sentimento de pertença ao grupo jovem que deve transgredir, hoje são igualmente vestuário de crianças e adultos. Assim como outrora, a maturidade foi valorizada em detrimento de outras fases, ou seja, os rapazes logo desejavam ter um bigode e as mulheres prendiam seus cabelos para aparentar mais idade, hoje se fala da ‘adulescência’:

Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico, condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa. Ao mesmo tempo, a ‘juventude’ se revelava um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres, e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial, de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para a nossa felicidade.¹⁵⁰

Seguindo esta linha de pensamento, acredito que o contexto atual favorece um desprezo pela experiência que, assim como a memória, leva a uma consistência subjetiva. Como pontuam os autores acima citados, “Eu sou o que vivi. Descartado o passado, em nome de uma eterna juventude, produz-se um vazio difícil de suportar”¹⁵¹. O que foi conquista de uma geração, passa a ser alienação nas subseqüentes. A possibilidade de adultos partilharem com seus filhos espaços dançantes, rocks, axés, bebidas e confidências sobre experiências sexuais, não pode afastá-los da função paterna e de autoridade que é imprescindível para o processo identificatório da adolescência. Sem referencial, a busca da identidade característica da adolescência parece recair sobre enganos narcísicos, a tentativa de ser original em atributos e qualidades se perde em um horizonte ilusório. “Se o adulto não aceita os erros supostamente cometidos por ele, tende a oferecê-los como acertos, aos quais pretende que o jovem se submeta, para atenuar, assim, a partir da reafirmação, o desconsolo que ambos sofrem.”¹⁵²

Sem a consistência subjetiva, sem modelos fortes para o processo de identificação, novos arranjos são montados para que não se viva em um vazio insuportável. O confronto de gerações é um processo essencial para a aquisição da identidade. Este arco de tensões provoca

¹⁴⁹ MILONTSCHIK, 2004, p.72.

¹⁵⁰ KEHL, CALLIGARIS e SEVCENKO, 1998, p. 7.

¹⁵¹ IBID. p. 7

¹⁵² MILONTSCHIK, 2004, p. 72.

a dialética das identificações-desidentificações e reidentificações que se desenrola durante toda a vida, mas, principalmente, na adolescência.

Ao se tornarem pais, espera-se dos adultos, uma autonomia egóica. A estrutura psíquica deve estar organizada dando liberdade ao indivíduo para fazer escolhas que não estejam presas aos impulsos regidos pelos princípios do prazer e nem pelas imposições rígidas de um órgão externo de controle. Somente dessa forma estes pais poderão ser modelos de identificação, fontes de conteúdos a serem internalizados e, ao mesmo tempo, exercer a função de interdição. O superego, a ser consolidado no período da adolescência, deve se ligar à imagem do superego de seus pais (e não à imagem de seus pais) incorporando seu conteúdo que representa a tradição, os julgamentos de valor que subsistem através das gerações. Concordo com a avaliação de Moraes: “Vivemos, atualmente, um momento de grandes mudanças, numa sociedade autocrítica, desprendida da tradição, que aparenta ser hedonista e permissiva, onde o declínio da função paterna se mostra de maneira generalizada e multifacetada.”¹⁵³

Sem atitudes paternas maduras, a criança desenvolve culpas precocemente, sendo estas intoleráveis. Segundo Freud¹⁵⁴, o homem nasce com tendências que são totalmente destrutivas à civilização: canibalismo, incesto e ânsia de matar. Para torná-las menos ameaçadoras, adota mecanismos de defesa mais rígidos e primitivos. Estas tendências podem iniciar formas de busca de realização, se utilizando de disfarces que acabam sendo de enorme prejuízo ao seu grupo:

Há incontáveis pessoas civilizadas que se recusam a cometer assassinato ou a praticar incesto, mas que não se negam a satisfazer sua avareza, seus impulsos agressivos ou seus desejos sexuais, e que não hesitam em prejudicar outras pessoas por meio da mentira, da fraude e da calúnia, desde que possam permanecer impunes; isso, indubitavelmente, foi sempre assim através de muitas épocas da civilização.¹⁵⁵

Relevando o pessimismo de Freud ao escrever este artigo, não posso deixar de considerar a existência de um tributo a pagar para domar as pulsões em benefício da civilização. Se as figuras parentais não quitam a sua cota, esta já é debitada na geração seguinte. Este ônus provoca uma possibilidade de desenvolvimento distorcida que poderá

¹⁵³ MORAES. Função paterna e modernidade. 1999, p. 251.

¹⁵⁴ FREUD, 1927.

¹⁵⁵ IBID.

levar ao aparecimento de novas patologias. Novas, no sentido de passarem de um funcionamento distinto de algumas pessoas para se tornarem quase que gerais em uma população. Se os pais não se resignam de sua própria adolescência, se não conseguem elaborar os vários lutos caracterizados por uma complexidade de causalidade múltipla, não acontece o confronto geracional. A necessária rivalidade edípica se transforma em uma trágica luta fraterna e narcisista.

O adolescente para crescer e chegar a ser ele mesmo, precisa realizar o trabalho de levar ao fim a ruptura do espelho da própria imortalidade e a de seus pais; necessita, além disso, liberar sua própria potência das amarras da onipotência e da idealização que recaíram sobre as figuras parentais.

2 O DUPLO MAL-ESTAR DE MARIANA

Apresento o recorte de análise com uma adolescente para ajudar na discussão da questão apresentada na introdução do trabalho: quais efeitos a experiência do mal-estar contemporâneo pode estar provocando na forma do adolescente vivenciar sua passagem para o mundo adulto? Escolho este caso clínico pelo fato dos problemas de Mariana se misturarem com os de seus pais e de sua família, desviando, às vezes da possibilidade de experimentar situações de escolhas, renúncias, internalizações e possíveis transgressões que são necessárias ao processo de construção de sua identidade.

Pela segunda vez atendo Mariana, que inicia este novo processo aos quinze anos. Havíamos trabalhado anteriormente quando ela tinha nove anos. A primeira psicoterapia se iniciou cerca de nove meses da morte da irmã em um acidente de carro que envolveu toda a família. As queixas eram: fobia em viajar, choros constantes, muita tristeza e timidez na nova escola. Ela se mudou para a cidade da terapeuta, passou a morar com a avó paterna e duas tias (na época adolescentes) e a mãe se revezava entre ficar com o pai na fazenda e com a filha na nova cidade. Interrompemos o tratamento após dois anos pela impossibilidade financeira de continuidade do tratamento na época. Parte da queixa estava resolvida, pois ela estava se socializando bem e conseguindo voltar às atividades normais para sua idade.

O trauma não elaborado inaugura, na história de muitos sujeitos, as

condições para as transmissões transgeracionais, carentes do espaço de transcrição transformadora. Em oposição às transmissões entre os sujeitos, elas ocorrem através deles, atravessando os psiquismos, invadindo-os violentamente, numa passagem direta de formações psíquicas de um sujeito a outro, de uma geração a outra, sem preservação dos espaços subjetivos ou intersubjetivos. Nesse tipo de transmissão, por outro lado, observamos uma confusa intersecção entre as gerações, não havendo respeito por suas diferenças.¹⁵⁶

Depressão e agressividade são constâncias na dinâmica familiar de Mariana. Os avós paternos são separados, sendo que o avô tem uma nova união, mas continua como provedor financeiro de toda a família, mesmo com os filhos adultos. Sua avó paterna tem depressão, é medicada, mas não aceita a psicoterapia. A avó materna é viúva, tem uma vida mais regrada financeiramente. Era faxineira na rodoviária da pequena cidade em que mora e é citada como uma boa referência pela neta, mas, também, desenvolve sintomas depressivos. Seu pai é dependente do álcool e depressivo, não reconhece o vício. Atualmente, está desempregado, pois seu pai o afastou da fazenda que administrava após consecutivas dívidas que resultaram em quebra financeira, a qual não consegue enfrentar sozinho. A mãe também não tem vínculo empregatício, faz bicos ocasionais que não garantem renda à família.

Seus pais só se uniram (não são casados formalmente) quando Mariana já tinha mais de dois anos. Antes, mãe e filha moravam com a avó materna, pois o avô paterno não admitia o casal. Eles eram muito jovens quando a filha foi gerada. Quando, enfim, foram morar juntos, a situação não melhorou muito, brigavam constantemente e a mãe deixou a casa, marido e filha algumas vezes. Em sua maioria, as brigas eram causadas pela irresponsabilidade do pai: bebia, chegava tarde, arranjava outras mulheres. Diante disso, a mãe reagia com agressão verbal e física. O pai raramente agredia, mas muitas vezes mostrava a valentia com arma de fogo. Certa vez, Mariana relatou que se lembrava dela bem pequenina, na porta de casa, fazendo xixi na calça de desespero e medo. Diz que, na maioria das vezes, começava a murmurar em voz alta tentando abafar os gritos das brigas. Estes dois comportamentos retratam como esta criança, ainda com um aparelho psíquico a ser organizado, teve que se submeter a regressões em busca de auto-proteção ou de refúgio do mundo externo.

¹⁵⁶ TRACHTENBERG. *Transmissão Psíquica Intergeracional e Transgeracional*. 2004, p. 135

O fato de se lembrar de tais comportamentos também tem conotação sintomática, pois teve que se aparelhar da racionalidade muito precocemente (antes dos quatro anos de idade), afastando a possibilidade de experimentar as próprias pulsões agressivas. Seus pais estavam envolvidos nos próprios problemas de conquista da identidade e a vinda da filha se tornou mais um componente deste processo. Não houve abertura de um espaço para a alteridade necessária ao exercício da paternidade-maternidade.

Com o nascimento de sua irmã, quando ela estava com quatro anos, a família parece formar um grupo. Mariana relatou que sua irmã era alegre, espontânea, de cabelos cacheados e loiros, portanto bem diferente dela. Todos da casa, inclusive ela, se encantavam com a caçula. Morreu com cinco anos quando Mariana tinha nove anos. Na ocasião do acidente, a família estava voltando de uma visita ao hospital no qual a avó materna estava internada após tentativa de suicídio.

Pensem no espaço de vida onde nasceu a primogênita. Para a mãe, seria a garantia de um vínculo seguro com o namorado e com todas as possibilidades de mudanças de uma vida carregada de privações. Para o pai, a *'ficha'* demorou a cair, não queria abandonar a condição de jovem em plena fase de experimentações e descomprometimentos. Mariana nasce com funções dirigidas às necessidades de seus pais, agravadas pela polaridade: salvação-contenção.

A complementaridade entre as representações ancestrais em cada cônjuge não é excepcional, e responde a uma lógica particular: um deles vem de uma família modesta, mas está animado por um desejo de ascensão social que o outro aprecia e aceita porque corresponda sua cultura familiar (mito da criança salva das águas ou da salvação do pobre).¹⁵⁷

Longe está de encontrar a 'mãe nutriente e o pai protetor'. Nesta geração, portanto, problemas não são enfrentados, elaborados e superados, passa-se o ônus à próxima geração. Após a morte da irmã, o espaço de vida de Mariana continuou indefinido. Apenas nos cinco anos de permanência da irmã na família, Mariana tinha definido um papel, o de irmã mais velha. Ela contou em uma sessão: '*Sempre fui fechada, calada, nunca reclamava e, também,*

¹⁵⁷ EIGUER et al. A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica. 1998, p. 124.

não vibrava, já minha irmã estava sempre pedindo, contando, perguntando...’.

Sugiro a compreensão desta família imersa na cultura do mal-estar contemporâneo. Quais as dificuldades vividas pelos seus integrantes? Quais obstáculos para se tornarem sujeitos de sua história? Poderíamos pensar em uma experiência de “cultura do narcisismo e do espetáculo”, onde a individualidade marca um autocentramento absoluto do sujeito e o quase desaparecimento da alteridade¹⁵⁸. Esta família mostra uma necessidade imensa de estar ligada por laços de dependências, uma simbiose atípica onde papéis e funções são delegados ou tomados impropriamente pelos pais, filhos, irmãos. Cada qual vivendo a sua individualidade, como pedras colocadas sobre si para a confecção de um muro, sem qualquer massa que faça as ligações que lhes garantam a solidez. As dores, frustrações e conflitos são indevidamente experimentados. O ônus se torna cumulativo, pois se Mariana herdou de seus pais débitos pela impossibilidade de resolução de seus problemas, eles, por sua vez, também herdaram de seus pais.

Essa dinâmica reveste-se de importância, pois, de acordo com Rosa,

O exercício das funções materna e paterna opera-se a partir dos lugares (materno, paterno, fálicos) atribuídos ou não aos membros de determinada família, classe social e ao momento cultural. A sua eficácia não é independente de tais fatores, uma vez que a família é, ao mesmo tempo, o veículo de transmissão dos sistemas simbólicos dominantes e a expressão, em sua organização, do funcionamento de uma classe social, grupo étnico e religioso em que está inserida. Com estes elementos, pode-se considerar a adolescência como a operação que expõe a cena social presente na base da cena familiar, até então encarregada das operações referentes às funções materna e paterna para a constituição subjetiva.¹⁵⁹

Estes pais não ocupavam na sociedade um espaço no qual exercitassem a própria identidade, ainda eram identificados como o filho irresponsável do fazendeiro e a filha bonita da faxineira da rodoviária. O avô paterno não aceitava a união do filho e a conseqüente separação da família de origem e, como controla autoritariamente a família, o agride com sua rejeição. Antes disso, mostrava ser uma figura que faz uso predador dos que estão a sua volta.

¹⁵⁸ BIRMAN, 1999, p. 166. Birman refere este termo à Lasch em *A cultura do narcisismo* (1984).

¹⁵⁹ ROSA. Adolescência: da cena familiar à cena social 2002, s/p.

Como bem Birman¹⁶⁰ apresentou, “com efeito, para o sujeito não importam mais os afetos, mas a tomada do outro como objeto de predação e gozo, por meio do qual se enaltece glorifica”. O avô paterno trabalha muito, começou sua trajetória financeira com quase nenhuma ajuda e, no entanto, construiu um patrimônio significativo. De outro lado, se manteve sempre distante de qualquer afeto com a esposa e filhos, teve outros relacionamentos com mulheres e, atualmente, é separado da esposa e tem outra família. Apesar da separação do casal, ambos os avós fazem questão de se manterem dependentes um do outro, quando ele adocece, é ela quem cuida; ele continua pagando as despesas da família mensalmente em um ritual de visita e prestação de contas. A relação ao contrário de mostrar parceria ou cumplicidade, apresenta uma relação perversa de dominação e masoquismo. Ambos se sentem usados. A avó como parceira da relação com um outro enaltificado pelo autocentramento, se vê do lado dos ‘humilhados e ofendidos’¹⁶¹. Como não consegue a valorização externa de sua interioridade, recorre à depressão, ao pânico e à medicação.

Desde logo, transmitir é fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história ou afetos de uma pessoa a outra, de um grupo a outro, de uma geração a outra.

Os acontecimentos mais dolorosos não são, necessariamente, os mais alienantes. Qualquer acontecimento poderá ser traumático e alienante para os descendentes se não puder ser elaborado, se for transmitido sem que os afetos que suscita possam ser tolerados, contidos ou representados.¹⁶²

Voltemos ao mal-estar da nossa adolescente, mas antes façamos uma revisão sobre o percurso natural para a maturidade emocional. Winnicott¹⁶³ ao falar de saúde apresenta:

[...] no decorrer do desenvolvimento emocional o indivíduo transita da dependência para a independência; e o indivíduo sadio conserva sua capacidade de transitar livremente de um estado a outro. Esse processo não é de fácil aquisição. Torna-se mais complexo pelas alternativas de rebeldia e dependência. Na rebeldia, o indivíduo rompe o círculo imediato que o envolve e dá segurança.

¹⁶⁰ BIRMAN, 1999, p. 166

¹⁶¹ IBID.

¹⁶² TRACHTENBERG., p. 135.

¹⁶³ WINICOTT, 1993, p. 131.

Este autor afirma que a dependência se inicia em relação à mãe, e vai ampliando no quadro de relações na medida em que cresce, evolui para pai e mãe, depois a família nuclear se estende aos avós, padrinhos e, depois, à escola e assim por diante. Nestas relações além de ser cuidado, o indivíduo experimenta, também, o sentimento de ‘contribuição’ nascido de um impulso de criatividade e generosidade. O que Winnicott indica é que quando a família, principalmente mãe e pai, mantém sua função, a criança ou o adolescente pode, gradualmente, se afastar das figuras externas destes pais ganhando liberdade de pensamento e ação, e voltar a estes, ou seja, ao início, quando necessário. Rosa ¹⁶⁴ também identifica estas organizações graduais de relações entre o sujeito e o círculo social no qual vai convivendo: “Identificações, desejo e ideais articulam o sujeito ao grupo social, inserindo-o na cena social através da formação de grupos de amigos, de nova família, inserção no trabalho, em grupos religiosos [...]”

Agora sim, retomo o caso de Mariana. Aos quinze anos, sua mãe me procurou assustada com a adolescência da filha. Nesta ocasião, morava com a mãe em um pequeno apartamento, e o pai vinha passar alguns dias, assim como elas iam para a fazenda ficar com o pai. Estas foram as queixas expostas pela mãe: Mariana havia tomado verdadeiros ‘porres’ naqueles meses; entre seus amigos, o número de meninos era bem maior do que de meninas; passava as tardes dormindo ou escutando música fechada em seu quarto; uma colega engravidou e naquela semana havia encontrado cartela de anticoncepcional no armário da filha; estava geniosa e malcriada. Com este breve histórico, pensei na ocasião, onde ficou aquela menina meiga, criativa e amorosa que se despediu de mim no último encontro. Preparei-me para receber uma ‘aborrescente’. Encontrei-me com a menina do último encontro. Ali, em nosso *setting*, um espaço de vida para uma menina nascer, ser nutrida e protegida, esta Mariana revelava sua existência. Realmente, ela me confirmou os pileques, as amizades, os amigos meninos, as “*azarações*”. Mas a responsabilidade com o cuidado consigo mesma estava presente, também naquele momento. Quando deveria aprender a cuidar de si, mostrava a experiência nada nova de se virar sozinha. Se expôs a sérios riscos: passou fim de semana com quatro amigos, só ela de menina em um sítio; fez vários programas com a “*turma da maconha*”; tomou porres, no entanto não transou, não experimentou as drogas de seus amigos nem parou no hospital para glicose na veia como suas amigas.

Contou-me que, após chegar do colégio, ia para o quarto, dormia muito e às vezes

¹⁶⁴ ROSA, 2002, s/p.

permanecia horas ouvindo música. Sentia-se muito triste e chorava freqüentemente, nem sempre localizando o porquê da tristeza. Quando estava com os amigos, era expansiva, alegre, mas, também, briguenta e dura quando discordava de algo. Aberastury e Knobel¹⁶⁵ consideraram a oscilação de humor, uma das características normais da adolescência. Em Mariana esta tendência se acentuava, pois suas defesas diante do mundo hostil na infância eram justamente o isolamento e a volta a estágios regredidos buscando amenizar sua dor. Fica difícil localizar a dor quando ela faz parte de demandas atuais associadas à situações de desamparo vividas no passado. A música abafa sons que na infância foram abafados pelo próprio murmurar.

Brigava muito com a mãe e considerava seu pai *'um zero a esquerda'*, situação que é discutida pela psicanálise atual como citam Côrrea e Fonseca¹⁶⁶: “no que diz respeito ao declínio da função paterna e o esvaziamento do papel do homem na família”. Até pouco tempo antes, havia sido companheira da mãe, trocavam confidências, mas na entrada da adolescência a relação entre as duas estava *'dando choque'*, como ela dizia. Esta experiência de extrema proximidade da mãe, a prejudica quando necessita de um distanciamento para sua diferenciação. Mariana precisa, para o processo de elaboração da identidade, do distanciamento progressivo das figuras parentais, da substituição de modelos e de outros jogos de interdependência. Reivindica esta posição, busca agora um espaço inadiável. Sua mãe não compreende, pois está presa a laços simbióticos de identificação e a separação de Mariana ameaça a própria identidade. A mãe adoece, é internada e cuidada pela filha, após poucos dias procura a psicoterapia para a filha em um momento de oportuna lucidez. O afastamento do pai é vivido paradoxalmente, acompanhado de indiferença, pois ele não foi uma figura potente para estabelecer o triângulo amoroso, e de tristeza pela parte identificada com o pai que sente como enfraquecida e alienada.

Como se afastar destes pais externos, se não houve uma boa equalização dos cuidados dos pais e da contribuição desta jovem na vida de seus pais? Para eles é difícil separar, significa perder, pois não abriram espaço interno para receber o novo e diferente na pessoa da filha. Para ela, fica tão arriscado quanto, pois os pais internalizados são frágeis e não lhe transmitem segurança.

Já no início da terapia, Mariana estabelece rapidamente o vínculo, se mostra entusiasmada em formar um novo par. Estabelecer a aliança terapêutica positiva e não

¹⁶⁵ ABERASTURY E KNOBEL, 1992.

¹⁶⁶ CORREA E FONSECA. Projeto Estação: desejo e laço social. 2004, p. 140.

ofensiva ou passiva é pouco usual com adolescentes.

Segundo Novik¹⁶⁷, “somos defrontados, então, com um grupo de pacientes que, ativamente, evitam o tratamento, negam seus problemas e freqüentemente não contam com o apoio dos pais, sendo, muitas vezes, boicotados por eles”. O que faria então esta menina se encorajar para o enfrentamento de mudanças na estrutura de seu psiquismo? O que levou esta mãe a buscar e garantir o tratamento de sua filha? O fato de uma experiência psicoterápica anterior é significativo, mas não único. Estas duas certamente tiveram experiências afetivas de troca, mesmo que muito precárias. A partir da disponibilidade de partes da personalidade da jovem ali presente, pude compreender os movimentos de busca de novas relações com o próprio mundo interno, com os pais e com a realidade externa que se fazia presente. A mãe parecia buscar em determinadas situações de vida, parcerias para dar conta da maternidade. O pai oscilava entre a depressão e improdutividade à compulsão pela bebida e comportamentos inconseqüentes como, por exemplo, aos quarenta e dois anos dar ‘*cavalos de pau*’ na praça principal da cidadezinha próxima a fazenda, ou circular com a ‘*princesa*’ da exposição durante as festas em que estão presentes sua filha e sua esposa. Sendo assim, este pai tem poucas condições de servir de interditor na relação dual, muitas vezes estas duas se perdem, pois a relação triádica faz falta para o estabelecimento de uma linguagem, ou seja, da simbolização necessária para a separação da dupla, sem o medo da perda e desamparo.

Após dois meses de análise, Mariana começou a namorar. Surpreendeu com sua forma de iniciar esta relação, pois sempre ficava com mais de um menino, mesmo quando dizia estar envolvida. Não se censurava por isto, para ela não havia nada demais. Mas se descobria que um dos meninos que estava ficando, havia beijado outra, era uma confusão total: brigava, tirava satisfação, ligava para as ‘*rivals*’ e assim por diante. Nestas relações dava a impressão de estar identificada em partes do pai, quando não percebia o outro como alguém que se machuca quando traído; e partes da mãe, quando atuava, ao sentir-se machucada pela possibilidade da deslealdade do parceiro. Interessante que ambas as partes não se reconhecem, a menina que fica com vários meninos não percebe a menina que se enfurece ao ser traída. São partes cindidas. Em certo sentido, o adolescente faz estas cisões para se encorajar a experimentar formas diferentes de ser, mas em Mariana isto é adicionado ao fato de não perceber seus pais como um casal, como uma dupla complementar e criativa; ambos desenvolvem comportamentos isolados e o que um faz não provoca transformações no outro. Esta experiência pode nos levar ao problema deste estudo: Mariana vive duplamente certas

¹⁶⁷ NOVIK. A Atualidade da Psicanálise de Adolescentes. 2004, p. 286

defesas ou arranjos para lidar com a tarefa de afirmar ou constituir sua subjetividade. Existe uma dificuldade para o direcionamento libidinal de forma integral, procura objetos parciais de satisfação e vive com estas relações diferenciadas.

Em uma sessão, disse-me *'não quero ficar na mão de ninguém, nunca vou entrar com tudo, não vale a pena por ninguém'*. Foi assim que começou com o Marcos, devagar, desconfiada, insegura. Por outro lado, mesmo sendo apenas *'ficante'*, foi fiel. O parceiro eleito era um menino dócil que se envolveu de imediato com ela. Hoje, com dois anos de namoro, ele convive com a família dela como se fosse a dele. Viaja com eles, ajuda sua mãe em alguns trabalhos, vai com seu pai para a fazenda, passa o domingo com sua avó e tias. E com Mariana? Virou um irmão. Aquela quarta pessoa que eles perderam quando estavam experimentando se perceber como família. Antes do pai se afastar do trabalho na fazenda, iam nos fins de semana e tiveram bons momentos no primeiro ano de namoro. Com ele, teve sua primeira relação sexual. Se preparou, foi ao médico e decidiu. Estava cheia de desejo e curiosidade, se sentia segura, mas demorou uns dois meses para decidir porque não queria transar sem falar para a mãe, mas não tinha coragem de conversar com ela. Sentia que estaria traindo a mãe. Porque estaria tão comprometida em participar à mãe, se já tinha aprontado tantas sem revelar a ela? Sabia que a mãe tinha transado com seu namorado em sua idade e engravidado. Estava difícil lidar com a função superegóica, pois o ideal de ego estava exercendo impiedosamente a censura, cresceu tentando fazer uma história diferente de sua mãe, tentando resgatar os ideais perdidos na geração antecedente. Transar não era uma história só sua.

Enfim, teve sua primeira transa. No entanto, nada de muito significativo para alterar sua relação com o namorado. Teve dores, infecção e irritação. Para esta adolescente o sexo não a fez mais mulher ou mais parceira e nem trouxe mais desejo por seu par. Desta forma, as relações sexuais foram se distanciando. Cabe aqui pensar sobre o que mudou na vida da jovem depois de ter uma relação completa. Visivelmente, o casal deixou de investir muito no processo de conhecimento que deve permear uma relação amorosa, principalmente na fase que a identidade e novas formas de subjetivação estão sendo construídas. Estariam os eixos do desenvolvimento expostos por Erikson¹⁶⁸ ultrapassados? Seriam eles dependentes de uma época? Para a adolescência como apresentamos anteriormente, ele coloca a polaridade de estabelecimento da identidade x confusão de identidade. Neste período, o jovem deve experimentar papéis, de liderança, de submissão, de pertencimento, de isolamento em

¹⁶⁸ ERIKSON, 1976.

circunstâncias sociais novas para permitir novos arranjos com a estrutura desenvolvida nos estágios anteriores. A curiosidade pelo outro, pela novidade devem impulsionar para novos vínculos e oportunizar o pensar no futuro, o fazer planos, idealizar, o se jogar para o mundo. Tão comuns são as falas dos jovens: '*estou doida para fazer dezoito anos e ser dona de meu nariz*'; ou '*quero sair desta casa, não tem nada a ver comigo*'. Uma qualidade a ser experimentada e internalizada é a fidelidade, o sentir-se coerente e fiel com as novas idéias, agora sentidas como próprias, mesmo que, ainda, sofra influência de grupos e outros personagens significativos no momento.

Partimos da premissa de que a adolescência, longe de ser um momento do desenvolvimento de uma essência evolutiva chamada supostamente indivíduo, ela é, antes, um trabalho psíquico cuja emergência responde a uma necessidade de estrutura e, em cuja eficácia, estará implicada, não sem que aí deixasse de se apresentar um real a se dar conta, uma operação do simbólico.¹⁶⁹

Não percebi em Mariana este desejo de identificar-se com uma ideologia, um movimento político, uma religião ou mesmo um grupo-tribo tão característico desta idade. O namoro ajudou Mariana a se afastar das amigas e os programas mudaram. No início, acompanhava o namorado com os amigos dele, se enturmou fácil, mas, com o passar do tempo, se isolaram do grupo. No entanto, estes fatos não se reverteram para aproximação ou amadurecimento da relação. À medida que o tempo passava, parecia que perdiam a curiosidade um pelo outro. O desejo de surpreender, de mostrar o que ainda não tinha sido, conhecer o que o outro pensa, gosta, sonha. A relação mais parecia de um casal de meia-idade. Ele vai à casa dela todas as noites, assistem televisão juntos em silêncio, um no sofá, outro deitado no chão; de dia, ele a leva nos lugares que precisa; viajam com a família e até a sós, mas até nestes passeios se comportam como irmãos ou como pessoas que não têm necessidade de conquista um do outro. Questionei, em certa oportunidade, se beijavam, acariciavam ou davam '*amassos*'; ela disse que quase nunca.

Acabo de expor um estudo de caso sobre a transmissão transgeracional de conflitos inter e intrapessoais na família que conduzem a impasses difíceis de serem transpostos para a

¹⁶⁹ RUFFINO, 2007, s/p.

definição identitária na busca da maturidade. O espaço das relações exposto foi a instituição familiar. Na experiência relatada a seguir discuto como as relações interferem no adolecer, mas agora em outro ambiente institucional: a escola.

3 O DUPLO MAL-ESTAR DE RICK E SEU GRUPO

Os adolescentes, em busca de sua identidade adulta, reproduzem, imitam ou estabelecem conluios conscientes e inconscientes, como forma de contestação e de auto-afirmação.¹⁷⁰

No caso anterior, a trama familiar de Mariana, estavam envolvidos, avós, pais, filha, namorado e amigas. Agora, os atores são: a direção da escola, professores, jovens, estagiários e profissionais do programa de atenção ao adolescente.

Nas escolas, o ciclo de estudos denominado ensino fundamental vai até à oitava série. A partir de então, se inicia o ensino médio. Além da nomenclatura – médio – revelar claramente a existência do ‘estar entre’, várias outras situações caracterizam as necessidades de mudança: o intervalo para lanche é em espaço e tempo diferente do dos alunos menores; o próprio período de estudo passa a ser maior em número de horas de permanência na escola e muitos alunos começam a estudar à noite; a subdivisão das disciplinas; e o trabalhar com conteúdos abstratos; a falta de trabalhos dirigidos e em grupos; avaliações direcionadas à resultados quantitativamente expressos.

A escola como espaço de socialização e construção de subjetividades contribui potencialmente na elaboração de formas de viver o cotidiano, e pode ser um elemento fundamental na superação e enfrentamento de impasses da contemporaneidade elaborando pactos de convivência democrática.¹⁷¹

¹⁷⁰ LEVISKY, 2000, p. 20.

¹⁷¹ BELLINI, A família como metáfora da fraternidade 2001, p. 5)

O desenvolvimento intelectual do adolescente permite e impulsiona várias dessas modificações. Mas eles necessitam, também, no aspecto educacional de um espaço transitório, de uma moratória que permita um tempo de reorganização das novas formas de elaboração e compreensão de mundo. Muitas vezes, as novas habilidades cognitivas assustam os adolescentes e os levam a fantasiar ou se distanciar através de defesas como a racionalização para darem conta de entender a multiplicidade de fatores envolvidos em cada fenômeno novo a ser compreendido. Compreender um acontecimento, considerando a multi-causalidade, distancia esses jovens das verdades absolutas, e acaba sendo mais um fator de instabilidade emocional. Professores, pais, orientadores têm que estar próximos para acolhê-los, com referências fundamentadas, mas passíveis de serem questionadas ou abandonadas como os rochedos protetores da lagosta.

O prazer do jovem em discussões intermináveis, debates fervorosos, disputa de argumentações deve receber espaços saudáveis de manifestação, de outra forma poderão ser desviados para atitudes de transgressões inúteis e danosas ou para uma completa alienação. Se com as crianças, os pedagogos e educadores buscavam ações motivadoras para a relação ensino-aprendizagem, adotam um perfil de distanciamento afetivo e de cobrança de resultados com os adolescentes; se encontram apartados das crianças, mas se sentem excluídos dos grupos mais maduros.

No final do primeiro semestre de 2004, atendendo à reivindicação dos adolescentes do mesmo Programa descrito no segundo capítulo, e visando fortalecer a relação entre a Universidade, escola e comunidade, realizamos o I Fórum da Adolescência "Educação Ambiental: cuidar do planeta é cuidar de si e do outro". Tal atividade permitiu levar os adolescentes da escola para uma manhã no Campus da Universidade de Uberaba. Realizamos oficinas com o objetivo de proporcionar aos adolescentes o contato com ambientes diferenciados que levem à qualidade de vida, integração com a comunidade e reflexões sobre seu papel na sociedade e seu projeto de vida. As oficinas aconteceram em pequenos grupos, nos quais foram propostos trabalhos sobre reciclagem e preservação ambiental, através da utilização de diferentes materiais. As oficinas foram seguidas de uma plenária que finalizou o evento, na qual cada grupo apresentou sua produção.¹⁷²

As ações realizadas proporcionaram ao adolescente o contato com um ambiente diferenciado que poderia oferecer novas perspectivas e vislumbres sobre seus projetos de

¹⁷² PANÚNCIO-PINTO E CUNHA, 2005.

vida.

As oficinas temáticas possibilitam uma escuta que propõe uma saída para algumas questões. São trazidos temas e daí em diante a palavra flui. Flui sobre a forma de desenhos, recortes, esculturas, jogos, brincadeiras, olhares, palavras. Tudo associado livremente, num balé de significantes, favorecendo a escuta e oferecendo uma possibilidade de suportar as teias dos sintomas, implicando a todos.¹⁷³

Nesse encontro, conheci Rick que estava acompanhado de um grupo de aproximadamente nove adolescentes entre meninas e meninos. Chegaram depois dos outros e encontraram as salas de aula preparadas para recebê-los já cheias de adolescentes iniciando realizando as atividades propostas. Cada grupo deveria refletir sobre um dos elementos – terra, ar, água e ser humano, destacando os meios de poluição e os cuidados preventivos e reconstituintes. Para aquela sala o elemento era “Ser humano”. A turminha de Rick se dirigiu para o fundo da sala, não se integrou ao restante do grupo e se queixou: - *“como sempre não tem lugar pra gente”*. Perguntei se gostariam de ocupar outra sala e iniciar uma oficina própria. Sem responder, se levantaram e seguiram até o local indicado. Estavam com um som portátil e algumas mochilas que, mais tarde, descobrimos conterem vodka em garrafas de Fanta-limão. A todo o momento diziam para tomarmos cuidado com eles e alertavam para não deixarmos nada *“dando vacilo”*. Ao entrar na sala, Rick reclamou: - *Somos sempre discriminados, já nos isolaram*. O grupo o apoiou. Intervi dizendo que estavam transformando a conquista do espaço reivindicado em frustração e questioneei como gostariam de trabalhar a oficina proposta.

A minha intervenção possibilitou uma mudança de atitude que pode ser entendida na fala de Ruffino¹⁷⁴ *“À operação do simbólico implicada na ação do trabalho psíquico da adolescência corresponde o ato psíquico do construir, entendido não como intervenção do analista, mas como um ousar do sujeito adolescente, uma ousadia necessária à operação do adolescer.”* Decidiram por um rap. Fizeram uma bela criação abordando um dos temas que preocupam os profissionais da saúde hoje: a ingestão ou aplicação de hormônios para o aumento rápido e substancial dos músculos, a famosa *‘bomba’*.

¹⁷³ CORRÊA; FONSECA, 2004, p 147.

¹⁷⁴ RUFFINO, 2007, s.p.

A intervenção feita permitiu uma tomada de consciência do processo transferencial de afetos despertados nas relações do cotidiano desses jovens que são carregados de sentimentos de rejeição e desamparo. Rejeição por não se enquadrarem nos outros grupos e desamparo por não serem ofertados espaços de acolhimento que atendam a sua demanda. Acolhidos, sentiram-se livres do afeto da transferência inicial e da invasão de sentimentos mais primitivos e puderam direcionar sua energia para algo criativo e composto pelo grupo que se mostrou coeso, colaborativo entre os pares, mas com papéis bem delimitados entre seus integrantes. Corrêa e Fonseca¹⁷⁵ afirmam: “O acolhimento é o primeiro passo em direção aquele sujeito que chega à Clínica. Acolhimento mesmo, no sentido próprio da palavra – abrigar, receber, atender e dar ouvido ao que se chega”. O nosso grupo, composto por professoras e estagiários da Universidade, pode fornecer um suporte egóico para que o grupo expressasse suas necessidades psicológicas, função esta importante para as instituições de educação. Nelas, é essencial acolher e conter, esse último no sentido de dar espaço para a expressão do educando.

O grupo permite ao adolescente assumir identidades parciais, transitórias, circunstanciais ou ocasionais descritas por Knobel¹⁷⁶. O papel de Rick era o de provocador, uma identidade de oposição, pois o jovem não sabe ainda o que quer, mas tenta se afirmar através da rejeição por quaisquer opiniões ou valores dos adultos mais próximos, principalmente, dos pais. Dois integrantes do grupo exerciam o papel de ‘intelectuais ou mentores’; um com idéias imbuídas de valores mais consistentes e, outro, com habilidade de aproveitar as contribuições de seus parceiros. Rick e os demais tentam se encontrar nesse movimento.

Na ausência de um referencial "terceiro", verticalizado, portador de um código coletivo, que seria capaz de afiançar um estofo narrativo interno, o sujeito só poderá se reconhecer na exterioridade de um imagem refletida no olhar do outro. Num regime desta ordem, as nuances que separam o ser do parecer tendem a se dissipar. O ser passa a se confundir com o parecer.¹⁷⁷

As próprias características físicas de Rick já o colocam em uma posição de diversidade, algumas naturais como a cor e tamanho, pois é mais baixo que seus colegas e é

¹⁷⁵ CORREA E FONSECA, 2004, p. 146.

¹⁷⁶ KNOBEL, 1992, p.33.

¹⁷⁷ VENTURI; BARBOSA e PINHEIRO. Vergonha e Adolescência. 2006, p. 146.

um dos três mulatos em uma turma de vinte e cinco alunos. Outras que permeiam seu desenvolvimento desde a infância como a obesidade, e ainda outras adquiridas recentemente, na adolescência, como uma grande tatuagem em seu braço da imagem de Che Guevara. Ser diferente é a aparência que Rick quer apresentar. Mas não é só na aparência física, mas, também, em seus relacionamentos e estados emocionais.

A cada semana, Rick recebe o grupo de estagiários de uma forma diferente, um dia vem todo participativo, dando sugestões, solicitando colaboração dos colegas, mostrando criatividade. Outro dia, se mostra trancado, arredo, solitário; em outros momentos, se apresenta como agitador para desconstruir qualquer proposta dos estagiários. Emocionalmente, o quadro acompanha seu comportamento, oscilando entre estados depressivos, agressivos e de envolvimento criativos. Rick reflete uma imagem carregada de identificações desconexas, que não possuem ligação entre si e o fazem buscar uma experiência contrária ao do camaleão: não pode ter o tom do meio para se proteger e sim destoar sempre, é assim que sente sua existência. Rick encarna o processo de construção imagética:

No contemporâneo, em que a visibilidade e a transparência constituem um valor fundamental, a imagem passa a desempenhar um papel soberano. Contrariamente ao mundo das metáforas subjetivantes, dos personagens enigmáticos e dos segredos íntimos, a atualidade é marcada por ideais difundidos imagetivamente. Ser alguém é ser capaz de produzir uma determinada imagem. [...] A composição do ideal do eu deixa de ser uma imagem que comporta uma subjetividade, que contém valores, para passar a ser um mero ícone.¹⁷⁸

Tubert¹⁷⁹ relaciona os traços narcisistas descritos por Freud e a experiência da adolescência citando o retraimento da libido, o delírio de grandeza e, finalmente, a regressão. Ao colocar sua aparência como traço determinante de sua identidade, Rick cria um espaço de distanciamento para quem tenta se aproximar dele, como uma armadura para o guerreiro que se protege de ataques, mas, também, de vínculos e intimidade. As humilhações berradas pela Diretora da escola na frente de todos – “*que nêgo difícil, toma jeito não?!*”, são recebidas com aparente passividade, assim como quando a mesma diretora, o abraça e diz que gosta

¹⁷⁸ IBID. p. 114

¹⁷⁹ TUBERT, 1999

dele. Dois afetos contrários são recebidos como iguais, não há diferenciação. A saída para o investimento objetal solicita identificação com algo gratificante, que venha em direção ao desejo ou necessidade. Sem diferenciar, não há como identificar-se com o objeto bom, nem como deixar-se afetar pelos objetos considerados maus e perseguidores. Na analogia da lagosta, Rick, assim como Sila, está diante do impasse de crescer ou agarrar-se às falsas proteções.

Debesse¹⁸⁰ explica o delírio de grandeza como “uma hipervalorização do poder de seus desejos e de seus atos psíquicos, uma onipotência das idéias, uma fé na força mágica das palavras e uma técnica contra o mundo externo [...]”. A oficina na qual o grupo de Rick compôs a letra e música¹⁸¹ sobre métodos questionáveis para aquisição de massa muscular encerrou o semestre de um grupo de estagiários com os adolescentes da escola pública. No ano seguinte, reiniciamos o trabalho com outro grupo de estagiários. Como supervisora, apresentei os estagiários de 2005 na escola. Rick gritou lá atrás: - *E aqueles, morreram?* Todos riram e ele conseguiu, de certa forma, desconcertar os estagiários iniciantes. Neste mesmo dia, durante as dinâmicas para apresentação e escolha das oficinas e temas a serem desenvolvidos durante o semestre, continuou suas investidas para desconcertar o grupo dizendo, por exemplo: - *Espera aí, vou fumar um baseado para compor o rap.* Quais fantasias permaneceram em Rick após ter estabelecido um vínculo e colaborado com algo seu, a música no último encontro do ano? Sua atitude parecia indicar que, se pudesse verbalizar o processo, diria: *‘Eu não queria participar, queria azucrinar, me envolvi, produzi, e eles foram embora; não posso ser abandonado, por isso mato; mato meu desejo, minha capacidade criativa, mato os que se foram e aborto os que estão chegando.’*

Fumar um baseado para conseguir compor, pode indicar um movimento em busca de um auxiliar para acreditar em sua capacidade criativa e está ligado ao retraimento da libido. Mas o anunciar a transgressão aponta para a necessidade de colocar o outro diante do conflito e para o desejo de que o outro possa fazer uma imagem dele e, assim, possibilitar uma aproximação. A atitude de Rick me remete novamente à citação anterior de Venturi¹⁸²: é necessário uma imagem-ícone para sentir-se real. Ao perceber que o novo grupo de estagiários se manteve ligado ao objetivo de se apresentar e conhecer os alunos com os quais iriam conviver durante o semestre letivo, Rick se afasta. Fracassa o seu delírio de grandeza, pois não consegue impedir o início de novos vínculos, esse fato desperta sentimentos

¹⁸⁰ DEBESSE (1955) apud TUBERT, 1999, p. 109

¹⁸¹ Infelizmente, não consigo recuperar a letra da música para apresentá-la nesse trabalho.

¹⁸² VENTURI, BARBOSA E PINHEIRO, 2006.

ambivalentes que, agora, não são igualados e sim reconhecidos em suas diferenças. De um lado deprime-se, sente-se desinteressado pelos trabalhos propostos, afasta-se do grupo para entrar em contato com os limites e alcances de seus desejos; mas continua demonstrando sua raiva por não triunfar na intenção do impedimento para crescer como pessoa e como grupo.

De certo modo, a violência experimentada pelo grupo como um todo reflete algo que acontece na realidade brasileira que corre o risco de ficar banalizado e se tornar um valor cultural válido a ser incorporado sem ser percebido como um sintoma de uma patologia social.

A escola que recebe o programa é estigmatizada por ter “*alunos barra pesada*”; a direção exerce uma administração repressiva, no sentido de não tolerar diferenças, e chantagista por evocar constantemente o fato dos alunos e professores estarem ali por concessões pessoais, já que são rejeitados em outros ambientes. Os papéis de acolhimento e continência são substituídos pela rotulação e pela subordinação. Professores e funcionários agridem pela passividade e desinvestimento na ação de educadores. “Minha observação é de que a sociedade brasileira tem vivido um tipo de violência passiva, fruto da repressão, da submissão e da castração cujas origens datam de épocas coloniais, caracterizadas por uma mentalidade escravocrata e coronelista.”¹⁸³

As observações feitas acima não foram colocadas em forma de julgamento das pessoas que compõem esse ambiente educacional, pois cada um deles é, também, vitimizado por esse sistema, e muitas vezes, apesar de desejar mudança, não encontra respaldo pessoal e social para empreendê-las. As figuras parentais – pais ou representantes de interdição - deveriam se manter firmes na própria ideologia para suportarem as pressões exercidas pelo jovem. Muitas vezes, como nessa escola, os valores ficam enfraquecidos diante de exigências emergentes e de pessoas despreparadas para a função e sobrecarregadas. Facilmente, se deixam envolver com as projeções massivas dos adolescentes e acabam entrando no enfrentamento fraternal exposto anteriormente.

O Programa de Atenção ao Adolescente se insere nesse espaço com a possibilidade de servir como uma nova esperança, ou para quebrar conluios que favorecem mecanismos mentais primitivos como cisão, identificação projetiva, idealização ou intensa repressão.

Durante o semestre seguinte, o grupo produz, com ou sem Rick. Aquele núcleo fechado e simbiotizado de nove adolescentes passa a participar das ações propostas na sala de

¹⁸³ LEVISKY, 2000, p. 27.

aula, e cada um de seus componentes se expressa com as próprias individualidades. A partir do momento em que o grupo não tem um dono, *um pai primevo*, esse pode ocupar um espaço simbólico e, assim, abrir-se para o encontro fraterno com o outro. A morte do pai dominante ocorre em dois planos: no pessoal, diante do confronto entre o eu e seu ideal; e no social, ao passar pelo plano simbólico do intercâmbio. Quais novos arranjos favoreceram essas mudanças?

No plano pessoal, Rick precisava da resposta de um grupo que não estivesse identificado com a sua armadura, que pudesse olhar através dela, além de sua cor, seu peso, suas atuações. Essa nova possibilidade apresenta um limiar necessário para lidar com o dentro/fora, eu/outro, antes/agora/depois. Rick pôde por a prova a capacidade de sua pele natural em perceber os estímulos ambientais e deixar vazar seus humores e suores internos. Existiu, enfim, uma troca. Durante o semestre, se mostrou retraído, prevaleceu a posição depressiva, de pouca participação, mas de mais segurança, falava com liberdade, sem tantas defesas sobre seu estado emocional, se recusava a participar de algumas oficinas sem assumir comportamentos de provocação. A turma fica menos dependente dele, isso traz um vazio, assusta, mas deixa-o mais tranqüilo para lidar com as próprias dificuldades.

No plano social, o Programa pôde ser percebido como algo que permanece além das pessoas que participam a cada semestre no qual o vínculo só se estabelece quando os jovens conseguem um espaço de apreensão do simbólico formado pela situação triangular – adolescentes/programa/estagiários. Além do vínculo com os estagiários, a cada período existe uma idéia de permanência, eles não são esquecidos ou abandonados. Em 2007, a escola parceira do estágio recebeu algumas verbas para uma reforma da estrutura física e para aquisição de computadores e recursos didáticos. O espaço das quadras foi ampliado, partes internas e externas foram pintadas, o telhado todo reformado e, ainda, se construíram salas para receber alunos em um programa estadual de acolher os alunos fora do período de aulas regulares. A aparência física da escola ficou irreconhecível, se antes dava impressão de um presídio, agora dá idéia de prosperidade. A diretora participou de várias reuniões e processos de treinamento para receber a nova proposta e se tornou mais ausente fisicamente. Com isso, novas figuras de liderança e conduta surgiram no meio sócio-organizacional dessa escola. A funcionária encarregada de manter os alunos dentro de sala e controlar a entrada e saída pelo portão da rua, antes mal humorada e de má vontade em relação aos estagiários e supervisoras, se tornou mais amável e receptiva. A secretária responsável pela grade horária de alunos e professores, antes sovinava qualquer informação quanto aos horários, calendário e eventos e,

agora, se mostra mais diligente. Os docentes, antes predominantemente ausentes e displicentes com as ações dos estagiários, agem de forma mais individualizada, ora se envolvendo, ora discordando.

Essa digressão fez-se necessária para pontuar os movimentos simultâneos de transformações intra-psíquicas, relacionais, ambientais e situacionais. Estamos estudando o que Rick tem passado, o que o grupo de Rick tem passado, o que os cuidadores/educadores de Rick têm passado e, enfim, o que o espaço social tem proporcionado. Por sua vez, o afastamento da figura dominadora da diretora permitiu que seus colegas de trabalho pudessem assumir atitudes singulares, menos identificados com posturas de desesperança e passividade.

A partir das experiências desenvolvidas ao longo de cinco anos, posso destacar algumas características comuns nos grupos: se envolvem muito mais quando são os idealizadores e atores das oficinas; transferências, contra-transferências e atuações presentes de forma intensa; superidentificação em massa; contradições entre falas, atitudes e sentimentos. Para exemplificar estas características, retomo exemplos.

No caso do envolvimento dos adolescentes nas oficinas ser maior quanto as idealizam, retomo o caso de uma turma da 6ª série do Ensino Fundamental que passou todo o semestre, montando uma campanha para arrecadar brinquedos a serem distribuídos às crianças carentes do bairro. Estabeleceram as estratégias para pedir brinquedos usados na comunidade, confeccionaram caixas e as depositaram em lugares de grande acesso, construíram brinquedos com sucatas, pesquisaram famílias e instituições com crianças carentes, fizeram os embrulhos e distribuíram os brinquedos. Esta era uma turma considerada extremamente indisciplinada que, durante todo o semestre, se manteve coesa e mobilizada para a concretização da proposta rompendo, assim, com qualquer tipo de estigmatização.

Em relação às transferências, contra-transferências e atuações, o exemplo é o do início de um semestre em que organizamos um grupo de estagiários mais maduro e com boas habilidades para lidar com uma turma de 7ª série considerada *problemática*. Antes de traçar os planos de ação, os estagiários lêem os relatórios do semestre anterior e se preparam para trabalhar de acordo com a história de cada turma. No primeiro encontro, planejaram a construção de uma casa com materiais de sucata para traçarem o contrato de convivência do semestre: piso, janelas e portas, tijolos, telhado representariam, interesses, objetivos, colaboradores e assim por diante. Surpreendentemente, os adolescentes participaram empenhados na atividade sem grandes transtornos, no entanto fui chamada para resolver uma

discussão feia entre duas estagiárias. Ao participarem da supervisão, ambas não souberam contar o porquê iniciaram a desavença. Conseguimos perceber que os adolescentes depositaram sua agressividade nos estagiários, percebendo sua insegurança e puderam desenvolver com criatividade a proposta da equipe. Várias situações como essas têm acontecido e são trabalhadas nas reuniões interdisciplinares, fundamentais para o vínculo e adesão dos adolescentes.

A superidentificação em massa, terceira característica destacada, é apontada por Knobel¹⁸⁴ quando explica a tendência grupal do adolescente. Geralmente, têm “*panelinhas*” fechadas, que marcam como se vestem, com quem devem falar, a quem devem criticar e assim por diante. Os dois casos apresentados, oficina de teatro e Rick já exemplificam essa característica. Para lidar com essas situações, os estagiários estudam teóricos como Bion e Rivièri que trabalham as questões de como o grupo reflete situações particulares e vice-versa.

Em relação às contradições entre falas, atitudes e sentimentos, um bom exemplo são as despedidas no final do semestre, grupos que se mostraram indiferentes ou que deixaram os estagiários com grande frustração na maioria das oficinas demonstram apego, carinho e mudanças; e grupos que foram tranquilos durante o semestre, muitas vezes revelam a imaturidade no momento da separação. Brinco com os estagiários que cada dia com eles é um saquinho de surpresa e devemos ter sempre plano A, B, C... ao programar as ações.

No início do estágio nessa escola, como foi citado anteriormente, construímos uma leitura da realidade da escola e dos sujeitos envolvidos na instituição através de observações, entrevistas com os jovens e rápidas reuniões com professores e direção. Com esse diagnóstico montamos planos de ação que continham metas a curto, médio e longo prazo. A cada semestre, com a chegada de novos estagiários, são feitas oficinas de formação para ajustes conceituais, para reconhecimento do que já foi feito e dos objetivos gerais do projeto e, novamente, as metas, objetivos e metodologias são discutidos. A cada semana são traçados os objetivos e metodologias e, após a intervenção, em reunião, os estagiários e nós, supervisores dos cursos envolvidos - Psicologia, Terapia ocupacional, Educação física, Medicina -, avaliamos a ação e planejamos a seguinte. As idéias e sugestões partem dos estagiários que discutem e, depois, as apresentam às coordenadoras do grupo.

Percebe-se nessa composição, que o programa tem uma composição hierarquizada de acordo com as capacidades, competências e funções. O que estamos instituindo? Qual a

¹⁸⁴ KNOBEL, 1992.

posição do Programa, das coordenadoras, dos estagiários na constituição da identidade desses jovens? É pretensioso arriscar em uma intervenção oferecida e não solicitada?

Nosso esforço é para construir/consolidar um Programa com bases conceituais, papéis, funções, limites, responsabilidades, encontros, avaliações e reconstruções. Muitas vezes, os temas discutidos são apenas meios para que possamos trabalhar os afetos, os vínculos, as fantasias e necessidades pessoais e dos grupos. Nesse programa, trabalhamos com adolescentes mais novos como os da oficina, de 11 anos até os de 17 anos como grupo do Rick.

A estrutura do programa prevê encontros semanais com os adolescentes; reuniões de planejamento e avaliação entre os estagiários; e paradas mensais para um encontro entre o grupo de professores e estagiários nas quais trabalhamos as questões pessoais e vinculares da própria equipe, importantes para a condução do trabalho com adolescentes. Penso seguirmos a tríade da clínica quando temos o momento com o paciente, a supervisão e tratamos de nossa análise.

Dessa forma, posso reunir as discussões presentes nesse capítulo sobre os duplos mal-estares dos adolescentes e chamar a psicanálise diante de tais situações. Concordo com Figueiredo quando ele afirma:

A partir desse pressuposto, mas agora retornando à clínica psicanalítica, propomos a idéia do fazer sentido como “dar passagem”. [...] que os afetos *passem* às linguagens, que as linguagens *passem* aos corpos, que os corpos *passem* aos afetos, que cada um dê passagem aos demais e assim por diante.¹⁸⁵

Ao pretender trabalhar com os adolescentes criando espaços para a comunicação e circulação dos afetos, das fantasias, das representações, das angústias e temores, estou também colocando o meu papel de transitoriedade em suas vidas. Essa posição marcada desde o início, faz com que o jovem sintam-se acolhido em novos territórios de expressão, e ao mesmo tempo autor de sua própria trajetória. Bromberg apud Figueiredo¹⁸⁶ usa a expressão “*stand in the spaces between*” que traduz a função que quero defender. A postura psicanalítica deve proporcionar ao adolescente o convívio com o outro que o acolhe, partilha com ele suas

¹⁸⁵ FIGUEIREDO, 2003, p. 36.

¹⁸⁶ BROMBERG (1998) apud FIGUEIREDO, 2003, p.37

experiências dando-lhes legitimidade e conseqüentes re-significações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que proponho é conceber a adolescência como uma estrutura ou configuração que não começa nem acaba num momento determinado da vida, mas que é produto de uma história que se inicia com o nascimento da criança e antes mesmo, quando aparece o projeto de sua vida na história daqueles que a geraram.¹⁸⁷

¹⁸⁷ TUBERT. 1999, p. 15.

Na compreensão do adolescer em nossa sociedade, procurei construir um diálogo entre a práxis do consultório, das aulas e das oficinas de educação em saúde e os estudos da psicologia. Desde o início, a problemática se apresentava claramente para mim – **O Duplo Mal-estar**. Também as hipóteses estavam cintilando e enunciando como buscar minhas respostas: fragilidade das figuras de interdição, representadas inicialmente pelo pai; mudanças na estrutura e dinâmica familiar; e a intensa permeabilidade entre público e privado advindas de uma sociedade midiática.

Para o ajuste conceitual, busquei identificar o contexto em que a adolescência está inserida e usei o referencial psicanalítico, buscando articular as contribuições dos teóricos tradicionais e contemporâneos. Adotei a tese colocada por Winnicott¹⁸⁸ que dá o tom de *passagem*, e da necessidade do tempo para a cura da adolescência. O sentido de crise, para a adolescência, apresentado por vários autores foi aceito para o estudo à medida que sugere o momento de evolução para a saúde, a adolescência como cura da neurose infantil.

O mal-estar da adolescência está relacionado à perspectiva das rupturas, perdas e lutos que devem ser elaborados, acenando para a importância do cuidado atento e diferenciado para o adolescente, pois este momento se mostra como um território de fronteiras que são disputadas entre destinos mais ou menos saudáveis. Os momentos de desconstrução proporcionam tanto possibilidades criativas como falhas definitivas no processo de subjetivação. A analogia da lagosta ilustra a vulnerabilidade do momento da perda de referências próprias e da necessidade da proteção externa.

Paralelamente, discuti a outra vertente do duplo mal-estar, este vivenciado na contemporaneidade. Como recortar de um tema tão amplamente discutido desde o criador da psicanálise até teóricos expoentes dos dias de hoje as implicações dirigidas ao meu tema de

¹⁸⁸ WINNICOTT, 1993.

estudo? A variedade de referências me ajudou e encorajou a insistir nesse percurso, mas ofereceu várias e pequenas trilhas que se fizeram importantes na malha viária para o reconhecimento das terras que queria explorar. Na construção do itinerário a ser seguido, adotei as idéias que apontavam para a existência de ambigüidades na natureza humana, que insistem em ser refratárias ao trabalho incessante e enlouquecido da modernidade de separar, discriminar e organizar. Escolhi a trilha que implica em escolhas e aponta limites; que conduz à necessidade de criar espaços de comunicação entre o herdado, o vivido e o sonhado; entre as demandas egoístas e altruístas; entre a passividade e atividade. Serviu-me como norte a questão do desamparo e da gestão do conflito, ou seja, a subjetivação na sociedade contemporânea e no adolescer está intimamente ligada à falta de uma figura forte que cerceia e protege e à impossibilidade de equacionar pulsões e civilidade.

As reflexões sobre a modernidade indicam novas formas de subjetivação, relacionamento e adoecimento psíquico, fundamentais para a discussão do **duplo mal-estar** que busquei discutir. Quanto mais se procura por informações e democratização dessas, mais surgem explicações racionais para (des)orientarem a sociedade sem rumos, menos capacidade as pessoas têm de dirigirem-se nessa malha de conhecimentos. Também para o adolescente, existe um esforço psico-pedagógico para orientar sobre sexualidade, violência e drogas que, apesar de prestarem incontáveis esclarecimentos, pouco efetivam na prevenção de gravidez na adolescência, DSTs, brigas de grupos, violência sofrida e praticada e dependência cada vez mais prematura de substância químicas.

Início a discussão da duplicidade do mal-estar com tramas da subjetividade na cultura ocidental contemporânea e duas histórias do início da adolescência. José e sua família mostram como as diferentes configurações da família contemporânea e os papéis exercidos pelo casal cuidador indicam a necessidade de novas compreensões para orientar e encaminhar os filhos para uma vida adulta saudável. Observo que a experiência simultânea de aspectos precoces da adolescência com outros ainda imaturos causa transtornos no processo de busca da autonomia psicológica. José tem acesso, como outros de sua idade, a jogos de internet e programas de televisão que o desafiam intelectualmente e o expõem a estímulos sexuais e agressivos. De outro lado, ele não tem a continência e noção de limites internalizados, pois as figuras parentais não ofereceram modelos consistentes para tal. Na oficina de teatro, focalizo como os próprios adolescentes percebem essa inconsistência do ambiente para referências na reorganização do aparelho psíquico. Eles tentam encontrar em si parâmetros do que podem ou não fazer, e elegem em seu grupo de convivência, membros que possam assumir cada um dos

papéis nas tramas intra-psíquica e relacional. Crescem e se organizam a medida que experimentam, aceitam ou rejeitam esses papéis.

A reflexão caminhou sobre o destino das ambivalências. O espaço psíquico só é criado a partir da situação triangular mente/corpo/afeto, os três vértices são parte constituinte do sujeito, e também devem estar em posições oponentes¹⁸⁹. As ambivalências geradas nesse espaço incomodam e levam a busca de resoluções. Os adolescentes apresentados exemplificam como tem sido o enfrentamento das dificuldades, pois cada um deles se organiza em movimentos que provocam cisões entre realidade objetiva e subjetividade. Os primeiros contatos com – José, o grupo do teatro, Sila, Rick deixaram-me surpresa, pois a imagem passada pelos seus cuidadores não correspondeu com a imagem que revelaram nos encontros seguintes. Geralmente, deixavam transparecer uma arrogância, agressividade e indiferença em relação ao outro que não era sustentada a medida que se estabeleciam vínculos diferenciados na relação de ajuda, seja na terapia ou nas práticas de educação em saúde. Essa experiência aponta para o fato de que novos arranjos de enfrentamento podem ser feitos quando surgem situações que estabelecem regras e parcerias, algumas pulsões poderão ser expressas, pois há continência; e outras deverão ser reprimidas, pois há limites.

Nos mitos e lendas de diversas culturas – gregos, povos indígenas, entre outros – deuses e deusas recebiam em geral papéis definidos e de relativa igualdade de gêneros, fenômenos pessoais e sociais eram elucidados por uma multiplicidade de origens, encontros e relações. Na cultura judaico-cristã, nicho espaço-temporal da psicanálise prevalece a referência de um Deus, o Pai, o Criador, o Julgador, que passa a ser questionado pela racionalidade científica, mas não deixa de ser fundamento para uma cultura hierarquizada de gênero pela dominância do falo. As formulações teóricas da construção do conceito do superego estão baseadas nesse ambiente.

Mas o que reserva o séc. XXI para servir como referência e ambientação para as famílias em suas funções de gerar e criar as gerações do futuro? Os casos estudados, sugerem uma desconstrução de papéis e uma certa justaposição de modelos tradicionais com novos arranjos que causam uma certa confusão. Geralmente, foram as mães que me procuraram confirmando seu papel de cuidadoras, mas simultaneamente, as mesmas têm ocupado papéis de interditoras e principais provedoras de seus lares. Os pais ainda são considerados chefes da casa, seguindo a hierarquia pai/mãe/filhos, mas não têm representado o modelo de detentor de

¹⁸⁹ Oponentes nesse contexto não equivale a inconciliáveis ou rivalizantes e sim constituintes.

falos, daquilo que é desejado e temido, portanto deve ser amado e respeitado.

Os jovens abordados no decorrer da pesquisa mostraram suas aflições ao deparar-se com a função de serem gestores de conflitos. Pedro revelou o pavor que teve em relação aos seus próprios sentimentos quando, ao sair de uma briga de sua turma em um “carnaval fora de época”, entrou em contato com a própria violência no ato de chutar um dos adversários caído no chão. Miro se indignava com a sua falta de controle sobre o medo das tempestades e inundações em seu bairro. Outro paciente ficava inconsolado quando não conseguia controlar a transpiração, molhando toda a camisa a partir das axilas, diante da presença de meninas. São paixões – agressivas e libidinais, dirigidas aos objetos interno e externo – que insistem em desnorteá-los e tirá-los do conforto do período de ‘calmaria’ da latência.

O confronto de gerações necessário para Miro, Pedro e Mariana recolherem os lutos pelas crenças de imortalidade e onipotência de seus pais torna-se difícil a medida que esses pais não aceitam tal idéia. O enfrentamento do conflito parento-filial deve estar vinculado em uma interação singular e conjunta e não pode ser vivido por pessoas isoladas na família por falta de momentos ou espaços compartilháveis. As famílias desses jovens mostram uma inversão de funções quando os pais imaturos e envolvidos nas próprias questões narcísicas e edípicas mostram-se dependentes de seus filhos. Estes acabam sendo paternais em relação aos seus pais, ora os repreendem, ora os desculpam, ora os infantilizam. Pais omissos, pais bêbados, pais violentos, pais com paixões juvenis desnorteiam a finalidade última do adolecer na busca de autonomia e individuação.

Sila, talvez, represente um grupo de adolescentes mais sofrido que os outros citados no estudo. Além das questões do duplo mal-estar, convive com o trauma do abuso sexual também vivido em duplicidade, por ela e sua mãe. A opção pela homossexualidade não parece trazer alento às suas pulsões, e ela continua sua desajeitada forma de reaver a capacidade amorosa. Ela sofreu abuso na latência, período de moratória, importante para a passagem das pulsões dirigidas à dimensão pessoal de sua identidade para a social.

Compreender o mundo e os que o rodeiam é uma tarefa árdua e monopolizante, o estímulo sexual voltado para o próprio corpo já possui uma nova configuração e voltado para o outro ainda não pode ser pensado. Em situações semelhantes à de Sila, a imposição de estímulos e apelos sexuais tem impedido atividades de elaboração nos jovens, provocando situações traumáticas quando eles ainda não têm a dinâmica entre as instâncias psíquicas preparadas para tal enfrentamento. As uniões que deveriam caminhar para encontros de

fecundação, na genitalidade ou em outras formas de criação, ficam paralisadas em relações parciais e perversas.

Para os pais/cuidadores suportarem a pressão exercida pelos jovens na busca de seus próprios espaços – psíquicos e sociais, vinculada ao abandono ou assassinato dos pais-soberanos; faz-se necessário que tenham apreendido a transitoriedade do poder e dos papéis. Na adolescência de seus filhos, os pais revivem as aventuras de sua juventude, de quando protagonizaram o papel do assassino. Maduros devem dar uma nova significação, pois já experimentaram a permanência de seus pais humanos e destituídos da onipotência. Cada geração que convive com pais narcísicos ou edipicamente mal resolvidos, acumula ônus desagregadores e impeditivos para **experiências do bem-estar**.

Mariana é uma menina que convive com várias gerações mal resolvidas edipicamente, fazendo com que toda a família adoça e permaneça adoecida, pois as relações requerem uma mão dupla entre os afetos de amor, ódio, inveja e reparação. Mariana precisa judiar de seu parceiro para amar; precisa inserir sua mãe em suas descobertas libidinais para não sentir culpa; precisa identificar-se com o pai para não entregar-se ao outro. Objetos de amor estão simbiotizados e fica difícil compreender, a quem e como amar, há o risco de um amor fraternal com o namorado ou incestuoso com os pais.

A escola de Rick também possui uma configuração adoecida encenada em um espaço de convivência entre a diretora equivocada em suas ações educativas; professores apassivados e destituídos de qualquer energia amorosa em seu ofício; e alunos perdidos em excesso de atuações. Ambos os casos, tiveram novas oportunidades de desconstruir os modelos adoecidos de relacionamento, na terapia ou nas oficinas dos estagiários, mas percebe-se que são necessários cuidados também nos espaços sociais nos quais esses adolescentes estão inseridos.

Os pais/cuidadores devem aprender a perceber que seus filhos caminharão além dos roteiros projetados para eles, que irão traçar seu próprio caminho, levar suas pedradas e tropeços, galgar seus sucessos que certamente não serão da mesma amplitude de valores e envolvimento que eles traçaram quando os criaram. Assim, deixarão livres seus filhos, para assumir a condução de seus atos e afetos, e também seguros de que têm um lugar que sobreviveu às suas investidas tempestuosas e lhe darão guarita quando precisarem.

Similarmente ao movimento que me incitou a compreender o duplo mal-estar na adolescência dos dias de hoje, sinto nascer o desejo de delinear saídas para **o bem-estar**. O

momento de passagem de uma sociedade narcisista para altruísta; de relações de obediência e submissão para democráticas; de massificação e despersonalização para subjetividades compartilhadas; da exposição e invasão da privacidade para uma intimidade rica e proveitosa.

Iniciei e termino aproveitando a fala poética e carregada de sabedoria de Cora Coralina.

Saber Viver

Não sei... Se a vida é curta
Ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
É o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
Não seja nem curta,
Nem longa demais,
Mas que seja intensa,
Verdadeira, pura... Enquanto dura

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda e KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 92p.

ANDRADE, Suad H. Narciso: o semi-Deus. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 443-452, 1993.

AZOUBEL NETO, David. **Mito e psicanálise**: estudos psicanalíticos sobre formas primitivas do pensamento. Campinas: Papyrus, 1993. 298p.

BELLINE, Maria Ysabel B. A família como metáfora da fraternidade. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 1, nov. 2002. 9f. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/926/706. Acesso em: 12 jun. 2007.

BERLINK, Manoel. **Pensamento Freudiano III Superego**: estrutura e fenomenologia. São Paulo: PUC, 2003. [Anotações de aulas por Leila Maria V. R. Cunha].

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 304 p.

_____. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social. **Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15(Suplemento), p. 203- 224, 2005.

_____. **Tatuando o Desamparo**. In: CARDOSO, Marta Rezende (org.). **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006. cap. 2. p. 25-44.

BRITTON, Ronald. O elo perdido: a sexualidade parental no complexo de Édipo. In: STEINER, John (org.). **Complexo de Édipo hoje**: implicações clínicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. cap.2. p.70-85.

CAHN, Raymond. **Adolescente na psicanálise**: a aventura da subjetivação. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 201p.

CALLIGARIS, Contardo. A Ressaca do Prozac e os Milagres da Fala. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 mar. 1996, Caderno Mais!, p. 3.

CAMPOS, Dinah M. S. Psicologia da Adolescência: normalidade e psicopatologia. Petrópolis: Vozes, 1996. 160p.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, v. 15, n. 161, p. 88-98, set. 2002. Disponível em:
<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/configedipicas.htm>. Acesso em: 30 jul. 2007.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1981.

CORRÊA, Ana Izabel Gomes e FONSECA, Ana Cristina A. Projeto Estação: desejo e laço social. In: CÔRREA, Ana Izabel Gomes (org.). **Mais Tarde é Agora!** Ensaios sobre Adolescência. Salvador: Ágalma-Psicanálise, 2004. p.137-154.

COTTA, Francis Albert. A Crise da Modernidade e a Insegurança Social. **MNEME – Revista de Humanidades**, Belo Horizonte, v.7, n. 14, 12p., fev./mar.2005.

COUTINHO, Luciana Gageiro. O adolescente e os ideais: questões sobre um mal-estar contemporâneo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2., 2005, São Paulo. Anais eletrônicos... Disponível em:
http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200021&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 23 abr. 2007.

DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 350 p.

EIGUER, Alberto et al. **A transmissão do psiquismo entre gerações**: enfoque em terapia

familiar psicanalítica. São Paulo: UNIMARCO, 1998. 245 p.

ERIKSON, Erik H. **Identidade**. Juventude e crise. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 322p.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio e SNATI, Pedro.L.R. **Psicologia** – Uma Nova Introdução. São Paulo: EDUC, 2000. 98 p.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. Sobre pais e irmãos: mazelas da democracia no Brasil. In: KEHL, Maria Rita (org.). **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000. p. 145-170.

_____. **Psicanálise**: elementos para a clínica contemporânea. São Paulo: Escuta, 2003. 208p.

_____. Saindo da Adolescência. In: CARDOSO, Marta Rezende (org.). **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006. cap. 4. p. 63-76.

FREUD, Ana. **O Ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. 160 p.

FREUD, Sigmund. Romances Familiares. [1908]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**, v. IX. Coordenador da edição eletrônica: Eduardo Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 1 CD-ROM.

_____. Sobre o Narcisismo: uma introdução. [1914]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**, v. XIV. Coordenador da edição eletrônica: Eduardo Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 1 CD-ROM.

_____. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. [1917]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**, v. XVII. Coordenador da edição eletrônica: Eduardo Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 1 CD-ROM.

_____. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. [1921]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**, v. XVIII. Coordenador da edição

eletrônica: Eduardo Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 1 CD-ROM.

_____. O Ego, o Id e outros trabalhos. [1923]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**, v. XIX. Coordenador da edição eletrônica: Eduardo Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 1 CD-ROM.

_____. O futuro de uma ilusão. [1927]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**, v. XXI. Coordenador da edição eletrônica: Eduardo Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 1 CD-ROM.

_____. O mal-estar da civilização. [1930]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**, v. XXI. Coordenador da edição eletrônica: Eduardo Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 1 CD-ROM.

FROTA, Ana Maria C. **O desalojamento e a reinstalação do si-mesmo**: um percurso fenomenológico para uma compreensão winnicottiana da adolescência, a partir de narrativas. 2001. 426f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994. 208 p.

GIORDANENGO, A. (org.). **Dicionário de psicologia do adolescente**. Lisboa: São Paulo: Verbo, 1984.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. 554 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles e FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

KEHL, Maria Rita; CALLIGARIS, Contardo; SEVCENKO, Nicolau. A Sedução dos jovens. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 set. 1998, Caderno Mais! p. 7

KNOBEL, Maurício. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, Arminda e

KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. cap.2. p. 24-62.

LESOURD, Serge. **A construção adolescente no laço social**. Petrópolis: Vozes, 2004, 286p.

LEVISKY, David L. (org.) **Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 143 p.

_____. **Adolescência: Psicanálise e História**. In: GRAÑA, Roberto B. e PIVA, Angela B. S. (orgs.) **A Atualidade da Psicanálise de Adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. cap. 1. p. 11-22.

LINS, Maria Ivone A. **Violência em Serviços Públicos de Saúde Mental: uma experiência clínica com adolescentes**. In: LEVISKY, David L. (org.) **Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p.77-98.

MATHEUS, Thiago C.. **Ideais na Adolescência**. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MEGALE, Fernando C. S.; TEIXEIRA, Jurema. **Notas sobre a subjetividade em nossos tempos. Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, Petry Gráfica, ano 18, n.3, p.48-53, 1998.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Vol. 1. 969 p.

MEZAN, Renato **Psicanálise e Pós-Graduação: Notas, Exemplos, Reflexões**. 1999 <http://www.geocities.com/hotsprings/villa/3170/RenatoMezan.htm>. Acesso em: 08 jan 2007

_____. **Freud, pensador da cultura**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 756 p.

MILONTSCHIK, Cecília S.. **De que ado(l)esce um adolescente?** In: GRAÑA, Roberto B. e PIVA, Angela B. S. (orgs.) **A Atualidade da Psicanálise de Adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. cap. 6. p. 69-74.

MICHELET, JULES. **A Bíblia da Humanidade: mitologias da Pérsia, Grécia e Egito**. São Paulo: Ediouro, 2002. 368 p.

MINAYO, Maria Cecília S. A. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2000. 406 p.

MINERBO, Marion. Espaços e Objetos Transicionais na Análise de Adolescentes Boderline. In: In: CARDOSO, Marta Rezende (org.). **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006. cap. 6. p. 89-108.

MORAES, Silvia Mangaravite de. Função paterna e modernidade. In: ESCOLA LACANIANA DE PSICANÁLISE. **O adolescente e a modernidade**. Congresso internacional de psicanálise e suas conexões. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. Tomo I. p. 251-255.

NERI, Regina. A Psicanálise e as novas formas de subjetivação e de sexualidade. A construção fálica-edípica: Uma teoria da diferença? In: ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE. Encontro Mundial, 2., 2003, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Disponível em: www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5b_Neri_79071003_port.pdf. Acesso em: 05 nov. 2007.

NOVIK, Jack. A Aliança terapêutica no trabalho com adolescentes. In: GRAÑA, Roberto B. e PIVA, Angela B. S. (orgs.) **A Atualidade da Psicanálise de Adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. cap. 24. p. 285-295.

OUTEIRAL, José. **Adolescência, Modernidade e Pós-Modernidade**. Trabalho apresentado no Simpósio “Infância e Adolescência na Psicanálise Contemporânea”, Ribeirão Preto, 2007. 12 f.

PALMEIRA, Clarice G. et al. Desamparo e Melancolia na Adolescência Contemporânea. In: In: CARDOSO, Marta Rezende (org.). **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006. cap. 11. p.157-168.

PANUNCIO-PINTO, Maria Paula e CUNHA, Leila Maria V. R. Atenção ao Adolescente. In: AMORIM, Dalmo; ALESSI, Neiry e GATTÁS, Maria Lucia (orgs). **Práticas Interdisciplinares na Área da Saúde**. Ribeirão Preto: Holos, 2007. 167 p.

RANÑA, Wagner. Os Desafios da Adolescência. **Revista Mente & Cérebro**, São Paulo: ed. 155, p. 42-49, 2005.

RILKE, Rainier Maria. **Poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 183 p.

ROUANET, Sérgio Paulo. O mal estar na modernidade. **IDE**, São Paulo, n. 23, p. 40-53, 1993.

ROSA, Miriam Debieux. Adolescência: da cena familiar à cena social. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002 . p. 227-241. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 Ag. 2007.

RUFFINO, Rodolpho. **Adolescência e Modernidade**. 1999-2003. Disponível em: <http://www.pailegal.net/fatpar.asp?rvTextoId=1021480420>. Acesso em: 23 abr. 2007.

SILVA, Paulo Sérgio. **A formação do eu: a busca da autonomia e o desenvolvimento da maturidade**. São Paulo: Expressão e Arte, 2003. 252p.

SILVA JÚNIOR, Nelson. Sintoma e Mal-estar na Cultura: sobre a recodificação mercantil do psiquismo e seus efeitos. In: Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise, 4., 1995. **Anais eletrônicos...** Disponível em:

http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Nelson_da_Silva_Junhor.pdf. Acesso em: 05 nov. 2007.

STEINER, John. **Refúgios psíquicos: organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiricos**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 188p.

TRACHTENBERG, Ana Rosa C. Transmissão Psíquica Intergeracional e Transgeracional: o complexo de Édipo da dupla diferença. In: GRAÑA, Roberto B. e PIVA, Angela B. S. (orgs.) **A Atualidade da Psicanálise de Adolescentes: formas do mal-estar na juventude**

contemporânea. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. cap. 11. p. 131-138.

TUBERT, Silvia. **A morte e o imaginário na adolescência**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 191p.

ULANOV, Ann & Barry. Valores Culturais na estruturação da personalidade. In: VON KOSS, Monika. **Feminino + Masculino**: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000. cap. 9. p. 175-190.

VENTURI, Camilo; BARBOSA, Mariana e PINHEIRO, Teresa. Vergonha e Adolescência. In: CARDOSO, Marta Rezende (org.). **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006. cap. 7. p. 109-122.

WINNICOTT, Donald W. **A Família e o desenvolvimento Individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 247 p.

_____. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 222 p.

_____. **Tudo começa em casa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 282p.

ANEXO A

Auto – Retrato¹

Se me contemplo, tantas me vejo, que não entendo quem sou, no tempo do pensamento. Vou desprendendo elos que tenho, alças, enredos... E , tudo imenso... Formas, desenho que tive, e esqueço! Falas, desejo e movimento - a que tremendo, vago segredo ides, sem medo?! Sombras conheço: não lhes ordeno. Como procedo meu sonho inteiro, e após me perco, sem mais governo?!	Nem me lamento nem esmoreço: no meu silêncio há esforço e gênio e suave exemplo de mais silêncio. Não permaneço. Cada momento, meu e alheio. Meu sangue deixo, breve e surpreso, em cada veio semeado e isento. Meu campo, afeito à mão do vento, é alto e sereno: AMOR, DESPREZO. Assim compreendo o meu perfeito acabamento.	Múltipla, venço este tormento do mundo eterno que em mim carrego: e, una, contemplo o jogo inquieto em que padeço. E recupero o meu alento e assim vou sendo. Ah, como dentro de um prisioneiro há espaço e jeito para esse apego a um deus supremo, e o acerbo intento do seu concerto com a morte, o erro... (Voltas do tempo - sabido e aceito – do seu desterro...)
--	---	---

¹ MEIRELES. Poesia Completa. 2001, p. 456-9

ANEXO B

[...] Narciso é filho do deus Cefiso e da ninfa Liríope. Quando nasceu, os seus pais consultaram o adivinho Tirésias, que lhes disse que a criança ‘viveria até ser velho, se não olhasse para si mesmo’. Chegado à idade adulta, Narciso foi objeto da paixão de grande número de raparigas e de ninfas. Mas ele ficava insensível. Finalmente, a ninfa Eco apaixonou-se por ele; mas não conseguiu mais do que as outras. Desesperada, Eco retirou-se na sua solidão, emagreceu e de si mesma em breve não restou do que uma voz gemente. As jovens desprezadas por Narciso pediram vingança aos céus. Némesis ouviu-as e fez com que, num dia de grande calor, depois de uma caçada, Narciso se debruçasse sobre uma fonte, para se dessentendar. Nela viu o seu rosto, tão belo, e imediatamente ficou apaixonado. A partir de então, torna-se insensível a tudo o que o rodeia, debruça-se sobre a sua imagem e deixa-se morrer. No estige, procura ainda distinguir os traços amados. No lugar onde morreu, brotou uma flor à qual foi dado o seu nome, o narciso.²

² GRIMAL, 1993, p. 322.

ANEXO C

[...] À nascença, Édipo estava já marcado por uma maldição. Um oráculo teria declarado a Laio que o filho gerado por Jocasta ‘mataria o pai’. Para evitar que o oráculo se cumprisse, o pai solicitou a um servo a exposição do recém-nascido. Este trespassou-lhe os tornozelos, atando-os com uma correia, e o entregou a pastores estrangeiros. Pólipo e sua esposa assumiram Édipo como seu filho em seu reino - Corinto, onde viveu durante a infância e adolescência. Ao chegar à idade adulta, Édipo voltava de Delfos, onde o deus lhe tinha predito que ele mataria o pai e casaria com a mãe com a decisão de exilar-se em Tebas evitando o cumprimento de sua sorte. Foi neste momento em que cruzou com Laio em um estreito, os dois se desentenderam, quando o jovem, encolerizado, mata Laio. Ao chegar a Tebas, Édipo encontrou a Esfinge que apresentava enigmas aos transeuntes, devorando os que não os decifrassem. Costumava perguntar: ‘qual é o ser que caminha ora com dois pés, ora com três, ora com quatro, e que, contrariamente ao normal é mais fraco quando usa o maior número de pés?’ Édipo decifrou, matou a Esfinge e assim conquistou as boas graças de toda a cidade. Como prova de gratidão, deram-lhe em casamento a viúva de Laio e tomaram-no por rei. O segredo, no entanto, viria a ser descoberto. A peste devasta a cidade de Tebas e o rei envia Creonte a Delfos para averiguar a causa do flagelo. O emissário volta com a resposta da Pítia: a peste não cessaria enquanto a morte de Laio não fosse vingada. Tirésias é consultado para esclarecer quem seria o culpado, mas conhecedor de todo o drama tenta furtar-se à resposta. Jocasta intervem e exige uma explicação: ‘Laio foi morto em uma encruzilhada por bandidos e não como previra pelo filho, já que este foi exposto ao nascer.’ Ao ouvir isto Édipo levanta suspeita sobre si, pede descrições a um dos acompanhantes de Laio naquela viagem sobre o rei morto, o carro em que viajava, e o local onde ocorreu o homicídio. Este servo era o mesmo que havia cumprido a ordem de Laio no nascimento de Édipo. Chega um mensageiro de Corinto anunciando a morte do rei. Por pouco tempo Édipo e Jocasta aliviam-se pensando estarem livres da ameaça do oráculo, pois Polipo tinha tido uma morte natural. O mensageiro revela neste momento que Pólipo não era seu pai e sim o havia adotado. Completa-se a teia e os envolvidos rendem-se às evidências. Jocasta se enforca e Édipo trespassa os olhos com o alfinete de Jocasta.

ANEXO D

“Todo mundo, em algum momento, pára para pensar na própria vida. São nesses momentos que aparecem as dúvidas, por mais vivido e experiente que seja, não é possível termos respostas para todas as dúvidas. Alguns conseguem, em tantas palavras, construir atalhos para alcançar respostas. Como aquele que diz: ‘cada um tem sua cruz, é necessário saber carregá-la’.

Destas palavras podem considerar vitoriosos aqueles que a decifram como soluções nos tais momentos. É comum fazermos uma retrospectiva apenas de fatos ruins que vivemos, daí então nos sentimos os mais prejudicados e infelizes do mundo. Quanto isso acontece temos vontade de largar tudo, com esperança de achar um mundo de seres passivos, ou até de podermos ser puros novamente, assim como já fomos na infância e já não somos mais por ter uma realidade onde o rico é rico, o pobre é pobre, preto é preto, branco é branco.

São essas diferenças que nos tornam ambiciosos, e mesmo tendo um objetivo em comum, que é a paz, lutamos e nos destruimos progressivamente.

Gostaria muito de ser diferente, nunca perder a razão, nunca fazer injustiça e nunca ser injustiçado, e para isso acho que teria que ser de outra espécie, qualquer uma, desde que não seja a humana.”³

³ Depoimento de Pedro.